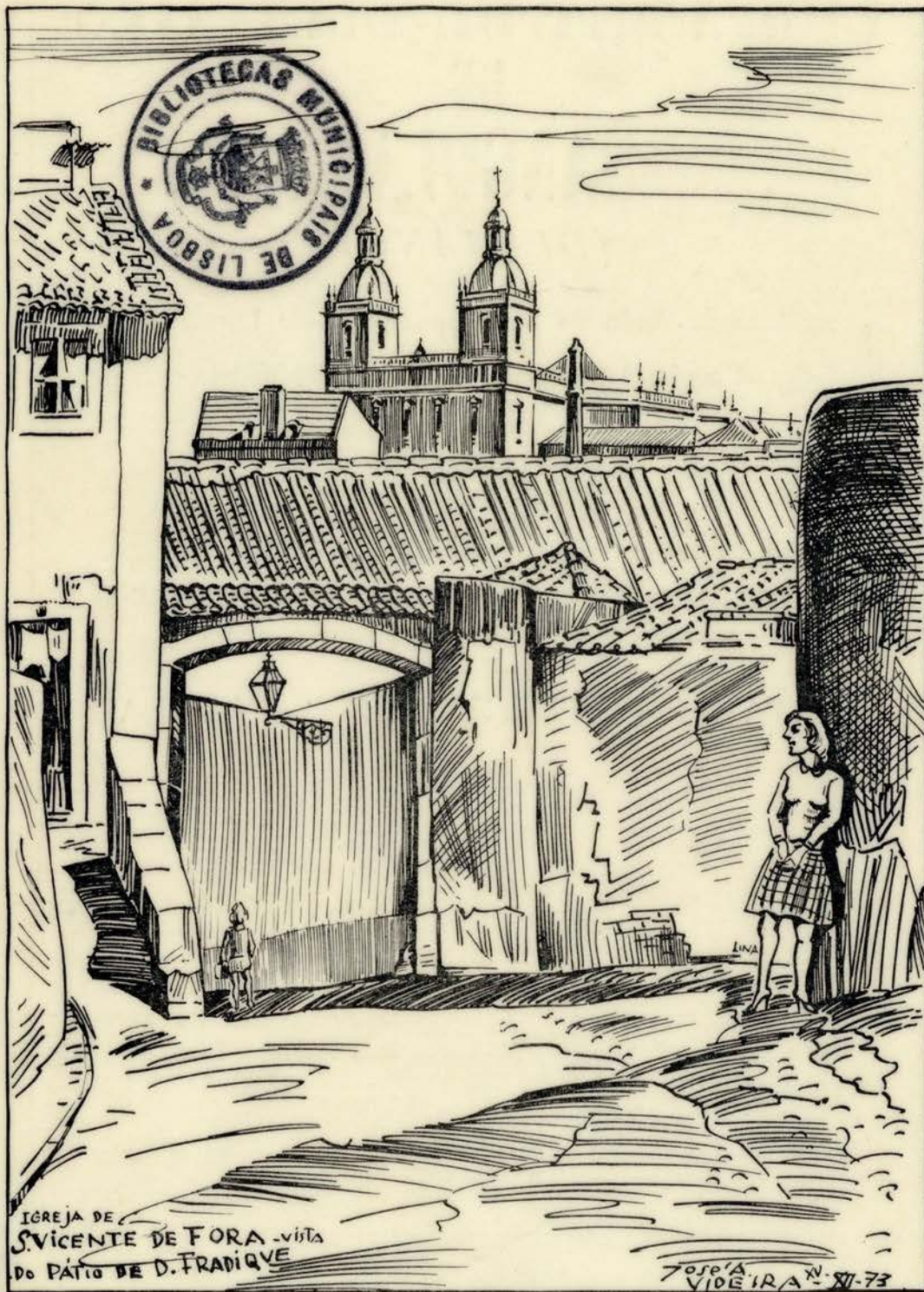


OLISIPO

Boletim do

Grupo Amigos de Lisboa



IGREJA DE
S. VICENTE DE FORA - vista
do PÁTIO DE D. FRADIQUE

JOSE A.
VIDEIRA N.º 87-73



COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Social: 865 000 000\$00



Empresa nacional para pesquisa
e extracção de diamantes em regime
de associação de interesses com o

ESTADO PORTUGUÊS DE ANGOLA



SEDE SOCIAL

Rua dos Fanqueiros, n.º 12
LISBOA

DIRECÇÃO-GERAL EM ANGOLA
DAS EXPLORAÇÕES
DUNDO — LUNDA

REPRESENTAÇÃO EM ANGOLA
Rua Avelino Dias, n.º 59
LUANDA

TELEGRAMAS:
DIAMANG

Oferta

27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

ANO XXXVI

JANEIRO/DEZEMBRO DE 1973

NÚMERO 136

Direcção, Edição e Propriedade
do

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 5-A

SUMÁRIO



	Página
EDITOR EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES	3
UM GRANDE AMIGO DE LISBOA	5
ROTEIRO FRASEOLÓGICO DE LISBOA	
pelo <i>Dr. Paulo Caratão Soromenho</i>	7
LISBOA — CAPITAL DAS ESPECIARIAS	
pelo <i>Dr. José Cassiano Neves</i>	26
SOBRE AS MEDALHAS COMEMORATIVAS DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, PADROEIRA DE PORTUGAL	
pela <i>Dr.ª Anna-Maria Pereira da Gama</i>	31
A IGREJA DE S. DOMINGOS DE LISBOA	
pelo <i>Dr. Manuel H. Louvinho</i>	38
CARTAS DE JÚLIO DE CASTILHO A UM LISBOETA EXILADO	
por <i>Ernesto Rodrigues</i>	48
LISBOA QUINHENTISTA NA CORRESPONDÊNCIA DE INÁCIO DE AZEVEDO	
por <i>Ernesto Rodrigues</i>	78
D. NUNO EM LISBOA	
pelo <i>Dr. Paulo Caratão Soromenho</i>	105
BENTO DE MOURA PORTUGAL, NA LISBOA DO SÉCULO XVIII	
por <i>Abílio Mendes do Amaral</i>	119
LISBOA (POESIA)	
pela <i>Dr.ª Anna-Maria Pereira da Gama</i>	128
LISBOA (SONETO)	
por <i>Inocência Castelhana</i>	130
LISBOA NOS VERSOS DE ANTÓNIO NOBRE	
por <i>António Brochado Rodrigues</i>	131
GAGO COUTINHO — GEÓGRAFO	
pelo <i>Capitão-de-mar-e-guerra Manoel Affonso Dias</i>	136
UMA IGREJA DE LINHAS MODERNAS COM PROFUNDAS RAÍZES NA HISTÓRIA	
por <i>Mariac Dimbla</i>	161
ANTÓNIO ALUÍZIO JÉRVIS PEREIRA	163
OS MEIOS DE INFORMAÇÃO E O GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»	166
FEIRA DA LADRA	172
ACTIVIDADE CULTURAL	
1.º Semestre de 1973	174
2.º Semestre de 1973	178
RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA REFERENTE AO ANO DE 1972 E AO TRIÉNIO DE 1970/72	180
CAPA: Igreja de S. Vicente de Fora vista do Pátio de D. Fradique, por <i>J. A. Videira</i>	
VINHETAS de <i>J. A. Videira</i>	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

CORPOS GERENTES DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Triénio 1973/75

JUNTA DIRECTIVA

EFFECTIVOS

- Presidente* — Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves
Vice-Presidente — Dr. Paulo Caratão Soromenho
Secretário-Geral — Dr. José Cassiano Neves
Secretário-Geral Adjunto — Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho
Tesoureiro — Inocêncio Castelhana
Vogais — Dr.^a D. Anna-Maria Pereira da Gama
Padre Francisco dos Santos Costa
Professor Francisco de Assis de Oliveira
Martins
Dr. Leonel Ribeiro

ASSEMBLEIA GERAL

- Presidente* — Dr. V. M. Braga Paixão
Vice-Presidente — Dr. Álvaro do Amaral Barata
1.º Secretário — Joaquim Pascoal Rodrigues
2.º Secretário — Joaquim Paço d'Arcos

COMISSÃO DE CONTAS

- Presidente* — Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos
Secretário — Eng.º Júlio Eduardo dos Santos
Relator — Carlos de Barros Queiroz



Catiminas, igreja do Santo Condestável, do São do Antão, e as Ruínas do Convento do Carmo, etc.

Fra. cunha d'avença, o filho empírico vivo da comissão organizadora do Grupo Amador de Lisboa e cunha do fundador do presidente da sua bofetada *Olinho*.

DOUTOR EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES

Sócio da Sociedade de Ciências Médicas, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, da Academia Portuguesa de Ex-Libris e do Instituto de Coimbra, o Dr.

Simpatia irradiante, conversa atraente, entusiasmo comunicativo, expressão fácil, emoção a rodos, cultura ampla, inteligência vivíssima, curiosidade contínua, memória invulgar, energia forte — tais terão sido as características notáveis do nosso Amigo Doutor Eduardo Neves, médico, arqueólogo, numismata, conferencista, coleccionador, olisipógrafo.

O VICE-PRESIDENTE DA JUNTA DIRECTIVA

DOCTOR EDUARDO NEVES
DOUTOR AUGUSTO DA SILVA NEVES

Presidente — Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos

Secretário — Eng. João Eduardo dos Santos

Relator — Carlos de Barros Queiroz

UM GRANDE AMIGO DE LISBOA

Conforme noticiámos, faleceu o Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves, distinto lisboense e único sobrevivente do punhado de lisboetas que, em 1936, com os falecidos Gustavo de Matos Sequeira, Rocha Martins, Pastor de Macedo, Norberto de Araújo, Augusto Vieira da Silva, Tinop e Leitão de Barros (para só falar dos maiores, pela obra legada no campo da investigação) fundou o Grupo dos Amigos de Lisboa, que ainda hoje subsiste e tem tido uma acção relevante e entusiástica.

O Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves, que nascera em Lisboa em 1895 (contando, portanto, 78 anos), formara-se em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina de Lisboa, tendo ainda os cursos superiores de Medicina Legal, Hidrologia e Climatologia e o curso especial de Higiene Pública. Homem bom, grande carácter e grande inteligência, o Dr. Eduardo Neves foi médico efectivo da Santa Casa da Misericórdia, do Albergue dos Inválidos de Trabalho e da Associação dos Empregados do Comércio, tendo sido também assistente da Faculdade de Medicina, do Hospital Escolar (então em Santa Marta) e do Instituto de Medicina Legal.

O seu amor a Lisboa reflecte-se nas inúmeras obras que nos deixa, como «A Faculdade de Medicina de Lisboa», «Convento dos Barbadinhos Italianos», «Lisboa na Numismática e na Medalhística», «A Basílica de N.ª S.ª dos Mártires», «Lisboa nos Ex-Líbris», «Igreja da N.ª S.ª da Penha de França», «Um Arcebispo Primaz Natural de Lisboa», «Igreja de Santa Catarina», «Igreja do Santo Condestável», «O Sítio do Intendente», «As Ruínas do Convento do Carmo», etc.

Era, como dissemos, o único componente vivo da comissão organizadora do Grupo Amigos de Lisboa, e exercia as funções de presidente da junta directiva desta instituição e de colaborador valioso e assíduo do seu boletim *Olisipo*.

Sócio da Sociedade de Ciências Médicas, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, da Academia Portuguesa de Ex-Líbris e do Instituto de Coimbra, o Dr.

Eduardo Neves foi ainda um apaixonado coleccionador, reunindo na sua Quinta da Eira, em Ferreira do Zêzere, preciosas colecções de obras de arte, ex-líbris, numismática e outras.

No seu funeral, realizado ontem, da Igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de S. João, após missa de corpo presente, celebrada pelo rev. padre Raul de Sousa, incorporaram-se muitas pessoas de todas as categorias sociais que acompanharam na dor a filha, o genro e os netos do falecido. Entre os que acorreram a prestar a última homenagem ao homem de ciência e ao historiador de Lisboa, viam-se o Prof. Cândido de Oliveira, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, o Dr. José Cassiano Neves, secretário do Grupo, Rogério de Figueiroa Rego, pela Academia Portuguesa de Ex-líbris, professor pintor Narciso Alfredo de Moraes, Drs. Amaral Barata, D. Maria da Glória Filipe de Sousa, César da Silva Baptista, Francisco Félix Machado, Timóteo Machado, Paulo Caratão Soromenho e esposa; Fernando Dias Pereira, João Perry Vidal, escritor Francisco de Assis de Oliveira Martins e filho, Guilherme Waldemar, poetisa Cristina Bérens Freire; Eng.^{os} Júlio Eduardo dos Santos e Manuel Sampaio do Amaral; marquês de Sá da Bandeira, jornalistas Carlos de Barros Queirós por si, pela Sociedade Protectora dos Animais, pelo Grupo «Os Carlos» e pelos jornais «O Globo» e o «Mundo Português» e Béni Homan, Dr.^a Anna-Maria Pereira da Gama, D. Sidónia Dionísio, Rogério Martins Afonso e esposa, Américo Marques Teixeira e esposa, Henrique Baião Neves e esposa, Fernando Mota e esposa, Guilherme da Costa Simões e esposa, João Godinho de Matos, José Pinto da Silva, José Rodrigues Varela, Armando Charuto, Manuel de Brito Camacho Brando, Manuel Choca, Brito Teixeira, Dr. Leonel Ribeiro, Joaquim Pascoal Rodrigues, Carlos Augusto Marques, Manuel Lourenço Romeira, Luciano Mendes Moreira, Filipe Manuel dos Santos Pires, Rui Santiago das Neves, Américo de Almeida Viana, Eduardo Dantas de Matos, Nuno da Veiga Cardoso, Felisberto de Carvalho, Álvaro do Amaral Baptista e muitas outras pessoas.

(*Diário de Notícias*, de 1 de Agosto de 1973)

ROTEIRO FRASEOLÓGICO DE LISBOA

pele DR. PAULO CARATÃO SOROMENHO

Há trinta anos, esse ilustre homem dos jornais, poeta e romancista, que sabia condimentar o seu belo sentido crítico e uma ironia bem-intencionada, jamais sangrenta, pois era bondoso de natural, inteligente e culto, trabalhador e, porque o era, liberal — de seu nome completo Raul das Neves Reis, da família do célebre guerrilheiro algarvio, o Reis Remexido (de facto nada liberal, o que provocava curiosos e bem-humorados comentários ao seu parente nosso contemporâneo) — esse ilustre homem de jornais, dizíamos, iniciou uma nobre campanha, continuadora de tentativas anteriores, um tanto difusas e por isso ineficazes. Compreensivamente aceito por outro jornalista notável, Raul de Oliveira, então director do jornal *Os Sports* (que depois se chamará em boa linguagem portuguesa *Mundo Desportivo*), e de igual modo autorizado pela empresa proprietária da publicação, Neves Reis escreveu inúmeros artigos quer em forma de notas quer com estrutura de estudos, e ainda respondendo com esclarecidas informações a perguntas de muitos leitores, interessados pela Língua nacional: de ortografia e de fonética, de morfologia e de semântica, de sintaxe e de estilística. O cerco à sua volta foi-se apertando até que se criou uma tertúlia, risonhamente intitulada «da Recta-Pronúncia», mas seriamente disposta «a aprender de aprendiz para aprendiz». Sem estatuto nem corpos gerentes, sem quotização, sem sede, sem sócios numerados, a Tertúlia viveu quase uma década, metade da qual com intensa acção — fosse nas publicações periódicas citadas fosse em outras; bastantes dos que se ligaram ao agrupamento deram activa colaboração; distribuíram-se quantidades apreciáveis de livros a instituições culturais populares, na altura de visitas, em que se faziam palestras e se estabeleciam diálogos com os assistentes (sistema então quase ignorado); e, de certo modo, se pode afirmar que da Tertúlia nasceu a ideia

da fundação da Sociedade de Língua Portuguesa. Alguns dos membros da original instituição foram convidados para entrevistas ou participações em programas radiofónicos. E dentre eles, o autor destas linhas foi ouvido no Rádio Peninsular (8-12-1946) sobre paremiologia lisboeta. Com base no que então disse, apresentou uma memória intitulada «Elementos para um Guia Fraseológico de Lisboa», na 40.^a reunião da Tertúlia da Recta-Pronúncia (17-1-1947), publicada dias depois (22-1-1947) no *Mundo Desportivo*. Reproduzida seguidamente, ser-lhe-ão acrescentadas mais informações, que vão constituir a primeira parte de um trabalho, há muito em preparação, sobre a *Fala de Lisboa*:

«Suponham V. Ex.^{as} que partem do sul e se dirigem a Lisboa. Encontram-se na Outra Banda, à beira-rio, dispostos a passar o Mar da Palha. Como o poderão fazer? Pelo ar? De barco? A nado? Não deixaria de ser agradável virem por seu pé, mas falta... a ponte sobre o Tejo, velha ideia dos Lisboaetas, que eles já incluíram na fraseologia corrente. *A ponte sobre o Tejo* é uma frase estereotipada que nos indica, metaforicamente, o impossível. Entram então num vapor e dentro de minutos estarão a *desembarcar no Terreiro do Paço*. Longe vá o agouro! Desembarcar é fácil; contudo, na linguagem ulissiponense tem significado especial que nos lembra coisas desagradáveis. Se alguém sofrer as consequências de um mau encontro, terá de andar de Herodes para Pilatos a fim de se libertar delas. Em muitos casos é tempo perdido: *barco vai, barco vem de Lisboa para Santarém*. Representamos, frequentemente, esta inutilidade de esforços por uma alteração: *burro vai, burro vem de Lisboa para Santarém*. E qual a origem da frase tão nítida de expressão e de explicação tão obscura? Segundo parece data do século XIV, do tempo de D. Fernando, de quando o formoso monarca subiu o Tejo para se encontrar com o rei castelhano D. Henrique, em terras de Santa Iria. De lá voltou muito «henricado», como afirmava, mas os resultados da conversa foram apreciados pelo povo, bem se vê, pouco lisonjeiramente. E é justo, então, que me seja perguntado: E a tal outra lição da frase em que se fala de *burro* e de *Santarém*? Talvez se possa justificar por uma intervenção saloia...

Esperemos, pois, que o desembarque se faça em boa hora. V. Ex.^{as}, mesmo sem nascerem no Algarve, podem *ser de Olhão... ter passado pela Boa Vista e não ter ido ao Arco do Cego*. Quem me assegura que não *vêm mosquitos na Outra Banda*?

Estão V. Ex.^{as} em pleno *chão grande*, como era conhecida a nossa Praça do Comércio, há um século, na gíria dos criminosos. *Ir cardar para o chão grande* era, decerto, negócio de monta e de bom lucro, a calcular pela criação duma frase semi-secreta para o designar.

E nesta altura, contemplem a impressionante harmonia daquele conjunto de edifícios públicos. Lembram-se? Não há muitos anos, quando dois lisboetas se falavam, pediam-se mutuamente *notícias da Arcada*. A Arcada era esta. Os destinos do país aqui se decidiam. Hoje deixámos de falar assim. Abrimos o jornal e a rádio e, conforme parece, tornou-se desnecessário interrogar o nosso semelhante.

Pois sim, senhores, é uma praça majestosa, artística, evocativa. E que extensa! É verdade. Já lá vai o tempo em que se exclamava com falsa serenidade e, tantas vezes, duvidosa valentia: *Se queres alguma coisa, vamos para o Terreiro do Paço*. Às vezes iam mesmo. Nestes nossos tempos sossegados e legais não valeria a pena da deslocação. Segue-se directamente para a polícia ou para o advogado. Enfim, o desafio era, tanto quanto podemos presumir, uma reminiscência das épocas em que por cá se realizaram justas e torneios.

Eis-nos em frente do grande monumento. Lá está o nosso bom D. José no seu cavalo passeante, voltado ao rio, como quem guarda a casa e ao mesmo tempo espera convidados. Contudo, a lição que a estátua nos dá é bem diferente do que dele dizia o lisboeta boateiro e má-língua: *D. José ao torno e o Marquês no trono*. O reformador deixava ao seu ministro os cuidados do trono — estado, enquanto ele alindava o trono — móvel simbólico. Sebastião José, sem mais apelidos, como por desprazer lhe chamavam os seus inimigos, celebrou, caso a não tenha inventado, uma frase: *Agora sim, Portugal, que vais à vela!* E a gente, sua conterrânea, pouco depois afirmava à boca pequena: *Mal por mal, antes Pombal*.

Vejam V. Ex.^{as} que à sua direita têm ocasião de contemplar trechos de instalações aduaneiras, cuja sede se deslocou, há tempos, para o Terreiro do Trigo. Foram elas que deram vida ao prolóquio — *se tens força, vai para a Alfândega* — com o qual troçamos daqueles valentões de baixo estofa, tipo dos que declaram: *Vira-me o lombo, que eu sou de Alcântara*.

Queiram V. Ex.^{as} em seguida levantar os olhos para seu deslumbramento. E observem o encanto do casario que, em socalcos,

sobe a encosta do castelo. Ali se erguem as pedras morenas da nossa catedral. Pois também este venerável documento, coevo de D. Afonso Henriques, entrou na fraseologia alfacinha. Diz-se por toda a província — *isso é mais antigo do que a Sé* — e pensa-se na de Braga; repete-se em Lisboa, e pensa-se na sé que enxergamos neste momento. A tal distância, parece-nos envolvida em doce quietude; visitem-na, porém, num dia de semana, e hão-de notar que está em obras. *Obras da Sé!* Estão a transformar-se em permanentes, mas não se assemelham às *obras de Santa Engrácia* — que sobre elas caiu terrível maldição. Quando nos falamos no termo das primeiras e no reatamento das segundas, vem-nos aos lábios o comentário: *Muito bem se canta na Sé...*

Gil Vicente usou, um dia, o engraçado ditado: *Assim seco como é, beberá a torre da Sé!* Exigem V. Ex.^{as} comentário mais incisivo a certos ambiciosos, a certos bebedores, a certos insatisfeitos que topamos por essas ruas, travessas, escadinhas, praças, avenidas, alamedas e por esses becos, pátios, largos, sítios, cantos e jardins que constituem a nossa mui nobre e leal cidade?

Cuidado, senhores visitantes! Iamos sendo derrubados por essa varina que já não grita: *Ó carapau... Ó viva da Cuosta!* Bom... livrámo-nos de boa e vamos continuar.

Que lindo aspecto nos concede a capital nas suas casas de tons variados, mais parecendo uma fantasia e não a realidade! Bem podem exclamar as lisboetas orgulhosas do seu lar, que se eleva em andares e pela vertente: *Ai! Moramos perto do Céu!*

E que belo alinhamento das três ruas: da Prata, Augusta e do Ouro! A última chama-se, como creio, oficialmente Rua Áurea. Mas qual é o português que, falando português, a indica desta forma? Rua do Ouro! E há 80 anos *fazia-se a Rua do Ouro*, como há 50 *se fazia o Chiado*, e como agora *fazemos a Avenida*, e como há cem *se fazia o Terreiro do Paço*. As nossas avós bem bramavam e hoje em dia as nossas mulheres, não acreditando que nós possamos *fazer* qualquer arruamento da cidade, até às três horas da manhã...

Então V. Ex.^{as} tencionam permanecer? Não querem passar do Terreiro? Têm muita razão. Deste ponto, se não *corremos a cidade toda* à procura de novos encantos, e *se Lisboa se não meteu toda pelos nossos olhos dentro*, algo já vimos dela.

Diga-se: *Quem viu Goa, escusa de ver Lisboa; Lisboa é coisa boa, Coimbra é coisa linda; partilha de Lisboa com Almada, uma*

leva tudo, a outra nada. Diga-se, mas não se acredite: Quem nunca viu Lisboa não viu coisa boa!

E agora noto. V. Ex.^{as} estão muito maçacrados e com certeza perguntaram aos seus botões: *Já deu meio-dia em S. Paulo?*

Vou, portanto, acabar, e antes que V. Ex.^{as} pensem generosamente em mandar-me *para a Mitra*, eu trato de abalar para a *Ilha do Sumiço*.»

A tentativa de amenidade, feita na memória acabada de ler, não será continuada. Os elementos que se acrescentam seguem outra ordenação: tanto quanto possível as frases toponímicas relativas à cidade ficam agrupadas por zonas alfacinhas e abonadas por citações⁽¹⁾ — de maior ou menor extensão, conforme o que foi possível conseguir da bibliografia lisboeta.

Antes, porém, de prosseguir, desejo recordar que o Dr. Alfredo da Cunha, na sua «Lisboa na Paremiologia Peninsular», conferência pronunciada no salão nobre dos Paços do Concelho em 25 de Outubro de 1939 (Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa), fixando-se no prólogo quinhentista «Quem não viu Lisboa não viu coisa boa» considera a sua repercussão no país vizinho, comentando-o literariamente; e ainda é conveniente anotar que algumas expressões se encontram já classificadas noutro trabalho nosso «O Mar na Língua Portuguesa» (in *Novidades. Letras e Artes*, de 26-4-1942, e *Mundo Desportivo*, de 13-20 de Abril e 11-18 de Maio de 1945).

1. Já na linguagem popular do século XVIII se nos deparou num folheto de literatura de cordel, *Jornada para as Caldas*, p. 251, a expressão «pressentir mouros na barra», adaptação lisboeta de «andar mouro na costa».

2. A navegação no Tejo — e agora trata-se de um esplêndido exemplo de capacidade expressiva popular — provocou há uns cinquenta anos o seguinte trecho de carta, escrita por um homem rude das Laceiras (Viseu), contando as impressões causadas pela travessia. Não é frase alfacinha, mas cita-se pela realidade sentida e manifestada, com origem numa experiência sofrida com intensidade: «... o barco ia òs pintchos e òs quintchos e às abocanhadas à-i-água.»

(1) Quando não abonados, os prólogos são da recolha directa de P. C. S.

3. As nossas garridas varinas — cada vez menos pregoeiras... se ainda as há — gritavam o seu «Oh! Viva da Cuosta!», com uma adjunção labial no primeiro fonema, e já fixado por exemplo no óptimo conjunto de pregões, que Alfredo Mesquita reuniu na sua *Lisboa*, ilustrada, no princípio do século. E já agora, para regalo de leitores, aqui se reproduzem todos eles, que servem de legenda a 26 graciosos desenhos: «Merca frangos!» (galinheira); «Merca a mão de nabos!» (vendedeira de hortaliza); «Quentes e boas!» (vendedor de castanhas assadas); «A... zeite doce!» (azeiteiro); «Ai o queijo saloio... (vendedeira de queijo); «Ah! Viva sem sal!» (peixeira); «Vá lá ostras, ostras!» (vendedeira de ostras); «Eh! Viva da costa!» (peixeira); «E é o vaso de as flores...» (vendedeira de flores); «Olha a couve lombarda!» (mulher da hortaliza); «Conserta chapéus de sol!» (deita gatos e conserta chapéus de sol); «Rendas, rendas!» (vendedor de rendas); «*Una dúzia dié réis!*» (vendedor de bolos); «Eh! briche fino!» (vendedor de fazendas); «Quem quer uvas da vinha, quem quer uvas boas?» (vendedeira de fruta); «Merca a réstea de alhos novos!» (vendedor de alhos); «A...ú!» (aguadeiro); «Cá 'stá a Paródia!» (garoto dos jornais); «Água fresca e capilé!» (vendedor de refrescos); «Fígado de vaca!» (vendedor de miúdos); «Azeite doce e bom vinagre!» (vendedor de azeite); «Merca alecrim!» (vendedor de alecrim); «Sorbete! Sorbete!» (vendedor de sorvete); «Agulhas e Alfinetes!» (vendedor de agulhas e alfinetes); «Vá lá camarão!» (vendedeira de camarão); «Fava rica!» (vendedeira de fava rica). A propósito, recorda-se que os vendedores de sorvete que iam para a porta do Liceu de Gil Vicente, aberta para o Campo de Santa Clara, exclamavam: «Soribèté-té!» Se os leitores estiverem interessados nos pregões lisboetas, q. v. Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga — O Bairro Alto*, v. 3.^a ed. pp. 191-193, 198-199, 225-237, 382, 396-400; e Guilherme Felgueiras, «Lisboa dos Líricos Pregões...», in *Olisipo*, n.º 19, Julho de 1942, pp. 135-140.

4. Ainda, sem sairmos do nosso rio, lembremos a frase provocada pelas indecisões de D. Fernando, o Formoso — por amor ou por política — e que verificamos com variantes: «Exvollo vai, exvollo vem, de Lisboa para Santarém» (cap. xxxvi da *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes); Afrânio Peixoto, em *Viagens na Minha Terra*, fez interpretação defeituosa da frase, «corrigindo-a»: «D. Fernando, aí indeciso entre D. Leonor e o seu dever de rei português, vai e vem, de onde o ditado de Santarém — ex-voto vai, ex-voto vem, a Lisboa para Santarém.» Con-

tudo aquele *exvollo* significa antes «eis-vo-lo», isto é, «ei-lo vós aí, ora de Lisboa para Santarém, ora de Santarém para Lisboa.»

António Tomás Pires, in *Origem de várias locuções...*, pp. 97-98, conta assim: «O povo que sofreu as invasões castelhanas provocadas pelos desvarios de D. Fernando, que chegou a estar cercado em Santarém, atacou-o nos seus amores dissolutos em um *rifam de escarnho*, que Fernão Lopes traz na sua *Chronica: Exvollo vai, exvollo vem, de Lisboa para Santarém.*» Este pasquim histórico conservou-se tão profundamente na tradição oral que o achamos em duas variantes: *Tolo vai, tolo vem de Lisboa para Santarém.* E estoutra aplicada às lutas constitucionais de 1832: *D. Pedro vai, D. Pedro vem, mas não entra em Santarém.* A propósito da primeira variante vem a recolha e o comentário do Doutor Leite de Vasconcelos: «*Quem burro vai a Santarém, burro vai e burro vem*; este provérbio alude talvez à Universidade dos Jesuítas que aí houve»⁽²⁾; ainda esta versão, não abonada: «Barco vai, barco vem, de Lisboa para Santarém»; «Burro vai, burro vem de Lisboa para Sacavém» (dado num artigo de Gonçalo Henriques); e finalmente uma quadra popular, recolhida por Fernando de Castro Pires de Lima:

Para Coimbra burros vão,
de Coimbra burros *vem*:
Coimbra não pode dar
Juízo a quem o não tem.

5. A entrada de Lisboa, a sua sala de visitas, é o Terreiro do Paço — o mercantilismo setecentista designou-o sem êxito «Praça do Comércio» — que o povinho alcunhou «chão grande» (Leite Bastos, *Diogo Alves*, p. 20) «cemitério dos brancos» («Calão, Gíria Popular», de Alfredo Augusto Alves, in *Olisipo*, 58, Abril de 1952, p. 121) e, aquando da primeira República, nomear o Terreiro do Paço era exprimir por sinonímia «Governo».

6. Certa frase do século XVIII, que ficou tradicionalmente, teve a seguinte explicação de António Tomás Pires, in *Origem de várias locuções...*, pp. 124-125:

O dito dito, lá no Terreiro do Paço!

(²) A imaginação maliciosa dos Lisboetas criou uma outra *universidade*, a de Cacilhas, hoje pouco citada já, mas de que muitos ainda falaram; tudo alusão aos muitos burros de aluguer ali existentes antes da «explosão automóvel».

Um padre provinciano foi a Lisboa no tempo de D. João V solicitar a sua colocação numa freguesia rural. Depois de andar de Herodes para Pilatos e de esgotar todos os recursos para conseguir o que desejava, desanimou e dispôs-se a retirar para a sua terra. Na véspera da partida foi passear para o Terreiro do Paço e encontrou o rei, que costumava muitas vezes percorrer de noite, disfarçado, as ruas da cidade. O rei perguntou-lhe quem era e o que fazia em Lisboa. O padre contou-lhe a sua história, assim como o desalento a que havia chegado.

— Por que não fala você a Sua Majestade?

— Já lhe falei. Falo ao rei, manda-me para o ministro; falo ao ministro, manda-me para o rei, e assim tenho andado nesta dobadura.

— Eu cá, se fosse a si, ainda experimentava outra vez. Por que não vai amanhã ao paço?

— Não vou, porque se o rei me manda outra vez para o ministro... mando-o pentear macacos!

O rei instou para que ele fosse, porque tinha lá um pressentimento que desta vez era atendido; e o padre resolveu tentar novamente a fortuna.

No dia seguinte apresentou-se no paço, com o seu memorial na mão, esperando a vez da audiência.

Quando o chamaram, apresentou-se a el-rei, ajoelhou, beijou-lhe a mão e entregou-lhe o memorial. El-rei olhou-o e disse:

— Ah! é o padre que pede a colocação! Já lhe disse, fale com o ministro.

O padre, conhecendo pelo som da voz que era o sujeito com quem falara na véspera, fica um pouco atrapalhado, mas readquirindo imediatamente o sangue-frio levanta-se muito depressa e diz para o rei: — Olhe, real Senhor, o dito dito, lá no Terreiro do Paço!

D. João V deu uma gargalhada e o homem alcançou nesse dia o que desejava.

7. «Era uso andarem naquela praça [Terreiro do Paço] *fazendo terreiro às damas* (frase técnica), isto é, fazendo-lhes de longe a corte, os mancebos de Lisboa; e ordenavam as etiquetas tácitas da galanteria que, todo o tempo que alguma dama se assomasse na varanda ou nos eirados, nenhum cavalheiro, que timbrasse de primoroso, adiantasse mais

um passo. Estava ali, por assim dizer, às ordens, como servidor.» Isto acontecia no século XVI. (Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, 2.^a ed., XII, 288).

8. «Que veio desembarcar ao Terreiro do Paço», dizia-se noutros tempos — ainda nos tempos de quem está a escrever agora — dos pobres iludidos pelo «conto do vigário», pois era ali que geralmente nele acreditavam, e muito perto acabava a ilusão: naquele prédio das varandas com entrada pela Rua dos Bacalhoeiros e saída pela Rua de Afonso de Albuquerque. Cá em baixo os vigarizados esperavam... enquanto lá em cima os intrujões saíam tranquilamente.

9. Ao lado do prédio das varandas, vemos a casa dos bicos, que foi de Brás de Albuquerque, nomeado *Afonso de Albuquerque* por graça de D. João III, para honrar no filho os méritos paternos. O corte da pedra «em bico» chama-se na linguagem pedreira «corte em diamante» e daí a confusão que deu curso à lenda lisboeta das riquezas (que, de resto, não eram poucas...) do filho do herói e escritor, que não quis deixar o crédito do pai por mãos alheias: «Ora, lá se vai a casa dos bicos...» e «Ora, não se perca a casa dos bicos!»

10. A frase citada no texto acima reproduzido «Se tens força, vai para a Alfândega!» tem abonação no célebre *Palito Métrico*, ed. de 1942, p. 229:

Já vem o Transtagano, e prontamente
Blasona de forçoso o tal novato,
Que não deixa de ser prenda excelente
Para andar nas alfândegas no trato:
Entende que concorda e que é decente
No que for estudante esse aparato;
Mas tal ostentação melhor concordo
No que for carretão de pau e corda.

11. Por estas bandas encontrava-se a Casa da Índia, que originou o prolóquio «Tudo com mil fechaduras, como em Lisboa a Casa da Índia», documentado por Júlio de Castilho (*Ribeira de Lisboa*, II, 147, 2.^a ed.).

12. «Parece haver sido este sítio de São Bartolomeu antigo poiso de fiandeiras afamadas, assim como a próxima freguesia da Madalena, a crer num ditado que reza assim: *A boa fiandeira, de São Bartolomeu*

a toma a velha, e a mais boa, da Madalena.» (Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga — Bairros Orientais*, XI, 2.^a ed., p. 79).

13. Adolfo Coelho, em *Os Ciganos em Portugal*, explica que «andar à gandaia» é expressão lisboeta que indica revolver os lodos das praias do Tejo, na baixa-mar, à procura de coisas aproveitáveis, e faz a abonação em Correia Garção. (*Apud* Alexandre Carvalho Costa, *Nótulas Etnográficas e Linguísticas Alentejanas*, 29-30; e vid. ainda Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga — O Bairro Alto*, v, 3.^a ed., pp. 180-182).

14. Camões, nas suas cartas particulares, a que nem sempre o erotismo é alheio, refere com ironia os prolóquios lisboeses de «que não digam os de Alfama que não tenho namorada» ou «onde não digam os de Alfama que não tenho guardador», frases que se completam no seu exuberante receio das más-línguas alfamenses.

15. E isto, acabado de dizer, porque os «Manéis de Alfama», como eram conhecidos os homens do sítio, não perdoavam, pelo menos com a língua, os deslizes ou desvios sentimentais da gente da capital (assim nos conta Júlio de Castilho, algures na *Lisboa Antiga*).

16. E, no entanto, toda ela — de Alfama ou doutro ponto da cidade — pecava pela boca, a calcular pelo nome dado à correnteza de tendas e vendas, ao longo do Tejo, desde o velho Terreiro do Trigo (entre as actuais ruas da Alfândega e dos Bacalhoeiros) ao actual Terreiro do Trigo (o antigo Campo de Lã): o *Mal-cozinhado!*⁽³⁾

17. Com mais lógica em Lisboa do que talvez pelo resto do país — onde haveria cidade mais acidentada e de prédios mais altos? — seria empregada a exclamação «Ai! Moramos perto do Céu!»: eis o que pensava, certamente, Eduardo Noronha, ao escrever o seu curioso romance de acção *Alfama* (p. 19).

18. A fim de exprimir noite de grande folia, sem rei nem roque, nem regra nem nada, Matos Sequeira termina a sua adaptação do *Auto das Regateiras*, do Chiado, com o grande desabafo: «Que madrugada de Alfama!»

(3) Os Lisboetas tornaram-se célebres internacionalmente, na altura da segunda guerra mundial, pelo seu anedotário e gosto dos trocadilhos a propósito dos acontecimentos coevos e das personalidades então na berra.

19. Também em Alfama, nos começos do século, por troça dizia-se da fruta das vendedeiras ambulantes:

Dé-réis — vinte,
Rapaziada:
Dezanove podres
E uma furada!

20. À gente ribeirinha de Lisboa calha bem o adágio «O marido — barca, e a mulher — arca», assim escrito pelo P.^o Manuel Bernardes, in *Nova Floresta*.

21. E talvez a língua acerada alfamense tenha inventado «Do mar se tira o sal, e da mulher muito mal», recolhido por Augusto Costa, na sua *Aldeia Rica*, localizada ali na Outra Banda.

22. Teixeira Bastos, nome hoje quase perdido, embora corresponda a um homem de talento e de saber, conservou a memória de um enigma, reproduzido em tom de diálogo, apresentado oralmente em Lisboa e que possui o tipo de graça característico da cidade:

— O que 'stá no tilhado?
— Um gato pelado (ou esfolado).
— O que 'stá na chaminé?
— Uma preta a mijar em pé.

23. Os pretos, noutros tempos frequentíssimos em Alfama (ainda me lembro bem), depois desaparecidos por muitos anos (30 a 40 — mesmo os que trabalhavam a bordo e eram, pois, visitantes ocasionais), e há uma década regressados ao velho bairro, onde formam um clã respeitado — os pretos provocaram muitas historiazinhas pitorescas e até prolóquios, tais como o seguinte, recolhido pelo Doutor Leite de Vasconcelos: «A mãe Maria e o João Bassião estão na cozinha a fazer mexilhão» (*Esquisse d'une Dialectologie*, p. 51).

24. E os recantos do sítio prestar-se-iam a certas operações higiénicas, tendo até ficado famoso o caso acontecido a Bocage, debaixo duma janela, donde rapariga vingativa lhe lançou e, vamos lá, com alguma justiça, os despejos caseiros sem dizer «Água vai!».

O poeta ripostou, conforme conta a tradição popular, com a quadra — tão maldosa na intenção como atraente na forma:

Ó menina do toucado,
Já que tem a mão tão certa,
Venha buscar a oferta,
Que ficou do baptizado.

25. Quando se vê aparecer de repente um grupo numeroso e turbulento, pergunta-se ironicamente: «Abriram as portas do Limoeiro?» Alguém explicou (Quem?) que a frase nasceu de terem sido libertados os presos do Limoeiro (o «Verde Limo» ou o «Hotel do Conde de Andeiro» na linguagem dos delinquentes) na altura da Maria da Fonte (Abril de 1846 a Junho de 1847).

26. A recordação do paço real no Castelo (onde terá estado desde D. Afonso III até que D. Manuel I, em 1505, o passou para a beira do Tejo) ficou gravada numa frase que Júlio de Castilho (*Lisboa Antiga*, 2.^a ed., XII, 258) data do século xv: «Três coisas fazem ao homem medrar: a Ciência, a Casa Real e o mar.»

27. Mais além eleva-se a Penha, que entrou na parémia lisboeta, pois me parece — tanto quanto a entendo — irónica e maliciosa a frase: «Ó Maria, fostes à Penha, vistes o lagarto — feio bicho!», indicada na *História Trágico-Marítima*, XII, 66, na narração da viagem da nau «S. Pedro e S. João». Conta o autor que se dizia «com devoção, mas por graça», mas não é muito de acreditar na primeira parte.

28. A preocupação da brevidade está a obrigar-nos a «meter o Rossio na Betesga», de forma alguma a «meter Lisboa pelos olhos dentro» dos pacientes leitores. Continuemos:

29. «A origem da expressão, que o Dr. Alexandre de Carvalho Costa já indicara neste Boletim [da Sociedade de Língua Portuguesa], em Maio de 1960, pp. 153-154, vol. XI, sob a forma *P... a pá Santa Justa* (e que aponta agora indiferentemente *P... à* ou *P... á*), segundo a explicação um tanto forçada do Dr. António Castro Lopes (dada em 1909), baseia-se na interpretação defeituosa da frase latina *Papam Sanctum juxta* (junto do Santo Padre). É curioso que eu já ouvira outra etimologia

e esta de carácter lisboeta: Havia ali, a Santa Justa, isto é, na proximidade da igreja de São Domingos, onde chegava um braço do Tejo, uma ponte em *forma de pá* (talvez larga, baixa e quadrada). Logo que se entrava nela, estava-se, podia dizer-se, em Santa Justa e assim: «Pé na pá — Santa Justa.» Daí adulteração, que também se ouve: «B — á: bá — Santa Justa» (o que é fácil na capital, onde o pescoço é *bescoço* e a descompostura é *descombustura*). Já agora: Laureano Prieto, nos *Contos Vianeses* (Vigo, 1958), de Viana do Bolo, em língua galega, traz um vocabulário, e nele se lê: «Ce a pa: detalhadamente.» Mistérios da linguagem! Quanto à escrita parece-me mais exacta do que estas ou as de outros dicionaristas a seguinte: P — á: pá — Santa Justa!» (*Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa*, xvii, p. 361, de uma crítica de P. C. Soromenho).

30. Para se exprimir a ideia de abundância afirma-se «Muita água há no Borratém» (*Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa*, ano de 1955, p. 243).

31. E entra-se no Rossio, que a má-língua passou a denominar «o galheteiro», após o levantamento da estátua de D. Pedro IV, por 1864 ou algum tempo mais tarde.

32. «Vá cair [modernamente, pintar] o tecto do Rossio» foi eufemismo (*Lisboa Antiga — O Bairro Alto*, v, 205, 3.^a ed., de Júlio de Castilho) paralelo de «mandar alguém a Palmela».

33. Houve tempo em que o Teatro Nacional do Rossio⁽¹⁾ dava leis na boa linguagem, especialmente na pronúncia, cuja imitação causava um tom pretensioso e daí o comentar-se: «Aquele fala à Teatro Nacional...» Bom tempo esse! Hoje... é o que se ouve!

34. No centro da Praça de D. João da Câmara, existiu um empedrado circular, com candeeiros (creio que estou a evocar bem...), onde há uns cinquenta anos, e mais e menos, se juntavam os galegos (ou já talvez os moços de Arganil), aguardando quem os contratasse para fretes. Criou-se daí o imperativo deprimente «Espera, galego!», por antonomásia usado também para designar a tal *Ilha dos Galegos*. Por 1930 apare-

(1) O «dos agriões» como por graça se dizia, quando da construção, pela muita água ali encontrada.

ceram fósforos que exigiam uns momentos para se acenderem, depois de riscados na lixa, e assim a boa graça lisboeta logo os alcunhou de «fósforos-espera-galego.»

35. «Fazer o Rossio» para ver a multidão e os transportes, para passar o tempo, para desentorpecer os pés foi gosto muito lisboês, quem sabe se desde que o local se tornou praça. Isso, porém, não impedia que há duzentos anos «se fizesse o Terreiro do Paço» (conta-nos Beckford), há cem «a Rua do Ouro», há oitenta «o Chiado», há quarenta «a Avenida.» (q. v. Caldeira Pires, *O Palácio de Queluz*, II, 202, e Luís Pastor de Macedo, *Lisboa de lés-a-lés*, I, 264).

36. Lugar de encontro era também, há séculos, o *Cais do Sodré*, segundo informa Pastor de Macedo (Júlio de Castilho, *Ribeira de Lisboa*, IV, pp. 238-239, nota n.º 9), pelo que se usou por muito tempo como sinónimo de «sala de reunião» ou «salão de teatro».

37. Na Rua das Portas de Santo Antão instalou-se uma nobre instituição, a qual desde que surgiu foi atractivo da gente bem e dos intelectuais, e desse modo o povinho trocista dos fins do século passado e começos do nosso, quando se referia a pessoas pretensamente finas ou que, sendo-o embora, mereciam crítica, declarava, levando a mão direita à cabeça, em cumprimento: «Ele é todo *Sociedade de Geografia!*» Muito a sério, entre gente da alta sociedade, se disse ou se diz ainda: «É muito S. Vicente» e «É muito Lapa!», para se indicar gente de sangue azul (Norberto de Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, VIII, 58).

38. Os espectadores da geral do Coliseu dos Recreios foram conhecidos por «pessoal das Escadinhas do Duque», conta-nos Alfredo Augusto Lopes no seu «Calão, Gíria Popular». E já agora, sigamos para o Bairro Alto, também chasqueado — o «Bairro Bife», através do Passeio Público.

39. Conta a Marquesa de Rio Maior nas suas *Memórias* (p. 54) que o povo, por graça, cantava com ironia:

Fui ao Passeio [Público] ver o repuxo,
Fiquei admirado de ver tanto luxo!

«Contestação!» — diríamos em 1974.

40. O século XVII ouviu durante anos a frase literariamente célebre «Pôr tapete de manhã em São Roque», mandado pelos admiradores do Padre António Vieira (António Sérgio, *Sermão sobre a Paz*, p. 9, e Sebastião Morão Correia, *Sermão da Quaresma*, p. 14). Ali terá o grande orador apostrofado a nossa cidade: «Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, uma verdade muito sincera e que te descubra um engano, de que tua piedade muito se gloria? Esta tua fé tão liberal, tão rica, tão enfeitada e cheirosa, não é fé viva. Pois que é? É fé morta, mas embalsamada.» (Vieira, de Gonçalves Viana, p. 52). Como ficaria a «gente do tapete» ao ouvir isto?

41. Ora, continuava a ir! «Toque, toque e toque, vamos pra São Roque!» (*Estética Cidadina*, de Ribeiro Cristino, p. 151).

42. Aos enjeitados da Misericórdia chamavam «filhos do Pai Roque» (Melo Breyner, *Memórias*, I, 81).

43. Talvez princípio de uma lengalenga já esquecida na totalidade, restou a quadra seguinte (por vezes reduzida a terceto), e que se ouve para exprimir, duvidosamente, esperança:

Ai, ui, eu ia
A casa da minha tia,
Que tem uma leitaria
Na Praça da Alegria!

Isso também eu queria:
Ter uma leitaria
Na Praça da Alegria.

44. As *Gírias Militares* (ou o calão da «malta das trincheiras») de Afonso do Paço (1920) são introduzidas por uma carta do Doutor Leite de Vasconcelos ao autor, na qual diz em certa altura:

«Vê-se, além disso, com que facilidade o povo analisa todos os pormenores de uma cousa ou de um facto que o impressiona, e como põe em jogo a imaginação, para as interpretar. Que lembrança a de dar o nome de «caixeiro viajante» a uma granada, por ir longe; a de «carro do Chora» a um obus, por oposto motivo;

a de «Avenidas Novas» às trincheiras de comunicação; a de «Ridículos» à «ordem» do Quartel General, por causa do periódico humorístico deste nome!»

45. O facto de no frontispício da igreja de São João de Deus estarem relevadas três imagens, cujos pés, por falta de apoio, se encontram descaídos, fez que se passasse a chamar-lhe «igreja dos enforcados».

46. Quando alguém fala em tom lamentoso diz-se-lhe que «parece o ermitão de São Lázaro», o qual noutros tempos pedia esmola, em troca de pagelas, para os doentes.

47. «Rês-vés — Campo de Ourique», por motivos que desconhecemos, emprega-se para proporcionar a ideia de exactidão ou de justaposição.

48. Frase desesperada, andava na boca de desiludidos ou que o fingiam estar, no século passado: «Vou deitar-me dos Arcos», os das Águas Livres, claro (Leite Bastos, *Diogo Alves*, p. 55). Outro local que se celebrizou por iguais razões, sem entrar na paremiologia, foi a muralha de São Pedro de Alcântara. Os Arcos trazem à lembrança o famigerado Diogo Alves, cujo merecido destino — paga inexorável duma vida desgraçada — originou o asseverar-se «Ser mais esperto do que o Diogo Alves» e «Ter mais sorte do que o Diogo Alves».

49. «Correr como a Bica dos Olhos» (na Boa Vista) significa, na opinião de Júlio de Castilho (*Ribeira de Lisboa*, IV, 127), «andamento vagaroso», o que corresponde a uma circunstância real, de há oitenta anos e de hoje.

50. «Ficar a ver navios do Alto de Santa Catarina» teve o seguinte comentário de António Tomás Pires, que nos parece limitado em demasia: «Terá este prolóquio por origem aquela personagem do Canto IV dos *Lusiadas*, em que um velho, depois de haver vociferado contra a insânia de tal cometimento, fica na praia olhando para a armada de Vasco da Gama, que levantara ferro em demanda do novo caminho para a Índia?» (*Origem de várias locuções, etc.*). «Limitado», porque qualquer desilusão lisboeta poderá ter proporcionado a figura estilística — não será necessária a caminhada até Camões — e poderá também ter nascido de casos

reais, pois do Alto de Santa Catarina muita gente terá ficado a ver navios, por inúmeros motivos. Isto se confirma até na quadra, recolhida por Alberto Pimentel (*A Triste Canção do Sul*, p. 93):

Quem se meter c'um fadista,
E o ouvir falar calão,
Fica logo a ver navios,
'Té perde a mastreação.

(Queiram ver ainda *Enigmística*, de Ueniri — Irineu Villas-Bôas Esteves, pp. 163-164, Rio de Janeiro, 1954; *Anais do Clube Militar Naval*, ano de 1931, p. 82, artigo de Marques Esparteiro; Camilo usa esta frase no *Amor de Perdição*).

51, 52, 53. Os meios de transporte têm sido farto campo de inspiração não só para o anedotário lisboeta, mas também para os ditos: de há sessenta anos — «Conde-Barão — Belém — um vintém»; de há cinquenta anos «Andar como o comboio de Chelas»; de há vinte anos «Cinco centavos ficam lá», como interpretação de CCFL, iniciais de Companhia Carris de Ferro de Lisboa (Eduardo Augusto da Silva Neves, «Lisboa na Numismática e na Medalhística», in *Olisipo*, xx, 248-249) — este, porque os condutores, por falta de trocos não davam moedas de cinco centavos (meio-tostão).

54. No seu estudo «Coisas Miúdas de Lisboa (Minúcias Etnográficas). Valores Decorativos Antigos em Coisas Novas» (in *A Voz. Bazar das Letras, das Ciências e das Artes*, de Lisboa, 18 de Novembro de 1961), Luís Chaves indica-nos legendas em veículos de transportes actuais, e entre elas uma: «Em camioneta pintada de vermelho, que prestava serviços há meses pelas ruas de Lisboa, lia-se-lhe à frente em letras grandes, amarelas: *Alcântara trabalha*. E de facto, com o veículo carregado, Alcântara trabalhava.»

55. Além do orgulho bairrista, acabado de citar, eis outra manifestação do mesmo tipo, ainda que de espécie diferente: «Vira-me o lombo, que eu sou de Alcântara!» Contudo, a exacerbação desse sentimento levava, há uns trinta anos, a que («si vera est fama») os partidários do antigo clube Carcavelinhos fossem para os campos de futebol com pedras disfarçadas em embrulhos de merenda, a fim de com elas

agredirem os simpatizantes e sócios dos clubes rivais. Por isso, em toda a Lisboa se falava dos «lanches à Carcavelinhos». Faz-se a referência por simples curiosidade linguística — e de modo algum se pretende diminuir o prestigioso clube.

56. «Em Lisboa (e na aldeia de Santa Eulália, concelho de Elvas) diz-se com um tom ofensivo e interrogatório: *Já deu meio-dia em S. Paulo?* o que parece explicar-se por este dito de Garcia d'Orta: Há umas mentiras tão grossas, que não é bem, nem merecem ser repreendidas, senão deixadas passar avante, até que dêem doze badaladas como relógio de meio-dia.» (António Tomás Pires, *Origem de várias locuções*, etc., pp. 70-71). Contudo, num recorte, que possuímos, do *Diário de Lisboa*, de 14 de Novembro de 1943 (infelizmente sem indicação de autor, sob o título «Lisboa Pitoresca») lê-se o seguinte, que interessa:

«A praça de D. Luís, ampla e desafogada, que em breve terá um fundo, a norte, grandioso e moderno — essa não tem tradições toponímicas e raros lhe sabem o nome. O seu monumento é mais belo que o do duque da Terceira (mais antigo, 1877) — mas a praça do duque da Terceira tem mais som, mais tipo, mais luz, mais movimento, e ainda não fez esquecer a «Meridiana dos Remolares», leal relógio de sol assente sobre um pedestal, e que acabou em 1874.

— Já deu meio-dia em S. Paulo?

Pois o estribilho teve fundamento na «meridiana». E ainda há quem se recorde do «Circo do Carapau», circo ambulante assim chamado, porque funcionava no sítio, onde se ergueu a Assistência Nacional aos Tuberculosos, a par do mercado... do carapau.

E basta de evocações.»

57. Quando alguém conhece muita gente diz-se que «conhece meia Lisboa». A afirmação é muito sugestiva, pois tendo a cidade sido sempre enorme em relação a todas as outras do país, achar-se-ia conveniente suavizar a figura linguística, utilizando apenas metade do termo de comparação. Esta interpretação contraria outra frase, anteriormente citada, de «correr a cidade toda» à procura de alguém ou de alguma coisa. Nesta, o exagero não perturbou a imaginação criadora da frase, porque houve a intenção de exprimir a ideia de uma busca completa — em que todos os recantos foram observados.

58, 59, 60, 61. Além de frases já citadas, em que Lisboa é o topónimo, outras se devem lembrar: «Roma e Pavia não se fizeram num dia... nem Lisboa numa hora»; «Não é tarde nem é cedo, para a frente é que é Lisboa», paralela de outra mal-intencionada: «Para a frente é que é Lisboa, que para trás fica o Rego»; como termo de comparação: «Tantos (ou tantas) como de chaminés tem Lisboa»; e como rima infantil: «Joaninha, voa, voa, leva esta carta a Lisboa».

Grande terra é esta nossa!



LISBOA

CAPITAL DAS ESPECIARIAS

pelo DR. JOSÉ CASSIANO NEVES

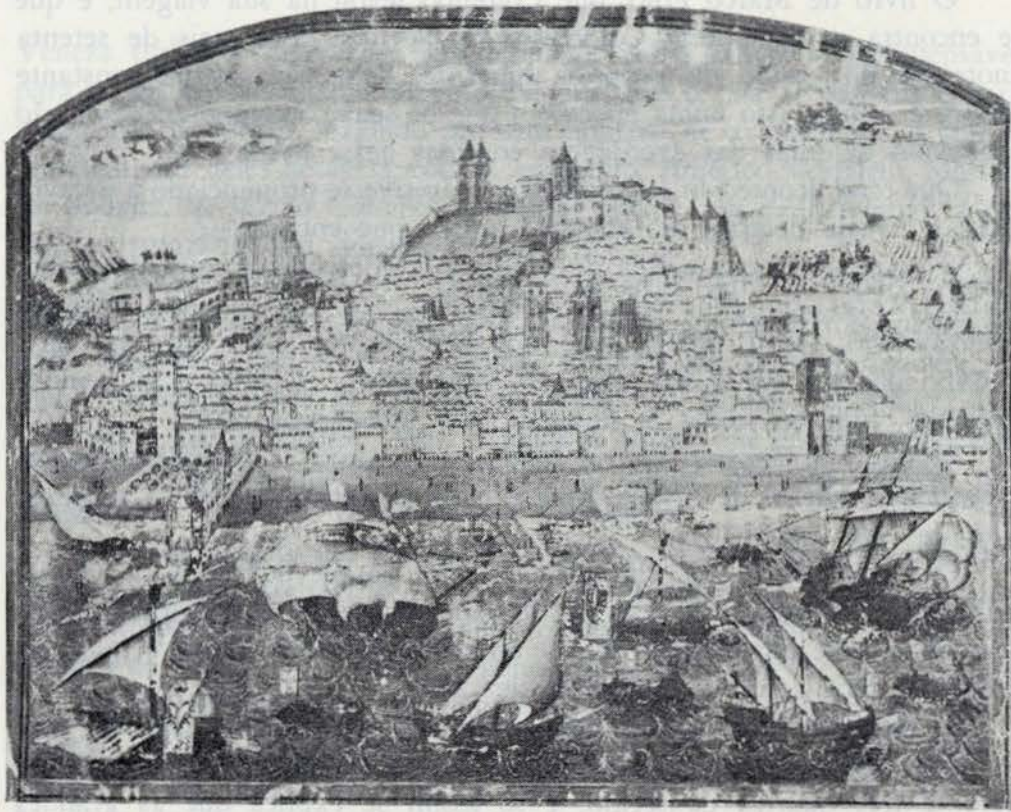
Lisboa foi teatro da maior epopeia de todos os tempos, a faustosa época dos Descobrimentos, onde se revelaram os maiores gigantes da nossa História.

O admirável livro de Marco Pólo, que revelou a Ásia à Europa, foi trazido para Portugal pelo Infante D. Pedro, e consta da relação dos livros de uso do rei D. Duarte. A sua primeira impressão foi em língua alemã, em 1477, seguindo-se a portuguesa, em 1502.

Depois de sete séculos de dominação muçulmana na Península, os Portugueses conquistaram Ceuta, em 1415, primeira fase da nossa expansão ultramarina, onde se praticaram «feitos tamanhos que a custo os haverá por verdadeiros», como escreveu Mateus de Pizano. Passam os anos e conquistam-se outras praças, tais como Alcácer Seguer, Arzila, Tânger, etc., o que enfraquece o poder muçulmano, facilitando ao país vizinho a expulsão dos Mouros de Granada. Como as expedições se seguiam umas após as outras, mercê do comércio instituído, em 1446 inicia-se a exploração do Golfo da Guiné, fundando-se em 1481-1482 a poderosa fortaleza de S. Jorge da Mina.

Segundo o Regimento da Casa da Mina, «toda a embarcação que vier da Mina, não poderá tomar outro porto senão o desta cidade de Lisboa e fazendo o contrário encorrerá nas penas e castigos da Casa da Mina». É também de lembrar que foi do ancoradouro do Restelo que levantou ferro a frota de Vasco da Gama; e que no seu regresso ali esteve também Cristóvão Colombo.

Em 1469 realiza-se o casamento de Isabel com Fernando, subindo ela ao trono de Castela em 1474, e ele ao trono de Aragão em 1479. Assim



VISTA PANORÂMICA DE LISBOA

Iluminura na «Crónica» de D. Afonso Henriques, por Duarte Galvão (1505)

se iniciou a unificação da Espanha, mas só em 1492 se fez a conquista de Granada, seguindo-se a incorporação de Navarra, em 1512.

Precisamente no ano dessa conquista, Cristóvão Colombo oferece milagrosamente aos Reis Católicos um Novo Mundo (digo milagrosamente, visto que para trás de si existe um vácuo), terras estas que ficaram nas mãos da iniciativa privada, mercê de os Espanhóis andarem preocupados, como andavam, com a expulsão dos Mouros.

Colombo, bastante atrasado em relação ao Portugal do seu tempo (razão por que ninguém, com autoridade, lhe prestava atenção), tinha uma rara energia, e foi mercê dela que acabou por encontrar aquilo que não procurava: as Américas, em vez da ambicionada Índia⁽¹⁾.

(1) Nem Colombo nem os primeiros espanhóis que se lhe seguiram, sabiam navegar por latitudes e só o começaram a fazer a partir de 1508.

O livro de Marco Polo, que Colombo levou na sua viagem, e que se encontra na Biblioteca Colombina de Sevilha, com mais de setenta anotações do punho do próprio almirante, demonstra a sua constante leitura e estudo, isto numa época em que os seus contemporâneos já não aceitavam algumas das «verdades» contidas nesse livro.

Que teria acontecido a Colombo, se não tivesse pronunciado a palavra Índia e tivesse descrito tão somente aquilo que encontrou?

É de recordar que a Ilha da Madeira foi descoberta em 1419, Santa Maria (Açores) em 1431 e Cabo Verde em 1461-1462, viagens estas em pleno oceano; assim como a de Bartolomeu Dias em 1488 para descobrir o Cabo da Boa Esperança, fazendo 5175 milhas, quando a viagem de Colombo, toda ao norte do Equador, não ultrapassou 4070.

Segundo Braancamp Freire, «nada menos de 53 expedições, grandes e pequenas, saíram de Lisboa, para a costa ocidental de África, entre os anos de 1488 e 1489».

O roteiro de Sofala, chamado do piloto árabe de Vasco da Gama, demonstra a existência de viagens dos portugueses, na costa oriental africana, depois de Bartolomeu Dias, e antes de Vasco da Gama, o que vem preencher uma aparente lacuna de dez anos.

O descobrimento do caminho marítimo para a Índia não foi obra de uma expedição isolada, mas sim o somatório de muitas expedições, durante três quartos de século, e só assim se explica que as grandes travessias da Índia e do Brasil, feitas uma vez se tornassem normais.

Os chamados Roteiros da Costa da Guiné e da Índia são verdadeiros monumentos científicos, que nenhum outro país pode apresentar, além de Portugal.

Às portas da Índia, desde 1484, conforme se pode concluir da Oração de Obediência de D. João II a Inocência VIII, Vasco da Gama já não é um navegador, mas sim um homem de guerra, com uma missão totalmente diferente a cumprir.

Da mesma Oração também se pode concluir que em 1484 se fez a primeira circum-navegação da África do Sul, o que sob o ponto de vista económico constitui um dos mais importantes sucessos da história da Humanidade.

Veneza estava no auge da sua prosperidade, quando Vasco da Gama chegou à Índia, e em 1504 as galeras venezianas, na sua costumada travessia, já não encontraram especiarias em Alexandria e Beirute.

A descoberta do caminho marítimo para a Índia tinha deslocado, de Veneza para Lisboa, o eixo do comércio do Oriente. A partir de 1515

Veneza tinha de recorrer a Lisboa, onde vinha buscar o indispensável para o seu aprovisionamento. Lisboa tornou-se o cais de embarque para a história do futuro, atraindo um sem número de aventureiros e mercadores, alguns deles notáveis, como Cadamosto, Américo Vespúcio, Martim da Boémia, Cristóvão Colombo e muitos outros que nada tiveram a ver com o progresso dos descobrimentos.

Cristóvão Colombo, sem dúvida o de mais sorte e o mais célebre, morreu convencido de que tinha chegado à Ásia, ignorando totalmente que tinha descoberto um novo continente! Como é isto possível quando, em 1484, os Portugueses já estavam às portas da verdadeira Índia? Tão convencido estava de que tinha atingido a Índia, que chegou a ameaçar com penas graves, incluindo o corte da língua, a todos aqueles que dissessem o contrário, como escreve Navarrete.

Todas as viagens dos Portugueses correspondem a outros tantos planos sistematicamente preparados, vindo sempre a encontrar aquilo que precisamente procuravam; exactamente o contrário de Colombo, que em 1502 escrevia ao Papa, dizendo que, até àquela data, tinha descoberto 333 léguas «do continente da Ásia», isto depois de Vasco da Gama ter chegado à Índia e regressado a Portugal! Ele o diz na sua célebre carta: «Señor, porque sé que habeis placer de la grand victoria que Nuestro Señor me ha dado en mi viage, vos escribo esta, por la cual sabreis como em 33 dias pasé a las Indias»... não lhe parecendo estranho encontrar tão somente... «Todos desnudos, hombres y mugeres, asi como sus madres los paren...», em total desacordo com o que ao tempo já se conhecia da civilização oriental⁽²⁾.

Era sabido para cristãos, mouros e judeus, que a terra era redonda, e por que não aceitou então o nosso D. João II a oferta de Colombo, para atingir a Ásia por um caminho diferente daquele que tão seguramente preparou?

O que interessava era descobrir o caminho marítimo para a Índia, sendo doutrina assente que muitos outros precederam a expedição de Colombo, como ele próprio declara nas suas negociações com os Reis Católicos, «para realizar sus projectos de navegar el mar Atlantico en direccion Oeste, donde ya havia descubierto, y pensava descubrir grandes islas; llegar finalmente a los reinos del Gran Can y establecer relaciones con este imperio».

(2) Na sua descoberta, aquele navegador, quando partiu não sabia para onde ia, quando chegou não sabia onde estava, e quando voltou não sabia de onde vinha!

Tomando por base dos seus cálculos a longitude do grau em $56 \frac{2}{3}$ de milhas, quando era de $62 \frac{1}{2}$, Cristóvão Colombo reduziu o equador a $\frac{3}{4}$ partes da sua longitude real, vindo assim colocar a Ásia, onde queria chegar, quase exactamente na costa atlântica da América e, baseado neste erro de cálculo, morreu convencido de que tinha chegado à Índia!

Na frase elegante de Lopes de Mendonça, a passagem do Bojador em 1434 e a do Cabo da Boa Esperança, antes de Vasco da Gama, são «os marcos miliários do ciclo dos descobrimentos portugueses».

Assinado o Tratado das Tordesilhas, em 7 de Junho de 1494, Portugal conseguia o exclusivo do caminho marítimo para a Índia, pelo Cabo da Boa Esperança, e a costa do Brasil, ainda não oficialmente descoberta, tão «conveniente e necessária à navegação da Índia», como dizia mais tarde o rei D. Manuel, em carta aos Reis Católicos.

Foi assim que Lisboa se converteu na capital das especiarias.



Sobre as Medalhas Comemorativas de Nossa Senhora da Conceição Padroeira de Portugal

pela DR.^a ANNA-MARIA PEREIRA DA GAMA

Em 1646, D. João IV nomeou por decreto real Nossa Senhora da Conceição padroeira do nosso País, tendo sido celebradas ao mesmo tempo grandes festas em comemoração de tal agradecimento.

Já anteriormente, Nuno Álvares Pereira iniciara o seu culto em Vila Viçosa, como reconhecimento das muitas graças obtidas através de Nossa Senhora da Conceição, quando das lutas pela independência do Reino contra os Castelhanos.

E devido a isso foi e à sua muita devoção que D. João IV entregou à mesma Nossa Senhora a protecção de Portugal.

Na comemoração do 3.^o centenário, foi então a Virgem coroada, havendo novas festas de carácter religioso em vários locais do País, nomeadamente Vila Viçosa.

Mas recordações passam, o tempo tudo leva, pequenas brochuras são consumidas pelo fogo, e as poucas que escapam são danificadas pela incúria dos homens.

Talvez por isso, para tornar mais duradouro o conhecimento deste facto, como ainda para dar mais importância ao acontecimento, foi quer da primeira vez, em 1650, quer da última já no nosso século cunhada uma medalha a Nossa Senhora da Conceição.

Vejamos agora o que se sabe sobre estas medalhas. Tomemos em conta em primeiro lugar as mais antigas.

Foram mandadas fazer já em 1650, mas com data de 1648, sendo as únicas a utilizar o novo aparelho de cunhagem que viera de França, trazido por António Routier, segundo consta no registo da Casa da Moeda

de Lisboa, Livro 1, p. 256, verso, e portanto as primeiras a não serem batidas a martelo, como então se fazia.

Segundo o nosso contemporâneo, o grande conhecedor medalhístico Pedro Batalha Reis, no artigo publicado na revista *Brotéria*, esse sistema reproduzia bem melhor a sensibilidade artística do gravador moedeiro, do que os mais modernos, pois pela sua mecanização, estes últimos roubam um pouco a beleza às peças.



Medalha de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal. À esquerda exemplar datado de 1648, à direita a sua reprodução em 1946

Estas medalhas foram então cunhadas em ouro, prata e cobre, mas não nos chegaram as cunhadas em ouro.

Qual o seu destino não se sabe! Derretidas para aproveitamento do ouro para outras? Terem sido muito poucas e perderem-se?

Qualquer das hipóteses é plausível; mas a primeira é mais provável devido a novas leis monetárias. Talvez fossem em consequência das mesmas, não digo das primeiras, mas de outras seguintes, oficialmente derretidas.

Isto é mais possível, porque o seu número era reduzido e as leis monetárias tinham razão de recair sobre estas medalhas, pois foram no ano seguinte à data da sua primeira emissão consideradas moedas correntes e o seu valor monetário, segundo Teixeira de Aragão (*Descrição Geral das Moedas*) de 12\$000 e 600 réis, conforme eram de ouro ou de prata, por decreto de 9 de Outubro de 1651.

Estes valores são igualmente indicados por J. Ferraro Vaz (*Medalhas de Portugal*, vol. II), Lopes Fernandes (*Memória das Moedas Correntes em Portugal*), que se refere ao mesmo decreto de 9 de Outubro de 1651, e José da Costa Moreira, num seu artigo do «Diário de Notícias», de 23 de Abril de 1957. Este último dá ainda o peso de 41,961 g e 28,68 g, respectivamente para as moedas de ouro e de prata.

Pedro Batalha Reis (*O Culto de N. S. da Conceição na Numismática*, separata da *Brotéria*) dá para os exemplares datados de 1648, de ouro, cerca de 43 g e de prata 28,80 g, diâmetro 41 mm; omite o peso em ouro para as datadas de 1650, mas o peso de 29,3, diâmetro 42, e ainda para as de 1890, cujo peso em prata é 33,7 g, diâmetro 41 mm, e para a última tiragem, a de 1946, dá para as de ouro 80 (com ponto de interrogação), prata 41,8, cobre 37,2, diâmetro 42 mm.

Na sua obra *Ouro português amoedado*, dá também os valores 12\$000 e 600 réis respectivamente para ouro e prata.

O pequeno *Dicionário Numismático Lusitano*, de F. F. P., da Vila de Favaros, indica os valores de 12\$000 para a de ouro, mas apenas 450 réis para a de prata.

Qualquer deles omite o valor da mesma moeda em bronze, acontecendo o mesmo com a *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, vol. IV, livro V, p. 241.

No entanto, no *Prontuário de Medalhística*, de A. Marques, além de se verificar a concordância para os valores monetários das moedas de ouro e prata, respectivamente 12\$000 e 600 réis, atribui-se o valor de 200 réis às moedas de cobre.

Também no volume IX do *Arquivo da Universidade de Lisboa*, na «Numismática em Portugal», de J. Leite de Vasconcelos, se lê acerca da Conceição serem os valores da série cunhada em 1898 — 1000, 500 e 200 réis.

José Lamas, *Catálogo Descritivo das Moedas Portuguesas*, refere-se à medalha sem mencionar valores.

Artur Lamas, *Medalhas Portuguesas e Estrangeiras referentes a Portugal*, vol. I, parte I, «Medalhas Comemorativas», nada diz desta medalha ou moeda; mas aborda outras referentes à comemoração do 50.º aniversário da definição do Dogma da Imaculada Conceição, nos seus números 373 a 378, inclusive.

A primeira mencionada, número 373, tem a inscrição «Padroeira do Reino» e a última, número 378, a legenda «Immaculada Conceição» e em baixo «Villa Viçosa» — portanto, deste modo, ainda ligadas ao nosso País, conquanto sejam representativas da comemoração do dogma em si. Não me referirei, em especial, a elas por já se afastarem do assunto que pretendo focar, isto é, as medalhas da Nossa Senhora da Conceição, apenas feitas no intuito de comemorar a Virgem como padroeira de Portugal.

Também são bastante raros os exemplares de prata e de cobre que chegaram até nós, principalmente em estado de perfeita conservação, pois o seu uso como moeda circulante as deve ter gasto, tirando encanto ao seu relevo e pormenor. Além desses cunhos, datados de 1648, existem outros, como atrás já referi, datados de 1650, e que diferem dos primeiros não só na data, como por aperfeiçoamento da parte escultórica em si. Estes segundos levam as medalhas a maior relevo e beleza, diferindo o seu diâmetro em 1 mm sobre os primeiros, totalizando portanto 42 mm, exactamente.

No reinado de D. Pedro II foram feitos novos ferros, idênticos aos primitivos, apenas diferindo no nome do monarca.

Nessa época não teve qualquer valor como moeda corrente, mas sim apenas como medalha comemorativa ou religiosa.

Em 1890 houve recunhagem da medalha, aproveitando-se os primitivos cunhos, e segundo o já mencionado historiador medalhístico Pedro Batalha Reis deve ter sido então que o cunho do reverso se fendeu.

Em 1940 de novo foi cunhada a medalha, em ouro, prata e cobre, diferindo das anteriores por ter no anverso as datas de 1.º e 3.º centenário e com igual diâmetro às datadas de 1650.

Vejamos por último a descrição da medalha em si.

Sob o aspecto artístico é muito bela a sua realização, havendo uma certa leveza de linhas que lhe empresta qualquer coisa de espiritual e religioso. Infelizmente o nome do artista que a concebeu é desconhecido.

A medalha apresenta no anverso a imagem da Virgem, erguida sobre o quarto crescente, símbolo próprio de Nossa Senhora da Conceição. O dito quarto crescente assenta sobre o globo, o qual é abraçado pela serpente e indicado por baixo desta, e ainda sobre o globo a data de 1648.

De cada lado da imagem há seis pequenas figuras simbólicas, metáforas usadas para designação da Virgem e descritas na *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, de D. António Caetano de Sousa, vol. iv, Livro v, p. 145. São elas: o Sol, o Espelho, o Horto Concluso, a Casa de Ouro, a Fonte Selada, a Arca do Santuário — ficando o Sol, a Casa de Ouro e o Horto Concluso do lado direito da Virgem e as restantes do lado esquerdo. A legenda em redor do lado esquerdo é «Tutelarís» e do outro lado «Regni».

No reverso, a inscrição é também em redor, mas envolvendo mais a composição, e diz: «Joannes IIII D G Portvgaliae et Algarbiae Rex». O assunto é o escudo das armas de Portugal sobre a cruz da Ordem de Cristo, encimado pela coroa.

A esta medalha tem sido por vezes indicado o reverso pelo que dou por anverso; mas achei preferível considerar como principal a figura da Virgem Maria, por a Ela lhe ser dedicada e ainda não parecer de considerar a última face descrita como anverso, visto existir um ensaio de cobre de D. João IV, representando o busto deste monarca e cujo reverso era semelhante ao descrito para a medalha da Conceição.

Segundo Teixeira de Aragão parece esse ensaio ser prova de cunho de alguma medalha de ouro, não chegada a realizar.

E para terminar anoto a raridade destas tiragens e retiragens, que até nestas últimas de 1946 já se faz sentir e que julgo não ser apenas devido só à retenção pelos coleccionadores, mas também por aqueles de ideais religiosos ou artísticos, comprazidos em as possuir, e ainda pelos portugueses desenraizados, pois a medalha para eles representa Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal, e portanto protectora do seu País e da sua gente, e como tal briosos de a guardarem, levando-a para terras longínquas, acompanhando-os para onde foram, ficando onde ficaram.

No entanto não dou ainda por findo este assunto sem me referir à também conhecida e bonita medalha comemorativa do III Centenário da nossa Padroeira, realizada pelo consagrado escultor e meu amigo João da Silva, a qual a seguir descrevo.

Esta é muito maior, tendo 80 mm de diâmetro. Dum dos lados, o grande artista apresenta-nos Nossa Senhora da Conceição em majestade plena, já coroada (a sua coroação foi realizada na comemoração do seu 3.º Centenário, como de entrada referi), tendo as armas de Vila Viçosa à direita e as de Évora à esquerda, com os respectivos nomes em cima das armas, e por baixo da primeira «1640» e da segunda «1940»; à volta a legenda: «III C.º da Consagração de Portugal a N. S. da Conceição V. Viçosa». A imagem também assenta como é devido sobre o quarto crescente e este sobre o globo, não se vendo a serpente.

Do outro lado, talvez o reverso, vê-se D. João IV, não coroado, visto este monarca ter oferecido a coroa a Nossa Senhora da Conceição, mas de espada, símbolo do poder e da valentia. Em redor, os dizeres «D. João IV Rei, VIII Duque de Bragança». Há ainda, dum lado e do outro do Rei, o escudo de Portugal e o da Casa Ducal de Bragança.

A medalha está admiravelmente bem trabalhada, não só no todo como nos pormenores, havendo o escultor dado igual valor às duas faces e por isso ser difícil dizermos qual o anverso ou o reverso.

Talvez João da Silva considerasse tão importante o facto de ser consagrado o Reino a Nossa Senhora da Conceição, como a existência daquele que o seu reino lhe ofereceu. Maneiras de ver, cuja realização depende do espírito criador do artista e da importância primordial dos factos que escolheu para ponto de partida.

A criação tem por vezes inovações, procuras, insatisfações.

O facto de ambas as faces da medalha terem igual relevo, igual desenvolvimento no seu conjunto ou no seu pormenor, pode ser causado pelo que atrás foi dito e ainda por uma insatisfação do gosto criador, o que era muito característico do grande Mestre, nunca fugindo ao trabalho, levando este quase ao extremo da perfeição, continuando por vezes em retoques quase imperceptíveis, que lhe roubavam mais tempo do que a obra em si, já para muitos terminada.

Faço notar, no entanto, haver outras medalhas da sua autoria, cujo anverso e reverso estão igualmente tratados.

Mas seja de que maneira for, o que é certo é ambas as faces da medalha de Nossa Senhora da Conceição serem duas obras-primas de realização artística.

Considero, de modo semelhante, às primeiras medalhas o anverso aquele que contém a Virgem Maria, por a ela ser dedicada esta medalha.

Pena foi terem sido mandados fazer poucos exemplares, sobretudo tendo em conta o assunto que representa. São duzentos cunhados em Paris e cem na nossa Casa da Moeda, em Lisboa, todos de bronze, sendo o aspecto diferente devido à liga com que foram cunhados em Lisboa ter maior percentagem de cobre.

O cunho foi feito em Paris e assinado pelo escultor e datado de MCMXLVI, encontrando-se o nome de João da Silva por baixo do fim da palavra «Bragança» e a data por baixo da designação «D. João». Julgo que após estas cunhagens não foram feitas outras.

E deste modo termino, aproveitando para fazer um apelo a todos aqueles que possuem qualquer destas medalhas ou outras de igual valia. Guardem-nas, tenham-nas; mas evitem o seu riscar, o seu deterioramento, afastando-as de lugares húmidos ou do contacto com substâncias corrosivas, ou ainda deixando-as negligentemente à mercê de crianças ou de pessoas indiferentes à sua conservação.

Possuidores de boas peças, coleccionadores não quer dizer só *ter*, quer dizer também *compreender* o seu valor artístico, *admirar* a sua beleza, *considerar* a sua raridade e *resguardá-las* de todo e qualquer dano.



A Igreja de S. Domingos de Lisboa

pelo DR. MANUEL H. LOURINHO

III

«Os factos como os homens, as obras como os artistas são julgados mais na perspectiva da época de quem os analisa que na do tempo em que se realizaram. Por isso a visão crítica é variável e transitória.» (Reinaldo dos Santos — *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. I, p. 11).

A igreja e o convento de S. Domingos têm sido assunto tratado por muitos cronistas antigos e modernos, sem que seja possível, nesta data, fazer uma história completa e exacta, sem palavras inúteis ou poesia encobridora da verdade histórica.

Em anteriores escritos, tratámos da sua fundação. Parece-nos que pusemos o assunto com toda a clareza, dentro dos dados de que é possível dispor actualmente. Focámos igualmente o problema da igreja e convento nas suas relações com a igreja (ermida) de Nossa Senhora da Purificação, mais conhecida por Nossa Senhora da Escada. Julgamos não ser admissível optar por doutrina diferente da nossa, sem disfarces ou propósitos ficcionistas. Talvez pareça ousadia tratar desta matéria, onde tantos mais próximos dos acontecimentos o fizeram. Nesta conformidade, haverá apenas do meu lado o desejo de concluir à luz de factos averiguados, sem fantasias.

Aceitamos o conselho que se transcreve: «Todo o amator consciente, em qualquer palco público deve falar baixo e apagar-se nas sombras dos seus erros.» (Diogo de Macedo — *Sumário Histórico de Artes Plásticas*, p. 110).

Assim, analisando factos concretos, sobre os quais se possa construir síntese, imaginaremos o que foi primitivamente a igreja de S. Domingos de Lisboa.

Provada para nós que a fundação da igreja e do convento são pertença de D. Afonso III, voltamos a repetir os argumentos que nos levaram a aceitar esta tese.

Frei Luís de Sousa dá para começo da obra atribuída a D. Afonso III — a igreja — o ano 1249 e afirma que ela começou seis anos depois de acabado o convento. Este, teria terminado em 1243, isto é, dois anos antes da deposição de D. Sancho II — 1245. Como a primeira pedra teria sido posta em 1242, segundo a certidão, e estaria acabado em 1243, como é possível admitir que o convento tivesse sido construído por D. Sancho II em tão pouco tempo, e ainda em plena guerra entre o rei e algumas ordens religiosas, entre elas a do próprio convento?

Não é verdade que D. Sancho II tivesse feito no seu testamento qualquer doação ao convento de Lisboa. É porém absolutamente certo que D. Afonso III lhe doou importante quantia e manifestou desejo de ser sepultado na igreja. Na verdade, D. Afonso III esteve depositado dez anos na capela de Jesus da igreja de S. Domingos, até ser transferido para Alcobaça onde está — capela do braço direito do transepto. Também é certa a inscrição no túmulo do Infante D. Afonso, filho do rei, que dá a construção de ambos os edifícios a D. Afonso III e sua mulher. É indestrutível a inscrição em latim, sobre a porta das Graças (Frei Luís de Sousa — *História de S. Domingos*, vol. I, p. 360).

Também é verdade que D. Afonso III deveu a sua coroa em grande parte à acção dos frades de S. Domingos de Lisboa.

Finalmente, não existia à data da construção da igreja e convento qualquer outra igreja, ermida ou edifício naquela área (Frei Luís de Sousa — *História de S. Domingos*).

No que respeita à igreja há pormenores conhecidos que nos podem levar a imaginar como seria a sua fábrica, irmandades instituídas e capelas existentes.

Comecemos pelo princípio. O estilo românico entre nós e em Espanha prolongou-se até meados do século XIII (Reinaldo dos Santos — *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. I, p. 250).

Embora não haja um estilo do referido século, pode e deve admitir-se que seria o românico no seu período final a traça da igreja e do convento.

Tinha a igreja em frente da entrada principal uma alpendrada, onde por várias ocasiões se realizaram reuniões marcantes na história do país

(*Crónica de D. Fernando*, Livro I, cap. IX e Livro II, cap. LXI e *Crónica de D. João I* — Fernão Lopes).

A igreja era orientada no sentido leste-oeste, com paredes espessas, pobre e humilde como sempre o desejaram os frades de S. Domingos e tinha uma só nave. A torre sineira seria na fachada principal ou junto à parede lateral direita. Apenas a abside seria abobadada; o resto do corpo de travejamento de madeira era fracamente iluminado com seteiras; sem transepto, com capelas laterais do lado do Evangelho e da epístola e nem todas tinham confraria. A entrada far-se-ia pela porta principal com pórtico e sem porta lateral. É ponto assente sem contestação que a igreja e o convento foram construídos na quinta e sexta décadas do século XIII.

O gótico teve o seu período de desenvolvimento em Portugal durante o reinado de D. Dinis, muito embora o primeiro monumento nesse estilo fosse Alcobaça, construído por D. Afonso Henriques, que não exerceu qualquer influência sobre a arquitectura religiosa portuguesa a seguir imediatamente à sua construção (*Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. I, p. 93 — Reinaldo dos Santos).

Acontecia possivelmente que D. Afonso III, casado em França e sobrinho da então rainha-regente naquele país, tivesse sido influenciado pelo facto de o estilo gótico se encontrar ali já em pleno desenvolvimento, o que explicaria a fundação e construção da igreja e convento de S. Domingos em Elvas, no estilo referido.

Assim podemos afirmar, como se disse, que a primeira igreja de S. Domingos de Lisboa seria em estilo românico, de uma só nave, de paredes espessas, porquanto a tribuna aberta na parede que era comum com a ermida de Nossa Senhora da Escada só poderia dominar toda a igreja, se esta fosse de uma só nave: tribuna muito cómoda, uma grande janela para toda a igreja defronte das capelas de Jesus e do Rosário (*História de S. Domingos*, por Frei Luís de Sousa).

De resto, a tribuna fora aberta com o fim de possibilitar aos grandes do reino assistir às solenidades religiosas em S. Domingos do pavimento da ermida de Nossa Senhora da Escada, que era como se sabe em primeiro andar. O estilo da igreja seria o românico por ser o usado então em Portugal (*Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. I, p. 250 — Reinaldo dos Santos).

Era uma das características desse estilo a existência de uma alpendrada em frente ao pórtico principal (Joaquim de Vasconcelos — *A Arte*

Românica em Portugal, pp. 13 e 17; Reinaldo dos Santos — obra citada, vol. I, p. 80). No estilo românico normalmente as igrejas conventuais eram apenas abobadadas na abside e a sua iluminação era feita por meio de frestas esguias abertas nas paredes externas (Joaquim de Vasconcelos — obra citada). As paredes seriam grossas como era também carácter do estilo e só uma parede grossa permitiria a construção sobre ela de uma tribuna como a existente sobre a lateral da igreja, do lado do evangelho (Frei Luís de Sousa — obra citada, tomo I, livro II, cap. XIV). A torre sineira só poderia ser na fachada principal ou na parede do lado da epístola, dado que o outro lado foi ocupado pela ermida de Nossa Senhora da Escada.

O convento, a que voltaremos em posterior escrito, seria pobre e humilde como sempre foi desejo dos dominicanos. Da fábrica anterior da igreja apenas se pode admitir como certa a existência das capelas de Jesus e do Rosário, ambas no corpo dela, do lado da epístola, em frente à tribuna atrás referida.

Nada se pode concluir a respeito do local para onde foi transferida a Irmandade de S. Jorge, primitivamente na igreja dos Mártires, pois aparece transferida para a capela de Jesus ou para a capela de S. Jorge, posteriormente no topo do cruzeiro do lado do Evangelho. Teria havido também capelas do lado do Evangelho, mas de que se desconhece a invocação e nelas não teria sido instalada qualquer irmandade, sendo aliás pouco fundas e escuras.

O pórtico finalmente seria rude, com duas ou três arquivoltas, sobre colonelos sem decoração, de capitéis simples, vegetatistas ou geométricos, nunca com figuras humanas.

Seria esta a traça geral da igreja de S. Domingos na sua primeira factura, obra de D. Afonso III.

Quanto a alterações, que posteriormente sofreu quer a igreja quer o convento por motivo de cheias ou terramotos e ainda incêndios, abrem-se novos capítulos.

A primeira alteração, embora lhe fosse exterior, foi a construção da ermida de Nossa Senhora da Escada.

A segunda teve lugar já mais tarde, quando D. Manuel I mandou construir um novo dormitório para o convento, de primeiro andar, com frente para o largo do Rossio. Disso nos dá uma fugidia ideia a gravura que habitualmente costuma aparecer nos quotidianos, para trazer a igreja

ou o convento ao contacto do grande público — aliás com pouca verosimilhança de verdade.

Depois de D. Manuel I, coube a vez a D. João III em 1566 de erguer a igreja derrubada em consequência do terramoto de 26 de Dezembro de 1531. Novo terramoto em 1 de Novembro de 1755 destruiu a igreja e o convento, com reconstrução posterior pelo architecto tenente-coronel de artilharia Manuel Caetano de Sousa. Finalmente em 12 de Agosto de 1959 era destruída a igreja que só existia então — pelo incêndio que teve lugar nesse cair da tarde.

Além destas mais extensas, foi frequentemente modificada por frades e reis. O convento teve morte inglória em 1834, com a lei que extinguiu as ordens religiosas em Portugal, com graves prejuízos que provocou aos monumentos, à história e bens nacionais do nosso país, pela forma como foi executada.

Ocupar-nos-emos da igreja e do convento dentro dos ciclos que limitam ou melhor que são limitados pelos factos anteriormente apontados.

Começaremos pela igreja no período que vai de D. Afonso III a D. João III. Esta descrição é dada por Frei Luís de Sousa na sua *História de S. Domingos*, que é datada de 1623. Aparece então a igreja de S. Domingos com três naves e certamente, dada a época da sua reconstrução, seria em estilo renascimento, sendo o pórtico atribuído ao artista João de Ruão. Pode admitir-se a sua autoria, muito embora a sua grande, ou melhor, vasta obra fosse como imaginário, tendo oficina em Coimbra, em cuja região lhe são atribuídas muitas obras de grande valor artístico. Francês de nascimento e embora imaginário como se disse, tornou-se mais tarde architecto e empreiteiro (Reinaldo dos Santos — *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, vol. I, p. 328). Como foi artista de larga projecção em obras realizadas, é possível que tivesse sido o estatuário do pórtico da igreja de S. Domingos, reedificada por D. João III.

A obra de architectura do templo seria obra dos architectos que D. João III utilizou, possivelmente de Afonso Álvares, que executou outras igrejas da época no estilo renascimento tardio. Do que não sofre dúvida é ter sido a reconstrução em 1566, visto a igreja ter sido destruída pelo terramoto de 1531.

Várias irmandades estavam instituídas, sendo contudo a mais antiga a já referida e de maior renome, a de Jesus. Foi o papa Gregório III que pediu ao mestre-geral dos dominicanos que promovesse a sua instituição em todos os conventos e igrejas da Ordem, com altares daquela

IGREJA DE S. DOMINGOS (em 1 de Novembro de 1755)

		capela-mor		sacristia	
ermida de Nossa Senhora da Escada		S. Jorge		Santo André	Santa Catarina de Sena
		Nossa Senhora das Virtudes			
	capela do Nascimento ou Degolados	corpo da igreja — nave central		capela de Jesus	convento de S. Domingos
	capela de Santa Catarina Virgem Mártir	nave esquerda		capela de Nossa Senhora do Rosário	
			nave direita	capela dos Reis Magos	
				capela de S. Tomás	

invocação. A confraria foi fundada em 20 de Novembro de 1432 por Frei André Dias, bispo de Mégara. O local da capela era no corpo da igreja, a meio dela sobre o presbitério alto, que se estendia por toda a nave direita. Fazia divisão com as capelas laterais por meio de grades de ferro torneadas, sendo o tecto da capela da altura da nave. O frontispício chegava ao contacto com o friso do madeiramento do meio da igreja, que era de grande altura. Concluindo-se desta circunstância que o corpo da igreja não era abobadado mas sim de travejamento de madeira, embora as naves tivessem a altura do corpo do templo. O tecto da capela em referência, bem como a frente, eram lavrados com tarjas e figuração de meio relevo. A confraria teve depois o nome de Santíssimo Nome de Deus, à qual se juntou na mesma capela a de Nossa Senhora do Rosário.

Com a extinção da confraria de Jesus, ficou a comunidade obrigada como possuidora das rendas a gastar 12 800 réis para vestir anualmente dois pobres, um no dia do nome de Jesus, outro pela Páscoa.

No meio da capela abria um grande nicho, alto e largo, fechado com portas de grade, cujos balaústres eram de prata maciça. Dentro ficava um Cristo em tamanho e vulto de um homem bem proporcionado. Do lado, estava o Santíssimo Sacramento recolhido em um relicário ou custódia redonda. Destas custódias havia duas no convento, uma de prata dourada que servia diariamente, guarnecida de pedraria, e outra de ouro maciço de feitio igual à primeira, mas com mais vinte e cinco centímetros de altura e que era apenas usada nos dias festivos. Esta última tinha sido dádiva do infante D. Luís, filho do rei D. Manuel I. Sete lâmpadas de prata estavam continuamente acesas diante do altar, três grandes de muita valia e outras três de menos valor. Os paramentos privados da capela eram de grande perfeição artística e de grande valor. Era a capela de maiores dimensões e mais ilustre em toda a Ordem e das mais ricas de todo o país. Nesta capela foi também instituída a confraria do Santíssimo Sacramento, a primeira criada em Lisboa. Este facto originou uma demanda entre o cabido da Sé e os frades de S. Domingos, que foi ganha pelos frades no ano de 1548.

A capela do Rosário, contígua à de Jesus, era igual a ela em labores dourados e nela ardiam cinco lâmpadas também de prata.

A seguir a esta, era a capela dos Reis Magos contra a porta e fora mandada pintar pelo rei D. Dinis, bem como o retábulo que tinha

no meio uma imagem de Nossa Senhora, que era o retrato da Rainha Santa Isabel.

A primeira irmandade de Nossa Senhora do Rosário da devoção de S. Domingos foi aprovada pelo papa Xisto IV em 1479, por um breve feito na cidade de Colónia, que foi posteriormente ratificado pelo papa Inocência VIII; começando então na igreja de Lisboa a referida irmandade, instituída e com assento na mesma capela da primitiva igreja, onde duzentos anos antes lhe fora dedicada em 1279, no ano do falecimento de D. Afonso III que, como já se referiu, em seu testamento mostrou desejo de ali ser sepultado. Efectivamente D. Afonso III esteve ali depositado e dez anos depois da sua morte transferido para o mosteiro de Alcobaça, onde actualmente está no braço direito do cruzeiro, em frente dos túmulos de D. Pedro I e de D. Inês de Castro.

Na capela dos Reis Magos, a imagem de Nossa Senhora tinha nos braços um Menino Jesus, que é a figura do príncipe, depois D. Afonso IV. Supõe-se que teria sido D. Dinis o autor da pintura do retábulo (*Crónica dos Reis*, folha 134).

A capela de S. Jorge, que era colateral à capela-mor, do lado do Evangelho, estava instituída a confraria dos Ingleses.

A capela de S. Jorge, que era colateral à capela-mor, do lado do era da invocação da Santa Cruz e do apóstolo Santo André, padroeiro da Casa de Borgonha. Foi enriquecida com muitas relíquias de santos e particularmente dos apóstolos Santo André, São Tiago e S. Filipe. Era capela rica, bem trabalhada de labores e com paramentos de seda de várias cores, que serviam segundo as festas em diversas épocas. Esta capela ficava no cruzeiro e tinha sacristia privativa. A confraria ali instituída casava e dava esmolos a raparigas órfãs, naturais da Flandres.

As capelas de Jesus e do Rosário ficavam como se disse do lado direito do corpo da igreja.

A capela de Santa Catarina de Sena, com altar rico, com quatro pinturas contando as maravilhas da vida da Santa, tinha lugar no topo do cruzeiro do lado da epístola. As pinturas representavam «Cristo recebendo a Santa por esposa, servindo de madrinha a Virgem Maria», «Cristo trocando o seu coração com o da Santa», «Cristo imprimindo na Santa as suas chagas», «A Santa recebendo de Jesus, pregado na Cruz, o divino favor das suas chagas, por meio de linhas de fogo e sangue».

Fronteira a esta capela, estava a de Nossa Senhora das Virtudes, com imagem estofada de perfeita escultura, que D. Manuel mandara

fazer na Flandres. Esta imagem seria mandada fazer para o mosteiro de S. Jerónimo do Espinheiro em Évora; como o rei a achou preciosamente trabalhada, resolveu que fosse colocada no altar-mor da igreja do convento até 1558, em que passou para a capela da sua invocação.

Na capela de Nossa Senhora das Virtudes, estava também uma imagem de S. Jacinto com uma custódia nas mãos. Ainda nesta capela se instituíram três irmandades: de Nossa Senhora das Virtudes, de S. Jacinto e da Ressurreição, reunidas numa só.

Havia outras irmandades, embora nem todas as capelas tivessem a instituição de uma.

Entre os arcos da capela de Santo André, que era no cruzeiro e dava serventia para a sacristia, havia no alto um pequeno túmulo de pedra, sumido na parede que corria aprumado com ela, com inscrição na parte de fora a descoberto. A referida inscrição dizia jazer ali o infante D. Afonso, filho de D. Afonso III, fundador da igreja e do convento. O sarcófago era de mármore branco, entalhado em volta de arvoredos e motivos de montaria. Os frades, como a caixa era muito grande, passaram o corpo para uma pequena urna (*História de S. Domingos* — Frei Luís de Sousa), agora no que resta do claustro.

Por detrás da capela de Jesus, estava em sepultura de pedra D. Pedro Peres, cónego de duas catedrais, com inscrição latina que dizia: «Aqui jaz D. Pedro Peres, cónego das igrejas de Compostela e Lisboa, que em boa velhice cheio de dias, riquezas e saber acabou na véspera de S. Lourenço (9 de Agosto) na era de César de mil trezentos e quatro» (1266 da nossa era).

Relíquias muitas e preciosas estavam recolhidas na sacristia, em um nicho aberto na grossa parede do topo fronteiro à porta e, entre elas, uma cruz feita do verdadeiro lenho em que Jesus foi crucificado, engastada com outra de prata que faz custódia. Esta peça, pertença de Frei Nicolau Dias que a recebeu do papa Pio V, tinha dois espinhos da coroa de Cristo. Com um engaste de prata, estava uma cabeça de Santo Estêvão, dádiva da rainha D. Catarina, uma guarnição sobre a cabeça de uma das onze mil virgens, um pedaço de costela de Santa Catarina de Sena e um osso de Santa Margarida.

Havia ainda como relíquia a casula com a qual S. Domingos celebrava missa, que estava guardada numa caixa dourada. Esta casula era de seda singela, como tafetá, e tinha no peito os sinais das lágrimas do Santo, quando celebrava; foi dádiva das freiras do mosteiro a Frei António de Sousa. Do lado da epístola havia a capela de S. Tomás.

S. Gonçalo de Amarante também tinha culto na igreja de S. Domingos, com imagem e confraria.

Foi esta a factura do templo até 1732, em que Frei Mestre António do Sacramento a reformou.

A capela-mor foi melhorada com um retábulo dourado de grande altura, primoroso no pormenor. Tinha oito pinturas e molduras de boa pintura de entalhado da época, que vestiam dum e doutro lado o espaçoso campo das paredes e sobre elas seis janelas, que subiam a uma alta abóbada, que um gracioso fecho terminava.

No coro, por um e outro lado, airozas e bem lavradas cadeiras de bordo, acompanhadas de dois retábulos de entalhado, com colunas quarteladas e lavradas, dando lugar com os vãos a vinte e dois quadros dos santos da Ordem. Os dourados dos retábulos bem como as cópias dos santos da Ordem foram da autoria de Frei Domingos de S. Tomás. A restante obra da capela e coro devem-se a Frei Jerónimo da Assunção e a Frei Álvaro de Mesquita, este prior e o primeiro sacristão-mor do convento.

Os degraus do altar são de jaspe vermelho e o pavimento da mesma cor, tecidos a preto e branco em xadrez e que foi obra de diversos religiosos não pertencentes ao convento, entre eles Mestre Frei Manuel Veloso, deputado do tribunal de Lisboa.

O corpo da igreja também foi melhorado na nave do lado da epístola, tendo sido lavradas as capelas de S. Tomás, Senhor Jesus e Rosário.

Em 1748, teve nova modificação a capela-mor com desenho de João Frederico Ludovice, sendo a parte de escultura da autoria de João António de Pádua. A transformação custou cem mil cruzados, tendo contribuído o rei D. João V com vinte e dois mil. A porta da igreja foi também modificada com tribuna e colunas também de Ludovice, que fez o desenho para a capela real, mas que depois foi aplicado na igreja de S. Domingos.

Assim chegou a igreja de S. Domingos ao dia 1 de Novembro de 1755, em que o terramoto que teve lugar nesse dia a atingiu novamente.

(Continua)

CARTAS DE JÚLIO DE CASTILHO

A UM LISBOETA EXILADO

por ERNESTO DOMINGUES

Júlio de Castilho é, evidentemente, o autor d'*A Ribeira de Lisboa* e de *Lisboa Antiga*. O exilado, esse é um amigo de tu, sobrinho de Saldanha e trineto de Sebastião José de Carvalho e Melo, conforme se lê no grosso volume *Descendência dos 1.^{os} Marqueses de Pombal* (pp. VII e 404-411).

A correspondência dirá melhor quem seja este «bom e sempre querido e saudoso Alexandre», que, desde que o obrigaram a sair de Portugal, nunca mais teve parança — da Baía para Bruxelas, para Tui, Pontevedra, Cidade Rodrigo...

No Brasil, sempre na Baía, morou primeiro em Santo António da Barra e depois na Rua do Sodré, n.º 43 (Colégio António Vieira).

Para a Bélgica (Château de Dielighem/Jette-Saint Pierre) já seguiu a carta de Fevereiro de 1913.

As seguintes iriam todas para Espanha: três para Tui (Calle San Telmo, 21); outras três para Pontevedra (Convento de Santa Teresa e Apartado 21); para *Ciudad Rodrigo* (Rollo 12) foi dirigida a de 3 de Novembro de 1917 e talvez também as de 29 de Outubro e 5 de Dezembro desse mesmo ano, cujos sobrescritos se perderam.

São, pois, ao todo treze cartas, a primeira datada de 2 de Fevereiro de 1911 e a última de 5 de Dezembro de 1917.

Logo adiante, em 1919, no dia 8 de Fevereiro, viria Castilho a morrer em Lisboa, onde nascera a 30 de Abril de 1840.

Bastante mais novo — de 12 de Abril de 1858 —, o seu correspondente, Padre Alexandre Castelo, havia de falecer, exactamente com a mesma idade — diferença de 4 dias! —, a 25 de Janeiro de 1937.

Testemunho da velha amizade que nem o desterro quebrou são as cartas que agora se publicam e se foram buscar ao Arquivo da Cúria Provincial dos Jesuítas Portugueses.

A partir de Dezembro de 1916, esta correspondência, expedida do Lumiar, levava mais um carimbo, acompanhado do respectivo impresso português: «ABERTO PELA CENSURA». Parece que não se trataria de simples formalidade, porquanto à carta de 18 daquele mês e ano faltam algumas dez ou doze linhas, cortadas à tesoura!

Por falar em censura, atente-se na apertada vigilância que os tipógrafos desses tempos exerciam sobre os originais que lhes passavam pelas mãos. Nem os poemas escapavam! É o que conta Castilho, a propósito dos seus *Fastos Portugueses*, na minuciosa carta de 24 de Setembro de 1914. E note-se que estávamos na Imprensa da Universidade de Coimbra, com o Reitor bem (ou mal) algemado, pés no cepo e boca tapada...

SUMÁRIO

- I — *Ambiente político de Portugal...*
- II — *Resposta a um pedido de livros. Edição e lucros dos seus!*
- III — *Morte do Vice-Almirante Augusto de Castilho (1841-1912), seu irmão.*
- IV — *... Mais notas sobre o estado do País. Alusão aos jornais.*
- V — *Últimos Sacramentos no Ministério da Fazenda!*
- VI — *O caso dos «Fastos Portugueses».*
- VII — *Recorda saudosamente a Família Coutinho Cardoso Castelo, do Campo Grande.*
- VIII — *(Carta cortada pela censura) — Referência a António Feliciano de Castilho, ao Conde de Farrobo e às festas de 1862, etc.*
- IX — *Grata lembrança de Pedro de Azevedo (da Torre do Tombo) e de João de Lemos.*
- X — *Volta a falar de Lucas da Silva de Azeredo Coutinho Cardoso Castelo e de António Castelo.*
- XI — *Crítica de livros.*
- XII — *Volta ao assunto da anterior.*
- XIII — *Resposta sobre o paradeiro de duas das suas obras: «António Ferreira, poeta quincentista» e «D. Inez de Castro», drama em 5 actos e em verso.*

Meu querido Alexandre

Has-de ter certamente notado o meu silencio; mas debes saber (e sabes) que não é falta de amizade. Desde estes factos ultimos tenho padecido horrivelmente; sinto-me outro homem. Quero ler, não entendo o que leio; quero escrever, não encontro palavras; quero sahir, não sinto ânimo; desenho e pinto bonecos, que foi sempre o meu entretenimento quando o cerebro se recusa a qualquer tarefa. Isto está cada vez mais desorientado; triumpham os jacobinos, e tripudiam sobre as ruínas de Portugal. O futuro só Deus Nosso Senhor o sabe; mas parece que nos espera a morte de Portugal, e o fim da nossa nacionalidade. Ando nervoso como não imaginas. Apesar de viver tão longe tenho sempre visitas; as que me consolam são as que esbravejam e me trazem noticias tétricas; as que pretendem aclimar-me com a nova ordem de coisas, e me aconselham a deitar o coração á larga, essas irritam-me. O que mais me afflige é a consciencia de que nada posso. Se existisse teu tio o Duque de Saldanha, estavamos salvos; mas quebrou-se a fôrma d'aquelles heroes. Nas primeiras semanas os meus amigos julgavam que eu ia enlouquecer; hoje, graças a Deus, e graças ao tempo, que é um bom médico, estou mais sereno na apparencia. Mas a verdade é que os vulcões tambem parecem serenos, e tem lume nas entranhas. O que se deu contigo e com os outros beneméritos e virtuosos Ecclesiasticos da Companhia de Jesus, é uma pagina de vergonha para Portugal. O Padre Cabral no seu folheto *Ao meu Paiz* vingou a Companhia; e a carta, que certamente viste na *Palavra*, de um noviço do Barro, completou a execução dos Affonsos Costa e quejandos. Infelizmente tudo está na mesma, não ha uma espada que se desembainhe. O senhor D. Manuel, que tanto amo e estimo desde a sua meninice, tem muito baixos os seus fundos politicos; foi atraçoado vilmente, e creio que pouco pode esperar. O povinho já fala no senhor D. Miguel como n'um salvador.

O que sahirá de tudo isto, ninguem sabe. Tu, sempre com os olhos em Deus, tu que foste um martyr, lá estás expatriado, não cálculo por quanto tempo. Ahi

has-de prestar serviços á Religião e á educação, mas o teu coração sangra. Quem diria ao nosso pobre Antonio, em Setembro, que a nossa terra havia de presenciar esta derrocada? !! Feliz d'elle, que foi para Deus sem suspeitar a desgraça do irmão!

De cá não te dou mais noticias, porque has-de ter lido nos jornaes o que os nossos tirannos permitem que se diga; é pouco; mas em carta é impossivel entrar em pormenores. Tua cunhada a senhora D. Maria Augusta não a tenho visto, porque não recebe. Os P. da C. estão bons, excepto o Eduardo, que tem andado grippadissimo. Dize-me, quando podéres e tivéres pachorra, como é a tua vida. Isso ahi, como paizagem e como clima, acho que é lindissimo; a gente é optima, e muitissimo obsequiadora. Tenho fé em que todos te hão-de apreciar no muito que vales; e não digo mais, para não offender a tua modestia. Em summa; Deus não dorme, e a Companhia não morre; ella que ressuscitou depois do golpe mortal que lhe deu teu 3º avô o snr. Marquez de Pombal, ha-de tornar ás nossas terras quando acabar o reinado da jacobinagem. Vê se excogitas coisa em que te possa ser util este teu inutil e insignificante amigo, e cumprirei com gôsto qualquer ordem ou recado teu. Hoje não posso escrever mais, mas breve te escreverei outra vez. Adeus, meu rico Alexandre, dá-me a tua benção, e crê-me sempre teu amigo certo e
obrigadissimo

2 de Fevereiro de 1911

Julio

Dei as tuas amigaveis lembranças ao meu bom Prior, que as retribue com todo o agradecimento.

II

Meu bom Alexandre

Recebi com muitissimo praser a tua amigavel carta; fui logo lel-a ao nosso excellente Prior, que te manda mil saudades, e parabens pelo resultado mais que provavel dos teus exforços. Deus não dorme; ha-de dar-te a ti, e aos teus dignos companheiros compensação dos males que os affligiram, e nos affligiram a nós todos, os admiradores da Companhia. Muito folgo de que achassem boa sombra no Senhor Arcebispo, e na população. Avante! avante!

Encontrei no electrico a senhora D. Cecilia na tarde do dia em que recebi as tuas letras; ia para casa de tua Cunhada; pedi-lhe que lhe desse boas noticias tuas. A senhora D. M.^a Augusta acha-se bem de saude (quanto possivel), mas ainda exaltada. Este mundo é horrivel.

Agora vamos ao caso dos livros. Approvo immensamente a instauração de uma livraria. Se fosse facil, eu offereceria algumas obras várias; mas parece-me coisa custosa estar a expedir caixotes de volumes para tão longe. Hei-de estudar o caso.

Desejas obras de meu Pae; certamente irão, mas não edições raras. O melhor é mandar-te os 79 volumes da edição popular e uniforme do editor Marques, com prefacios e annotações minhas. Custa apenas 200 rs. cada volume. Esse editor tambem tem Garrett (27 volumes; salvo erro), Rebello da Silva, etc..

Elle proprio indicará mais algumas publicações. Os Pereiras da rua Augusta teem Camillo Cast^o B.^o, e várias outras coisas. Não creio que uma colleção rasoavel de autores de boa fama chegue a levar os cem mil reis que dizes; tudo se verá, e decidirás. Conta comigo sempre, e em tudo.

Com a franqueza que uso sempre, dir-te-ei que infelizmente não posso empatar essa quantia, porque, verdade verdade, não a possuo; e sem o vil metal sonante nada se faz. Lembra-me o seguinte: Recusando eu aberta e peremptoriamente receber para a minha mão essa quantia, podias mandal-a ao John Mahony, que me avisaria logo. Com elle iria aos livreiros, escolheriamos, e elle pagaria. Assim, julgo tudo aplanado. Repito: não me mandes o dinheiro a mim, porque não sei

contar; um pataco para mim parece-me um bicho de sete cabeças. Eu não faço contas em casa; quem se encarrega do Ministerio da Fazenda é a minha governanta. O Mahony é optimo para essa pasta. Desculpa a franqueza, talvez rude, e vê só a minha intenção, que é de te ser util, e aos teus benemeritos confrades.

Obras minhas não tenho; bem sabes que o ferreiro usa espeto de pau. Os meus magros livros são *dados* aos editores, ou vendidos por uns cobres. Nunca fiz questão de dinheiro. Se quizeres, tambem o Bertrand pode mandar a 2.^a ed. da L. A.

Meu Alexandre, sinto dar pouco boa conta da primeira incumbencia que me fazes, mas falei-te com o coração nas mãos.

Dá-me novas tuas quando podéres; eu não te digo o que por aqui se passa; é simplesmente medonho e assustador. O povinho está descrente dos charlatães que tanto tempo o enganaram.

Adeus. Tive agora um grande desgosto: meu irmão, vindo ha dias visitar-me, foi atropelado no Lumiar por uma carroça, e quebrou a perna direita! Calcula! Vai tão bem quanto possivel, mas, coitado, tem para peras.

Um apertado abraço do teu

sincero amigo
já *hereditario*,
admirador, e
criado obrigadissimo

Lumiar
23 de Março
de 1911

Julio

Meu querido Alexandre

Hontem fui ao Lumiar e encontrei lá á minha espera a tua carta. Isto precisa explicação: desde o dia 10 estou em Caneças, por ordem do médico, porque depois de perder meu pobre irmão sentia-me muito mal, e tive duas sincopes medonhas, que me fizeram estar horas sem sentidos. O medico achava-me empobrecido de *fluido* nervoso, e vim para aqui, sitio que talvez não conheças, mas ar e agua, e socego, e pinhaes, tudo de primeira ordem. Apesar de estar privado das comodidades que tenho no Lumiar, vou tanto melhor, que tenciono regressar no dia 29.

Do coração agradeço os teus pesames, que são bem sinceros, pois sabes bem o que é perder um irmão. O teu saudoso Antonio, e o meu saudoso Augusto, não nos sahirão mais da memoria da alma, porque faziam parte do nosso ser. Tu perdeste um irmão como poucos (que tão meu amigo era), e eu perdi tambem um companheiro de mocidade, e o ultimo que me restava. Temos que nos conformar; e felizmente, e graças a Deus, ambos temos arraigada no espirito a Religião Christan. Meu irmão era um crente (do nosso Antonio não falemos), e falleceu com os Sacramentos, menos a Sagrada Eucharistia porque era impossivel. É uma grande consolação saber que *adormeceu no Senhor*. A Empresa tem sido unanime em commemorar os serviços d'elle, e certamente a do Brazil tambem. Em summa: foi um desgosto enorme, que me deixa para muito tempo escangalhado.

O que de veras estimo saber é o bom resultado das tuas perseverantes diligencias. Segundo me dizes, o Collegio Padre Antonio Vieira progride e as Missões alastram-se a contento do Governo d'ahi. Grande differença vai d'essa gente para a nossa d'aqui; esta está cada dia mais feroz, mais inepta, e mais intolerante. Quanto aos livros, e a qualquer outro serviço que eu possa prestar-te a ti e á tua nobre causa, conta comigo. Estimo muito que ahi achassem livros bons em segunda mão para irem formando a bibliotheca do Collegio. O John M. de vez em quando me apparece, e és sempre tu um dos assumptos predilectos do nosso cavaco. É um excellente rapaz.

Recebi a são e salvo o teu discurso nas exequias da Senhora D. Maria Pia, e lá vi com muito gôsto e reconhecimento amaveis allusões a meu Pae. Está muito bem: tem sentimento, verdade, e justiça; o estylo é suave, modesto, e correntio. Nunca te ouvi falar no pulpito, mas imagino-te perfeitamente, pois conheço o teu modo distinto e affectuoso. O teu retrato está optimo; se tivesse bigode branco era teu Pae, sempre tão saudoso para mim, pois foi um amigo, e me deu provas constantes de benevolencia. Este mundo é tristissimo; tudo são saudades. Elle apparecia-me de vez em quando, e eu ia ao palacio do Campo Grande, e tinhamos a melhor caturreira com coisas que contavamos um ao outro, anedotas manças, que não faziam mal e nos faziam rir.

Meu Alexandre, trata da tua saude; tenho receio de que esses calores excessivos do Brazil te empobrecam o sangue. Espero que breve tudo isto haja de serenar. Deus não dorme.

Recebe um apertado abraço do
Teu
do coração

muito respeitoso, e grato amigo

Caneças

26 de Abril

Castilho.

de 1912

Affectuosas saudades do meu bom Prior. Vai bem, sempre na senda direita; *pedes sui steterunt in directo*. Vimo-nos apenas cheguei ao Lumiar. É um bom.

IV

Meu sempre querido Alexandre

Se imaginas que não fiz caso da tua amigavel carta de 26 do mez passado, se imaginas que me não lembro sempre de ti, de teu irmão, de teu venerando Pae, estás completamente enganado; mas (apesar do meu quasi criminoso silencio) quero crer que fazes justiça aos meus sentimentos para comtigo e com todos os teus. A minha vida é tomadissima; tenho sempre estudos em que me metto, mais por mania do que por outra coisa, tenho um sem-numero de visitas, umas seccantes, outras agradabilissimas, e todas obsequiosas, e tenho (como bom Portuguez que sou) o terrivel *amanhan*. Deixar as coisas para o dia seguinte é muito nosso; e essa costumeira é que nos mata. Desculpa-me, se podes, e em todo o caso perdôa-me.

Vamos ao caso.

Os teus desejos, ou ordens, cumpri eu sem demora. Obtive os documentos que o Senhor Arcebispo queria, e mandei-lh'os. S. E. accusou a recepção em termos muito amaveis, e queria satisfazer a importancia burocratica das buscas. Respondi que eram tres vezes nada coisa nenhuma, porque a Repartição nada quiz receber, attendendo a ser eu da casa. Portanto, meu Alexandre, perde a illusão de que eu desembolsei qualquer quantia. Verdade é que teria vergonha em receber uns 3 ou 4 mil reis, e teria tomado a mim essa bagatella, se a tivesse pago; mas nada paguei; portanto nada devia receber. Ficas entendendo que nem tu nem o Senhor Arcebispo me devem ter como credor de agradecimento. Isto é claro como agua. Qualquer outra incumbencia tua sera executada com a mesma prontidão.

Fizeste bem em vir para a Europa; o clima do Brazil é deprimente, e arruina. A Belgica, segundo oiço, é humida; vê lá como te trata. A tua saude é preciosa; a tua personalidade interessa a todos até como exemplo. Isto por aqui vai cada vez mais triste. Estes bandidos tripudiam sôbre as ruinas de um passado glorioso. Ninguem suspeita o que ainda nos espera. Infelizmente nada posso; se fosse o teu glorioso Tio Saldanha, bem sabia o que havia de fazer; mas a fôrma d'aquelles homens quebrou-se. Está tudo pôdre. Não posso entrar em pormenores; o que sei

é que o terror é geral. O *Dia*, a *Nação*, os proprios *Ridiculos*, e poucos mais jornaes, erguem protestos, que pouco valem; a maioria desabafa com a familia, e vai aos theatros e animatographos, sem se lembrar de que as prisões e penitenciaras trasbordam de victimas. É um horror.

Sabes quem esteve cá ha pedaço? O John Mahony; anda muito triste com a doença da mulher; a pobre senhora está paralytica, e idiota. Que mundo! que mundo!

Meu Alexandre, não trabalhes de mais, poupa-te, e appella para melhores dias. Oh! como se enganaram os homens de 1834!! em boa fé, foram elles os inconscientes precursores d'esta horda de selvagens. Deus lhes perdôe. O Constitucionalismo — dizia o Principe de Metternick — é a vanguarda da demagogia.

Acertou.

Recebe um apertado abraço do

Teu

ex imo corde

Lumiar

23 de Fevereiro

de 1913

Júlio de Castilho

V

Meu bom e sempre querido Alexandre

Pelo meu excellente e incançavel Prior soube o teu amigavel cuidado na minha saude. Só hoje posso agradecer-te directamente mais esta prova da tua amizade, já hereditaria, com que muito me honro. Isto valeu pouco; foi mais um dos meus habituaes ataques de asthenia cerebral. Dizem os medicos que tenho o miolo gasto e cançado, e recommendam-me descanso; é recommendar-me o impossivel. Estava eu no Ministerio da Fazenda a conversar com o bom José da Cunha e Lorena (S. Vicente), quando de repente cahi, e fiquei, como de costume, inanimado, inconsciente, tal qual como um cadaver. Todos se assustaram, levaram-me para um gabinete, veio um medico, pôs-me sinapismos nas pernas, gêlo na cabeça, etc., porque imaginava uma congestão cerebral. Quando passada hora e meia acordei, vi todo aquelle apparatus desusado, e muita gente á roda de mim, calculei achar-me nas ultimas; e como graças a Deus Nosso Senhor, sou Christão, pedi por esmola um Padre. Não sei como o José S. Vicente me trouxe o Prior da Graça, a quem me confessei, ficando muito alliviado. Foi chamado pelo telephone o meu Prior, e chamada a minha velha governanta, e com ambos voltei ao Lumiar em auto-movel. Na manhan seguinte tive a honra e o gôsto de receber a Sagrada Eucharistia. Estes sustos não se teriam dado, se a coisa fosse cá em casa, onde tenho tido muitas vezes sincopes assim. Graças a Deus fiquei no meu natural, depois de ter assustado numerosos amigos; recebi ondas de bilhetes, cartas, telegrammas, e visitas.

Nada sei de ti, meu Alexandre, e peço-te me digas como te sentes, e o que prevês no futuro, ainda que estas conversações não são para cartas. Isto por cá está intoleravel; mas nós, os thalassas, sempre esperançados na Providencia. O meu amor á Companhia de Jesus, já muito antigo, e constante, provocou ha semanas um contratempo com que os sectarios entenderam picar-me; eu te contarei essa historieta, que é de veras curiosa; hoje não posso, porque, além de estar cançado com visitas que tive toda a tarde, tenho ainda que escrever, e são 8 e meia da noite. Has-de achar chiste no caso.

Peço ser respeitosa e affectuosamente lembrado aos Padres teus Collegas ahi residentes, significando-lhes que me teem sempre ás suas ordens. Tu, se entenderes que por qualquer modo te posso ser util, dispõe de mim em tudo. A tua Familia é minha pelo coração. Teu bom Pae honrava de vez em quando esta casa; a minha governanta morria por Elle; teu irmão Antonio era para mim como um irmão mais novo; a tua sobrinhasinha Isabel, um verdadeiro Anjo do Ceo, chamava-me Avô, e deixou-me na memoria da alma um traço de luz que não se apaga. Tenho num dos meus albums uma bella photographia de teu Pae. Em summa: tudo para mim são recordações saudosas em pensando nos Castellos; e tu, agora que podiamos conviver, achas-te longe. O mundo é triste.

Meu Alexandre, recebe um abraço apertado do

Teu

Lumiær
7 de Setembro
de 1914

dedicado e
grato amigo

J. de Castilho

VI

Bom Alexandre

Recebi a tua affectuosa carta de 22; agradeço-t'a do coração.

Deste no vinte: a causa da semsaboria foi a Companhia de Jesus. Prometi contar-te o caso; vou cumprir.

Tendo acabado no *Instituto* de Coimbra a publicação das minhas longas e trabalhosas *Memorias de Castilho*, a Commissão de redacção pediu-me que não desamparasse o periódico, e continuasse a mandar alguma coisa. Este pedido foi amabilissimamente feito em carta pelo Presidente da Commissão, o Doutor de capello, Decano de Mathematica, Luiz da Costa e Almeida, respeitavel velho. Respondi que esse seu pedido me honrava immensamente, e que mandaria o meu poema *Fastos portuguezes*, devendo comtudo, por lealdade declarar que este poema, ainda incompleto, começado em 1909, era não só conservador, mas reaccionario. O Doutor respondeu que, sendo assignado por mim, ficava *ipso facto* admittido; que o remetteste. Remetti-o; e, quando esperava provas, recebi carta d'elle dizendo, com muita pena, que os typógraphos se recusavam abertamente a imprimir o Livro I, a não vir ordem peremptoria do Reitor. O Almeida mandou buscar á imprensa o manuscrito, e foi á Reitoria mostrar o periodo incriminado, que era um rasgado elogio á Companhia. Vê-se que os carbonarios teem bons representantes na typographia da Universidade. O Reitor leu, e declarou que, em vista da crise que atravessamos não se atrevia a arrostar com a opinião, e não ousava dar a ordem. Nas palavras da carta do Doutor percebi que se me insinuava a suppressão do trecho, ou a sua modificação. Respondi logo logo, que ficava sciente, que não podia ajuisar o procedimento do Reitor, porque não posso ser juiz e parte, mas que em todo o caso prohibia a mais leve alteração nesse paragrapho, nem num verso, nem numa palavra; que portanto pedia me devolvessem o original. Quer dizer: os typógraphos, os mecânicos, permitem-se censurar e julgar a obra de um autor; a Commissão de Redacção, composta de Doutores e Bachareis, curva-se á imposição dos typógraphos; e o Reitor titubeia, e dá rasão aos formigas brancas. É realmente bello, e animador.

Eu não tinha agora outro meio de imprimir o poema, senão o *Instituto*; preferi deixar inédita a obra, a curvar-me a qualquer exigencia. Por felicidade, a Providencia, em cuja intervenção creio cada vez com maior firmeza, quiz que a *Lusitania* do Porto me mandasse, em termos muito lisonjeiros, pedir collaboração. Respondi com declaração prévia análoga a que tinha feito para Coimbra. Tornaram que reaccionarios eram elles tambem, e que o poema, fossem quaes fossem as suas ideias, ficava aceito. Aqui tens tu, meu querido Alexandre, a historiata, que é edificante. Se perdi para sempre o *Instituto*, abriu-se-me logo outra porta, e fiquei de cabeça levantada, e com a consciencia tranquilla. Estimarei muito e muito que a minha pobre versalhada te vá agradando. Faço o que posso.

Só muito tarde soube do fallecimento da senhora D. Maria Luisa em Palhavan. Triste mundo! Lá estive no Sacramento ouvindo Missa pela Alma do nosso Antonio no 4.º anniversario. Os assistentes eram poucos, mas bons.

As peregrinações do teu benemérito grupo de combatentes commovem de veras. Que perseverança! Bem se vê que são homens

*de um só rôsto, uma só fé,
de antes quebrar que torcer*

como dizia o Sá de Miranda.

O meu Prior não está cá; foi passar uns dias á Amieira, sua terra; está cançado, magro, exausto de tarefa. Espero-o no dia 1.º.

E adeus por hoje, porque tenho muito que fazer. Peço ser lembrado aos teus companheiros. A destruição da Cathedral de Reims aniquilou-me. Tenho tido um ataque de figado, como é costume meu em me affligindo. Aquelles Allemães são vandalas, são hunos, são selvagens, são bandidos. E sempre a invocarem Deus!!!!... Já não posso.

Sempre teu
do coração
amigo certo

Lumiar

24 de Setembro

de 1914

Castilho

Meu bom Alexandre

Soube que minha cunhada steve em Tuy; disse-me ella que teve o prazer de estar contigo e deu-me optimas noticias tuas. Tenho estado ha tempo com muito desejo de te escrever, mas confesso que não sabia se ainda estavas ahi; agora, como sei, não quero deixar de mandar uma palavrinha com uma expressão de sincera amisade, que é a que eu te dedico, e dediquei aos teus. Ainda hoje a minha velha governanta falou em teu santo pae, e disse lembrar-se sempre das varias vezes que elle me hourou com a sua visita. Era uma das pessoas de quem eu tenho sido mais amigo, aliás sem grande convivencia. Teu irmão Antonio era uma alma pura, e com quem me dei sempre admiravelmente. Sabes o que é triste e tristissimo? é que vão faltando aquelles bons typos portuguezes antigos, que inspiravam confiança. Tu estás longe, e não imaginas o que por aqui vai. A sociedade já não é a mesma; tudo mudou, mas para peor. Ando numa tristeza enorme, e nada me entretém senão a minha papelada antiga e os meus livros. Aqui veem muitos *thalassas!* não conspiramos; para não rebentar desabafamos a dizer mal d'este systema que nos rege.

Peço-te uma palavra a dizer-me como estás, e como estão os teus companheiros. Bem devem saber todos quanto me interesso pela Companhia de Jesus; ainda ultimamente tive uma semsaboria por não querer transigir nas minhas opiniões.

Soube que está ahi uma Irman tua nas Dorothêas. *Sem a conhecer peço-te que lhe queiras apresentar os meus respeitosos cumprimentos; e em havendo occasião eu renovarei de viva voz as minhas homenagens de amigo velho da Familia Castello.

São quasi as horas do correio; tenho de concluir; recebe um abraço apertado, e oxalá eu um dia esteja livre de todo para tomar o caminho de ferro e cahir ahi inesperadamente para te fazer uma surpresa. Vou poucas vezes a Lisboa, mas em passando no Campo Grande pelo palacio de teu bom Pae lembro-me sempre do que lá vai. O que seria de nós se não fosse a immortalidade da Alma?! Eu digo sempre: com ella, a morte das pessoas queridas é apenas uma ausencia mais ou menos demorada.

Sempre teu
do coração

Lumiar
correio de Lisboa
17 de Março
de 1916

J. de Castilho

VIII

Meu querido Alexandre

Hontem, quando voltei da Missa, chegou-me pelo correio a tua carta de 11 do corrente; pela letra não conheci que era tua, mas a assignatura deu-me o praser que bem podes imaginar. Ha coincidencias engraçadas: tambem eu andava ha muito tempo com saudades tuas muito fortes, mas de todo não me lembrava a tua direcção. Ha uma senhora minha amiga, santa criatura, viuva do meu velho amigo *Ordaz* (?) Mascarenhas; umas semanas está no Lumiar, outras em Caneças; sabendo que tem uma ... Religiosa em Hespanha, pedi-lhe

..... corações enganados. neamente um para o outro. Não sei se conhecestes meu Pae, ou se o viste alguma vez; eu conheci o teu, estimei-o, e ouvi-o como devia, e o Antonio, e a todos os teus fui sempre devedor de affecto. Isto faz com que ambos nós devemos continuar tradições.

Agora vamos á tua carta. Agradeço as tuas boas palavras de parabens de Natal e Anno bom, e retribuo-as. Com esta horrorosa guerra da Europa, mais terrivel do que as mais medonhas que a Historia regista, não pode haver socêgo; eu ando triste como a morte, e só Deus pode dar-nos consolação. Nos tempos antigos bastava que o Santo Padre dissesse duas palavras, tudo se curvava, e todos obedeciam; hoje é o que se vê. A Santa Sé tem-se portado admiravelmente, mas pouco tem conseguido, porque a impiedade é geral. Eu ainda tenho fé em que, quando menos se esperar, tudo voltará aos seus eixos. Ha-de vir o Anjo annunciador de «Paz na terra», como dizes muito bem. Maiores prodigios se tem visto.

.....
.....
..... caso que me succedeu, só porque demonstrei em letra redonda a minha sympathia aos Jesuitas; é coisa curiosa, e pinta a falta de disciplina e a falta de crenças do nosso tempo. Espero ancioso as obras que me annuncias, e procurarei auxiliar os eruditos autores procurando na Torre do Tombo e na Bibliotheca de Evora os taes

documentos. Iria hoje mesmo a Lisboa (aonde vou bem pouco) se o tempo permitisse; mas está pessimo, e tem estado desanimador de frio e chuva. Na Torre tenho as melhores relações com o Director: ainda cá esteve no Domingo; é muito instruido, e muito bem educado. Em Evora conheço o Senhor Arcebispo, que me tem dado sempre provas de amisade e benevolencia; Elle é que ha-de arranjar o que desejas.

Quanto á biographia que vais escrever da tua santa Irman, vamos a ver o que posso, mas não será muito. É difficil fazer um quadro geral da sociedade lisboeta de 1860 a 70; estas pinturas dependem, ou de recordações pessoases, ou de exame minucioso dos jornaes do tempo. Este exame é seccantissimo, e, ainda que se queira fazer, não ha os jornaes senão nas bibliothecas publicas. Eu sou fraco informador, porque era muito novo em 1860, e tinha os meus estudos, e meu Pae gostava pouco de que nós andassemos em frivolidades. Em 1862 já me lembro dos bailes excepcionaes do Conde de Farrobo nas Laranjeiras; fui aos dois ultimos; eram unicos em Portugal, espectáculo verdadeiramente phantastico. Aos do Penafiel não fui. Frequentei muitas casas, mas com mais assiduidade depois de 1877; estudava muito na Bibliotheca, e á noite dançava. Depois enjoei tudo isso, e fiz-me mysanthropo, vivendo nos Olivaeas como um monge. Tempo feliz! Verei, apesar de tudo, se posso fazer um apanhado das festas de Lisboa; mas convence-te de que sou um misero informador.

Uma phrase acho enigmatica na 4.^a pagina da tua carta; dizes: «Até breve se Deus quizer.» Pois quê? tencionas vir a Lisboa? acabaram os impedimentos? Fico a nadar. Peço explicação.

Fui hontem mesmo a casa do meu bom Prior, excellente e santo homem, meu muito proximo visinho, e disse-lhe que ia em missão da tua parte dar-lhe um abraço. Ficou muito penhorado, e podes crer que ambos em dueto dissemos muito mal de ti e dos Jesuitas todos.

Um destes dias proximos irei á Torre do Tombo, e mandar-te-hei dizer o que ha a respeito dos taes documentos.

Entendo bem as saudades que tens do nosso querido Portugal; és um martyr e um heroe da nostalgia.

Recebe um abraço, em que vai um mundo de ideias de familia. Felizmente, para nós, que somos espiritualistas, a familia não morre, e os nossos Paes acompanham-nos sempre.

Lumiar

18 de Dezembro de 1916

Teu do coração

Castilho

IX

Meu bom Alexandre

Has-de ter pensado pouco bem de mim, vista a demora que tenho posto em satisfazer o teu pedido; perdôa-me, e crê que só por impedimentos de fôrça maior fui d'esta vez tão despontual. Primeiro, tivemos um Dezembro rigorosissimo, com muita humidade, grossa chuva, e escuridão terrivel. Estes frios assim incommodam-me de um modo que não te posso descrever. Não tive ânimo de arrostar com a longa jornada até á Torre do Tombo. Quando o tempo melhorou, tive uns impecilhos domésticos, que me inutilisaram. A final venci tudo, e fui hõje á Torre, onde conheço todos, e onde sou sempre obsequiadissimo, a começar no Director, e a acabar nos Continuos. Se não fosse o auxilio que amavelmente me deu o Azevedo, que é o Sub-Director, homem intelligente e prático, difficil me teria sido copiar o latim, porque a tinta está estragada, e as palavras costumam a ser lidas por quem tem a vista gasta, como eu; mas o Azevedo auxiliou-me immenso. Aqui te mando inclusa a cópia, tanto do latim como do hespanhol. As chamadas estavam certas, e por isso foi facillimo achar os documentos nas estantes do Archivo.

Falta-me arranjar o que desejas da Bibliotheca de Evora. Ahi não conheço ninguem, mas tenho a certeza de que o senhor Arcebispo, optima e respeitavel Pessoa, que me honra com a sua estima, fará desencantar o que desejas. Escrevo-lhe amanha.

Repito: desculpa a minha demroa; estou muito triste e cahido, e não tenho já a actividade com que me ufanava. *Senectus...*

Conta-me de ti; dize-me como vais de saude; dize-me se essa cidade é agradavel, e como é a tua vida. Se eu não fosse difficillimo de mover ia ahi no verão; mas nunca saio d'aqui; tudo me aborrece, e qualquer alteração nos usos me cança o mais possivel. Sou bem differente do que era. Fez saudade o que me dizes do bom João de Lemos, que tão amigo foi do meu Pae. Tive com elle relações fraternaes. Tudo acaba neste triste mundo!

Meu Alexandre, recebe um apertado abraço, e d'aquí a pouco te escreverei outra vez mandando-te a resposta do Senhor Arcebispo.

Crê nas veras com que sou

teu amigo
certo, sincero,
e já hereditario

Lumiar

8 de Janeiro

de 1917

Julio de Castilho

P. S. — Peço-te que em carta tua, quando accusares a recepção do documento em Latim, digas que em nome dos teus Collegas agradeces ao Pedro de Azevedo o auxilio que me prestou na decifração do documento. Deve-lhe ser agradavel, e é justo.

Meu bom Alexandre

No meu correio da manhan recebi a tua amigavel carta de 8 do corrente. É hoje dia do nosso Santo Antonio; portanto não se demorou muito a remessa. Li, fui á Missa na nossa freguezia, e aqui estou de volta a agradecer as tuas amaveis e affectuosas expressões. Sim, recebi os livros, e agradei-os como era meu dever; gostei muito de ver como esses excellentes Padres se applicam sempre a tarefas uteis. Isso chega a commover; na Patria ou no exilio são sempre os mesmos.

Para datas fui sempre uma miseria; não me lembrava de que o dia de annos de teu santo Pae fosse a 9 de Junho e a 8 o fallecimento de teu irmão. Acompanho-te nas tuas sentidas recordações. Teu Pae era uma pessoa de quem todos gostavam, e para mim em especial era uma excepção no nosso tempo moderno. Sem ter tido com elle relações intimas, collocava-o num lugar privilegiado do meu coração, e devi-lhe amisade sincera. Teve a bondade de vir umas poucas de vezes a esta casa, e fazia muita festa quando eu lá lhe apparecia. O palacio, como tantos outros, foi apanhado na engrenagem da terrivel machina da demolição, e já lhe tiraram uma parte; o pateo desapareceu, e o palacio faz esquina para uma d'estas presumpçosas e semsaborissimas avenidas, que as nossas Camaras Municipaes sabem romper, e que julgo vai dar lá para a estrada de Sacavem. Meu filho, tudo mudou, ou tudo acabou. A nossa Lisboa, que ainda conhecemos pacata, amadora de tradições, mudou de aspecto e de usos. Hontem á noite, por exemplo, na vespera no nosso popularissimo Santo Antonio, nem uma fogueira, nem uma bicha de rabiari, nem um throno com a Imagem. Nada, absolutamente nada. Tudo isto, que em si pode valer pouco, é horroso como symptoma. Vivo muito triste, e não percebo quando esta desaforada guerra europêa poderá acabar. Tudo me aborrece, e custa-me a applicar-me. Perguntas-me pelos meus *Fastos*; esses, como estão quasi acabados, serão talvez publicados breve; o editor insiste, mas eu não me sinto animado. Falta-me o meu Pae, que era um mestre, um irmão, um amigo; o voto d'elle é que me encaminhava; acabou-se.

De saude vou menos mal. Não leio jornaes, e isso tem talvez contribuido para passar bem. Verdade é que não sei o que se passa, senão pelas conversações; faço a figura de um beócio; mas prefiro isso a tudo.

Quando poderes escreve-me uma palavrinha; noticias tuas e dos teus excellentes companheiros são sempre bemvindas. Recebe um abraço do teu sincero amigo, e amigo de todos os teus, e obrigadissimo

Lumiar
13 de Junho
de 1917

Julio de Castilho

Travessa do Prior 11
Lumiar — Correio
de Lisboa

XI

Meu sempre querido e saudoso Alexandre

Ha um seculo que não temos noticias um do outro ; venho pedir-t'as desejando do fundo do coração sejam boas as que me dês da tua saude ; eu por aqui vou indo como Deus é servido. Quando se chega á minha idade, já se não vive ; vegeta-se.

Parece-me que me enganei, dizendo que não tenho noticias tuas ; eu me explico.

Recebi ha dois dias pelo correio tres volumes vindo de Pontevedra: *A formação intellectual do Jesuita — Jesuitophobia — e — Os Jesuitas e a monita secreta.* — São obras assignadas por Francisco Rodrigues. Não o conheço ; mas pela procedencia, pela sincera verdade que respiram, e pela erudição, vejo nelle um Religioso da Companhia. Sendo eu para elle desconhecido, attribuo á tua suggestão, e á tua constante bondade, a offerta do Autor, e creio bem que me não engano. Tu para mim és uma fórmula mnemónica de saudades. Em ti vejo teu santo Pae, que tão meu amigo foi ; vejo teu irmão Antonio, tão bom e tão infeliz ; vejo teu cunhado João de Lemos, que era para meu Pae uma especie de filho ; vejo o João Caetano Pato Infante, meu irmão pela alma ; vejo os dias bons do palacio do Campo Grande ; vejo um mundo desaparecido. Imagina pois que, não podendo desligar-te d'estes livros, tive assim noticias tuas quasi directas, e muito t'as agradeço.

Se as minhas suspeitas são certas, venho pedir-te agradeças ao Padre Francisco Rordrigues o grande favor que me fez. Vejo n'elle mais um athleta (além de tantos outros) pugnando victoriosamente em favor da Companhia, e desbaratando sem remissão os inimigos traiçoeiros e de má-fé. Grandes applausos se devem a essa penna tão competente ; e entre os seus applaudidores mais entusiasticos quero eu ser contado.

Dize-lhe isto tudo. Não me atrevo a dizer-lh'o eu desde já, na dúvida em que estou, visto que estes volumes não trazem em si o signal autógrapho e espontâneo de me serem dedicados. Tu, meu Alexandre, te encarregarás de me representar.

Quanto aos livros, direi o seguinte: apenas me chegaram, larguei o que estava estudando, e passei a tarde, o serão todo, e os dois dias immediatos nesta substancialissima leitura. Para mim não são necessarias apologias dos Jesuitas, porque os amo e venero, e entre elles tenho tido sempre amigos.

Aos infieis, Senhor, aos infieis; mas em todo o caso, dá-me o maior gôsto ver estas respostas energicas, e ao mesmo tempo commedidas; os taes Caldas e companheiros ficam reduzidos a zero; e as tarefas quasi divinas dos filhos de Santo Ignacio adquirem uma evidencia e um brilho indiscutíveis. É preciso ter pensado muito, ter lido muito, ter comparado muito, para dar á luz obras d'esta pôlpa. Não ha ali uma asserção, que não seja comprovada; a convicção domina a qualquer leitor; o respeito mais affectuoso é o que sai do espirito público ao findar uma tão arrastadora leitura. Dize isto ao Padre Rodrigues, e affirma-lhe quanto me honrou ao ter a bondade de citar um livro meu. Maior premio ao meu trabalho, não o podia eu devanear.

Quanto ao ensino dos Jesuitas, só direi que tive em Campolide um sobrinho, o qual foi prova clara do modo como ali se formavam as almas pueris. Fez estudos no Collegio, no Lyceu, na Escola polytechnica, na Escola naval, entrou na Marinha, fez a estação no Ultramar, ganhou as dragonas de Segundo Tenente, e em tres mezes curtiu uma tuberculose que nol-o roubou; mas o seu espirito de Christão foi sempre o mesmo; e isso deveu á Companhia de Jesus.

Meu Alexandre, estes tres livros enthusiasmaram-me; e espero que ainda nalgum livro que venha a escrever, se Deus m'o permittir, hei-de ter occasião de os apreciar. Por ora, ficamos nestes brados sinceros, que muito mais agradaveis serão ao escriptor por lhe chegarem nas tuas palavras e no apertado abraço, que te peço lhe dês por mim.

Vamos atravessando um tempo inqualificavel; mil vezes feliz quem sabe e pode escrever livros assim; são protestos da verdade contra as diatribes dos demolidores.

Aceita o coração do

Teu velho amigo obrigadissimo

Lumiar

19 de Outubro de 1917

Julio de Castilho

Reino de Espanha

Nov. 1912



Al Sr. D. Alejandro
Nov. 1912

GENSUF
NOV. 1912

D. Alejandro Castello

Rolls
12

Ciudad Rodrigo

Meu querido Alexandre

Não podes agradecer a tua amigável carta, sem tirar umas informações tais quaes. Já heji para ir a Lisboa, e na Parceria Pereira da rua Augusta, soube que ainda existe em Paris e no Rio, a antiga casa editora Garnier, minha editora em 1875. Encarregou-se o gerente de escrever para Paris, e se houver ainda exemplares, tanto do Ferreira quinquenta, como do Ignez de Castro, mandará vir para cá um, e o teu amigo do Porto está servido. Esperemos umas semanas, e eu darei conta de mim. Não imaginas quanto q

timiei saber que te achas bem e
a teu gosto nessa cidadinha tão
agradavel. So a tua rapida de-
scrição faz vontade de te ir
ahi abraçar; infelizmente é im-
possivel agora. Ando muito me-
lancolico e apprehensivo; e no em-
tanto estudo e trabalho sempre.
Com jornadas já não me atrevo;
a propria ida a Lisboa é para
mim um incommodo.

Men Alexandre, muito te
agradeço as tuas palavras af-
fectivas; se a te posso servir
em qualquer coisa, e cá estou
às tuas ordens. Quanto aos
livros, apenas receber resposta

de Paris, escrevo-te logo, a
não ser que desejes que eu
o mande para o Porto pelo
correio.

Adeus; d'agora a pouco
estarei em Valle de Lencoes.
Um abraço do

teu velho amigo
obrigadissimo

Sumiar
5 de Dezembro
1817

José Castilho

Travessa do Privo
11.

XII

Meu bom Alexandre

Cá recebi a tua tão amigavel carta, que muito gôsto me deu. Agora vejo que tu é que me mandaste de presente os tres livros, e não o seu autor, o erudito e zeloso Padre Francisco Rodrigues. Já te escrevi com direcção para Pontevedra, e imagino que de lá te mandariam as minhas rabiscadellas, para Rollo, por consequencia já a esta hora estás sabendo o muitissimo que me deleitaram e instruíram os livros, feitos por mão de mestre. Não digo que me convencessem, porque já estou sobejamente convencido; sou partidario incondicionado da Companhia, e mais de uma vez nos meus magros escriptos o tenho demonstrado. Aquellas accusações só idiotas é que as formulam. Já na minha grande carta antecedente te disse como apreciei aquella honrosa tarefa; não quero repetir aqui o meu enthusiasmo; o que te peço é que na tua qualidade de offerente arrecades para ti uma parte dos meus elogios.

Peço-te tambem me digas como te sentes, e se o clima d'essa terra te convem. Nada sei de ti. Eu cá vou menos mal, tendo de vez em quando as minhas sabidas macacôas; parece que são interrupções na circulação. Seja o que for, a nossa saude pertence a Deus Nosso Senhor. *Dominus dedit, Dominus abstulit, fit nomen Domini benedictum*. Esta sentença consola immenso, e dá muita força.

Vê se desencantas coisa em que eu te possa ajudar, qualquer recado, qualquer indagação, qualquer compra, e eu cumprirei sem demora. Por hoje não posso mais; que tenho varias *epistolas* para responder. Crê que representas para mim um mundo desaparecido, e que no fundo do coração aprecio a tua boa amisade, já hereditaria. Recebe um apertado abraço do

Teu sincero
e muito grato
amigo

Lumiar
3 de Dezembro
de 1917

J. de Castilho

Enganei-me pondo Dezembro; estamos em Novembro.

XIII

Meu querido Alexandre

Não quiz agradecer a tua amigavel carta, sem tirar umas informações taes quaes. Só hoje pude ir a Lisboa, e na Parceria Pereira, da rua Augusta, soube que ainda existe em París e no Rio, a antiga Casa editora Garnier, minha editora em 1875. Encarregou-se o gerente de escrever para París, e se houver ainda exemplares, tanto do Ferreira quinhentista, como da Ignez de Castro, mandará vir para cá um, e o teu amigo do Porto está servido. Esperemos umas semanas, e eu darei conta de mim.

Não imaginas quanto estimei saber que te achas bem e a teu gôsto nessa cidadinha tão agradável. Só a tua rapida descripção faz vontade de te ir ahi abraçar; infelizmente é impossivel agora. Ando muito melancholico e apprehensivo; e no emtanto estudo e trabalho sempre. Com jornadas já não me atrevo; a propria ida a Lisboa é para mim um incommodo.

Meu Alexandre, muito te agradeço as tuas palavras affectuosas; vê se te posso servir em qualquer coisa, e cá estou ás tuas ordens. Quanto aos livros, apenas receber resposta de París, escrevo-te logo, a não ser que desejes que eu os mande para o Porto pelo correio.

Adeus; d'aqui a pouco estarei em Valle de lençoes. Um abraço do

teu velho amigo
obrigadissimo

Lumiar
5 de Dezembro
de 1917

J. de Castilho

Travessa do Prior 11.

Lisboa Quinhentista na Correspondência
de
INÁCIO DE AZEVEDO

por ERNESTO DOMINGUES

Inácio de Azevedo passou em Lisboa o melhor de 13 dos 43 ou 44 anos da sua vida: primeiro como pajem de D. João III; depois, em Santo Antão e S. Roque, de 1553 a 1559 (com excepção de 1557, que foi o ano do reitorado de Coimbra).

Diz Queirós Veloso que, «sobretudo depois das Cortes da Guarda, em 1465», os moços-fidalgos não eram admitidos nos Paços Reais com menos de 12 anos de idade⁽¹⁾.

Por isso entrou Inácio ao serviço do rei em 1539 e por lá se conservou até 1546.

Refere ele próprio, em documento autógrafo, que esses anos os gastou «parte em estudos, parte na casa paterna, parte na Corte del Rei», e parece que ainda uma outra parte «em negócios de revoltas e contendias».

Não obstante as que se perderam, bastantes são as cartas que chegaram até aos nossos dias e nos deixam entrever, com a maior fidelidade, vários aspectos da Lisboa um pouco provinciana, embora muito cosmopolita, daquela época...

Como seria de prever, Azevedo escreve sempre e só para membros da sua Ordem — e a maioria das vezes para Roma e para o Santo do seu nome e da sua particular devoção, Santo Inácio de Loiola.

⁽¹⁾ *Fernão de Magalhães — A Vida e a Viagem*, Lisboa, 1941, pág. 17.

SANTO ANTÃO E S. ROQUE: FISIONOMIA RURAL E CONSTRUÇÕES URBANAS

O Colégio de Santo Antão abriu em Fevereiro de 1553, exactamente quando Inácio de Azevedo era ordenado em Braga. Logo mandaram o novo Padre para essa casa, que em Outubro ele começaria a dirigir.

Pois organizou-a tão bem que dos êxitos obtidos durante o seu governo «nasceu a ideia de entregar à Companhia de Jesus o Colégio das Artes de Coimbra»⁽²⁾, pelo que em Agosto de 1555 o encarregam de arranjar professores para mais este melindroso empreendimento, não menos delicado que uma fundação de raiz.

Pela frequente e minuciosa correspondência de Azevedo, poderemos acompanhar o crescimento tantas vezes doloroso das diferentes obras em que se viu envolvido.

Os edifícios eram implantados numa cidade de fisionomia rural: no meio de extensa horta, com sua nora «ampla e espaçosa», que tirava água dum poço de 18 braças de fundo!

Isto pelo que toca a Santo Antão. Que S. Roque não ficaria nada atrás, se nos lembrarmos da evocação de Ramalho em certa página d'*O Culto da Arte em Portugal*: «... antiga fazenda suburbana, em que os jesuítas de S. Roque delinearão a nova cidade, como a rua da *Vinha*, a do *Moinho de Vento*, a do *Poço*, a do *Carvalho*, a da *Rosa*, a da *Atalaia*, ou os nomes dos ofícios que aí primitivamente se arruaram, como os *Calafates* e as *Gáveas*...».

Lentamente, iam subindo as construções à mercê da generosidade de «pessoas devotas», que olhavam tanto pelas igrejas como pelos «apostos em que estamos» e os melhoravam, porque davam «ricos paramentos de seda e oiro, e cálices», juntamente com «peças necessárias para a casa».

Principalmente as igrejas iam em aumento constante: a de Santo Antão, «apesar de não ser muito pequena», em fins de 1555 já não chegava; e em S. Roque também «não cabia a gente» que vinha aos sermões.

Por isso o Irmão Silvestre Jorge, que «no século era muito bom oficial de cantaria», andava de casa para casa e não tinha mãos a medir. Foi ele

(2) Serafim Leite, *Complementa Azevediana I*, págs. 42-43 da Introdução Geral. A edição, que saiu em Roma no ano de 1968, é o 5.º volume da «*Monumenta Brasiliae*», 26.º da «*Mon. Missionum S. J.*» e 99.º da «*Mon. Historica*».

que desencantou «três pedras de extraordinárias» dimensões para a porta principal de S. Roque.

Por seu turno, o Governador da Índia, Francisco Barreto, ofereceu para as portas madeira dali larga e grossa, «que não apodrece».

Havia ainda promessa dum sacrário como o da Sé, enquanto um bom frade franciscano — o «melhor mestre» da cidade — estava já a fazer um relógio enorme, cujas horas e quartos se haveriam de ouvir em mais de metade de Lisboa!

Quanto ao Colégio, Suas Altezas pretendiam chamar a si a construção das salas de aula e até lá tinham mandado o architecto-mor para lhes «fazer a traça». No entanto, como apareceram vizinhos descontentadiços a pôr os seus embargos, o Provincial entendeu que seria melhor suspender tudo, «por agora», e «assim o disse a Sua Alteza»⁽³⁾.

SAÚDES

Naturalmente, as cartas abordam assuntos ainda mais caseiros, tão íntimos como as saúdes.

Notícias de Abril e Maio de 1554 e Abril de 1559 — a eterna Primavera! — apresentam repetidos casos de doentes que «botam sangue» pela boca. Até um velhinho, «propínquo a tísico, se ia consumindo» desse modo.

Do Brasil comunicam o mesmo a respeito do Padre Manuel da Nóbrega, que «se achava no fim».

Para tais males já então se receitava mudança de ares, mas terras afamadas como Évora, «que dizem que é boa» para esse género de cura, iam perdendo as apregoadas virtudes.

Ao menos, valiam-lhes bons médicos: «um muito nosso amigo» e outro «mui principal». E, quando era preciso, convocavam-se juntas médicas, como no Verão de 1556, que foi excepcionalmente quente («ninguém se recordava de calor» igual) e tão doentio que a maior parte dos Irmãos adoeceu.

Foi atingido também o Padre Inácio de Azevedo, que se gabava de ser perfeitamente saudável — «sano *sin falta*».

No dito Verão, porém, foi sangrado duas vezes e teve uma recaída que o levou às portas da morte. Médicos «óptimos e nobilíssimos» reuni-

(3) Veja adiante o texto das cartas aqui citadas.

ram-se em conferência com o médico da Rainha, por ela espontaneamente enviado, e ao cabo dalguns dias conseguiram debelar o mal, de modo que em breve baixava a febre e o querido doente entrou em franca convalescença.

ASPECTOS SOCIAIS

Nas redondezas, não faltavam autênticas pestes, contagiosas e mortais — *«solía ser este barrio infame con mugeres de mal bivar»*. Mas atalhou-se-lhe logo ao princípio.

Uma carta dos primeiros dias de Setembro de 1554 informa que, «a pedido dos Padres, mandou El-Rei à Justiça que não permitissem que nenhuma morasse neste bairro» da Mouraria.

Outra miséria social que não escapou à observação e zelo de Inácio foi a cadeia, tanto mais que lá se albergava «muita gente, cerca de 600 pessoas, e não estavam todos juntos», fora os presos das galés, que seriam outros tantos!

Felizmente alguém organizara a assistência espiritual a encarcerados, a enfermos e a pobres, como consta de múltiplos episódios edificantes citados ao longo de toda esta correspondência.

As obras de misericórdia não excluíaam os condenados à morte. E conta-se o caso dum fidalgo, «homem terrível», que os carcereiros temiam, e, afinal, depois de falar com o confessor, pediu humildemente que o deixassem ir descalço para a degola — *«al degolladero»*, como vem no original.

A caridade cristã não esquecia ninguém, nem os leprosos e o seu hospital, que ficava «fora da cidade».

REDENÇÃO DE CATIVOS

Numerosos eram então os cativos que gemiam em poder dos Moiros, com risco de apostasia.

Aí por 1554, esboçou-se um movimento internacional a seu favor e à volta do Padre João Nunes Barreto, que viria a morrer Patriarca da Etiópia e fora até ali apóstolo eficiente em terras do Turco, onde negociou inúmeros resgastes...

Para tanto, lhe confiavam avultadas esmolas ou o contemplavam em testamento.

E agora mercadores ricos de Sevilha, Toledo e Valhadolid resolviam criar uma confraria «muito forte» para remir os tristes de tão triste cativo.

A propósito das tribulações de toda a ordem que sofriam os cativos e dos angustiosos dramas de consciência que perseguiam alguns a vida inteira, é elucidativo o que aconteceu com o candidato à Companhia, Francisco Gomes, recebido aos 22 ou 23 anos de idade, «em tempo de Mestre Simão» Rodrigues.

Preso pelos Moiros em menino, logo «o vestiram como eles e lhe ensinaram o Alcorão por cinco, seis ou mais anos».

Por fim, conseguiu fugir, mas, encontrando um judeu, para o tornar favorável, mentiu-lhe, dando a entender que era cristão-novo e desejava converter-se ao judaísmo!

Contraíu portanto impedimento, o que obriga a consultar o Geral sobre o que deva julgar-se de vocação tão enredada dum homem que, além disso é «coxo e mal disposto duma perna», mas por outro lado é virtuoso, obediente e «mui hábil na língua arábica», tanto em falar como em escrever, a ponto de os próprios Moiros se admirarem do que ele sabe...

Pergunta-se, pois, que destino se haja de dar a sujeito de tantas prendas!

«PATIFES» E «FILHOS DE LISBOA»

Ambas as expressões figuram na correspondência remetida da capital ao Fundador da Companhia.

Em carta de 7 de Fevereiro de 1551, o catalão Padre Pero Doménech confessa que, enquanto esteve em Lisboa, costumava ir pela Ribeira e juntava e trazia de lá as crianças abandonadas — «moços perdidos, ladrões e maus, que aqui chamam patifes»!

Segundo Moraes, o significado mais antigo de *patife* seria moço de seira, que levava, por paga, a mercadoria a casa do comprador.

No *Dicionário Etimológico*, Machado observa que aquela antiguidade não ultrapassa o século XVI e que a origem é obscura.

Não adiantam mais os brasileiros Antenor Nascentes e Silveira Bueno.

Como quer que seja, sabe-se hoje que foi com patifes destes que se encheu o Colégio de Jesus dos Meninos Órfãos, missionários pequenos dos pequeninos índios do Brasil, onde alguns acabaram sacerdotes!

Quase ao mesmo tempo, numa carta de 8 de Maio de 1554, refere-se Azevedo aos *filhos de Lisboa* e explica como isso é «refrão que corre pelo Reino» para designar temíveis rapazinhos e mancebos desta cidade...

Pelos vistos, a diferença entre as duas turmas travessas resumia-se apenas em que uns não tinham pais e os outros tinham uns «pais que não podiam com eles»!

Não obstante, o «principal vereador da Câmara», em conversa com o Rei, mostrava-se esperançado na transformação que o «nosso Colégio» haveria de operar em semelhante mocidade. E não se iludiu o bom Francisco Correia, porquanto dentro em pouco não pareciam os mesmos meninos a quem os via seguir «tão modestos» pelas ruas. É certo que, de longe a longe, ainda atiravam a sua pedra, mas, sem demora, «se vinham acusar por escrito»; e, se por acaso «achavam alguma coisa, por mínima que fosse, a levavam escrupulosamente ao professor, chegando a perguntar que haviam de fazer do alfinete que tinham achado»!...

A «MALTA» ACADÊMICA

Santo Antão estava completamente abarrotado.

Nos princípios ainda tinham espalhado uma espécie de *cartazes* «por diversas partes da cidade» a anunciar a abertura das aulas.

Em Maio de 1554, porém, com 540 alunos, a casa já não comportava mais. No entanto em Setembro do mesmo ano eram «600 menos 12 ou 15», entre os quais uns 40 das famílias «mais nobres, sem contar outros filhos de pessoas muito honradas». Não havia, pois, problemas de casta e «os muito fidalgos conversam muito humildemente e varrem» as aulas como os outros!

Quer dizer: estamos em vias de que «isto venha a ser uma mui grande coisa»... Se até dos «estudos de Coimbra» chegam pedidos para admissão! E *metem cunhas* para ser recebidos, havendo quem para isso recorra à própria Rainha.

E mais a disciplina nada tinha de frouxa. Reinava contudo bom espírito e os castigos eram bem aceites, quando não eram procurados, como daquela ocasião em que o mestre castigou uns tantos por não haverem acertado na resposta às perguntas formuladas e se lhes veio

juntar um que nem sequer fora interrogado, mas que também não sabia a lição...

Quanto a exames, aqui como em Coimbra, regulamentos e terminologia eram os clássicos, incluindo assustadoras reuniões ou conselhos de professores «para consultar entre si acerca dos alunos duvidosos»: se os deixariam passar «ou lhes dariam erres» (assim, à letra!).

ÍNDICES DE CULTURA

Manda a verdade e a justiça que se diga que o aproveitamento no geral era bom.

Os estudantes de grego, por exemplo, que compunham tão bem em prosa e verso como em latim, por S. Remígio de 1554 expuseram no claustro iluminuras com «orações e enigmas que pessoas doutas tentavam adivinhar»! Pelo Natal do mesmo ano, só a poesia escolar rendeu à roda de dois mil versos...

O entusiasmo trasbordava tanto cá para fora que o Provincial de Nossa Senhora da Graça requeria mestre de grego para os seus frades e um gramático de Lisboa, venerando e sabedor, pedia que «lhe ensinassem um pouco nos domingos e dias santos por estar ocupado à semana».

A par de tamanha curiosidade andava a busca e apreço pelos livros, alguns tão raros como os «versos de Despautério», de que se fez uma edição especial para Santo Antão, em hora oportuníssima, porque «logo se compraram mil e duzentos exemplares daqueles».

No ano seguinte, quando Gonçalo da Silveira embarcou, «muitos cavalheiros recomendaram ao livreiro que lhe desse todos os livros que ele pedisse» e nessa oferta gastaram perto de duzentos cruzados. E porque se iniciava então em Goa a imprensa, também o Rei ofereceu ao mesmo Provincial D. Gonçalo «muita quantidade de papel»; e a D. João Nunes Barreto, Patriarca da Etiópia, que já levava consigo o futuro Padre Bustamante, agora simples Irmão «João que é impressor», fez-lhe El-Rei, no momento da despedida, a surpresa, «mercê e esmola dum índio muito hábil na *impressam*»...

TIPOS EXÓTICOS

Nesta Lisboa quinhentista, mais do que nunca terra de muitas e desvairadas gentes, acotevelavam-se homens de todas as raças e de todos os cantos dos recentes Descobrimentos.

Azevedo aponta, de passagem, Paulo de Ormuz, que em 1554 «se foi às Índias, com viagens pagas e pensão anual».

Mais demoradamente, detém-se em *Bernaldo de Japón*, que Xavier «tinha enviado de lá para ir a Roma e voltar à sua terra». Contudo este «bom homem, de muito claro entendimento, que lê e escreve quase sem que ninguém lho ensinasse» e teve «grandes desejos» de aprender, agora, depois que «lhe começaram a declarar o Padre-Nosso», já não queria saber mais nada, porque ali «achava todas as coisas». Resolveu portanto ficar e entrar na Companhia, que, «se aí o não aceitassem, entraria noutra Religião». Aceitaram — e de muito boa vontade —, mas, passados quatro ou cinco anos, morreu em Coimbra «como um santo».

MISSÕES DA ÍNDIA

Da poderosa corrente missionária deste período, nomeadamente do fluxo de pessoal para as Missões da Índia, Etiópia, Angola, Congo, S. Tomé e Príncipe, abundam preciosas informações na correspondência do secretário do Provincial e Vice-Provincial, que foi Inácio de Azevedo.

Como lhe cumpria, faz uma revisão dos missionários antigos e num ou noutro encontra problemas que urge solucionar. Foi talvez essa a sua primeira preocupação, insistentemente afirmada na carta de 7 de Dezembro de 1553, que não trata doutro assunto, a não ser o impedimento do renegado Francisco Gomes, aliás dentro de linha idêntica.

Em circunstâncias radicalmente diferentes, trabalhava na Índia o jesuíta «Enrique Enriquez», padre «mui virtuoso e que faz muito fruto nos cristãos do Cabo de Comorim», não obstante ser cristão-novo. O pior é que foi noviço dos frades descalços de S. Francisco e nesse caso é precisa dispensa para poder pertencer à Companhia. «Veja V. Paternidade o que se lhe há-de fazer».

Por sua vez, o Vice-Rei D. Pedro de Mascarenhas, «que é como nosso Irmão», instava que «lhe dessem muitos Padres» para as Índias.

Mas com os outros também iam sempre alguns novos missionários, portugueses ou estrangeiros. Assim, em 1558, com D. Constantino, lá seguiu o valenciano Padre Marcos Prancudo.

E a todos faziam dádivas, mais ou menos principescas. A D. Gonçalo da Silveira, por exemplo, além de muitos outros presentes, ofereceram retábulos «mui devotos e ricos». Onde parará isso, a estas horas?

PARA A ETIÓPIA DO PRESTE JOÃO

Ao mesmo tempo, a preparação pastoral, que bem poderíamos chamar missiológica, era tão cuidadosa e completa que aos missionários destinados à Etiópia se mandava ensinar hebreu «por parecer que lhes seria lá muito necessário»!

Que, se a Companhia mostrava tamanho entusiasmo por esta Missão, não era menor o que se notava na Corte. Só o rol das ofertas régias enche duas páginas inteiras da carta de Maio de 1556, «no tratando de las menudencias»...

Na verdade, «como afirmam aqueles que trouxeram isto entre mãos», Sua Alteza com esta leva de missionários deve ter gasto os seus cem mil cruzados. Segundo os cálculos de D. Afonso de Noronha, só a armada que acompanhava o Patriarca, ficaria por 60 a 70 mil cruzados. No entanto, não convinha dispensar tal segurança, porque os mares andavam infestados «de moiros e turcos». Para mais, ia ali o Embaixador do Rei de Portugal, com ordem de ficar na Etiópia pelo menos dois anos, até receber recado de regressar. Apesar disso, estava este «homem principal» muito «consolado e contente» com a honra de tão alta empresa, «*allende el partido que es muy bueno!*»

E a carta termina com um comovente *post-scriptum*, que é o boato duma greve dos portugueses que serviam na Etiópia e agora declaravam ao Imperador «que se despediriam do seu serviço se ele recusasse obediência ao Pontífice Romano»!...

ANGOLA

Na ausência do Provincial, Inácio de Azevedo, que o substituíra, teve de assumir a responsabilidade de abrir missão num «reino que se quer fazer christão que chamão Angola, terra de pretos».

Com esse encargo, vieram a Lisboa *embaxadores*, e «a Rainha e o Cardeal» atenderam-lhes tão bem a pretensão que resolveram pedir jesuítas para enviar já com eles — «por ser agora tempo de partirem os navios».

Bastante despachada, a Rainha facilitava tudo: «ainda que agora não fosse a gente que era necessária, que abastarião dous ou três para explorar a terra e ver o fruto que se podia fazer»...

Azevedo concordava e entendia que «converia ir algum que tornasse com toda informação da terra e da gente».

Entretanto comunicava que a terra parecia «ser saam por ser muytos graos além da linha ... muy abastada de carnes e outros mantimentos, muyto temperada, segundo dizem»; quanto à gente, a avaliar «por estes que aqui andão, hé dócil, bem acostumados, não casam mais que com huma molher, nem com parenta, fasem muyta justiça, não adoram cousa nenhuma, e o rey hé muyto obedecido de todos»...

Neste meio tempo, porém, chegou notícia da morte do «*Rey que avia embiado los embaxadores a pedir sacerdotes*» e, como se desconhecia o pensamento do sucessor, adiou-se a fundação.

CONGO E S. TOMÉ

Antes de tomar a Missão do *Reino de Angola*, os jesuítas evangelizaram o Congo, para onde partiram em 1547, como historia o Padre Francisco Rodrigues (1/2, 546-51).

Um desses missionários deixou o Congo e, segundo informação do Beato Inácio de Azevedo, *estava en la isla de S. Thomé, que es en el camino de Portugal a Congo*.

Já então havia *la Misericordia de S. Thomé*, a que os jesuítas deram 147 000 maravedis.

Esse mesmo missionário também visitou, quando ali estava, *otra isla*, por onde demorou pelo menos 4 meses. Esta ilha era *la isla del Príncipe*. Chegou a Lisboa em 1553 — *hora vino* —, doente e nada bem visto... (7/12/1553).

Outro companheiro seu *llegó a Coimbra al colegio averá un año o más. Venía enfermo de Congo, mandáronle a su tierra a sanar (que es junto a la ciudad de Braga)*...

Antes da vinda deste partiu para o Congo nova expedição, de que fazia parte o Padre Cornélio Gomes, nascido no Congo de pais portugueses, o qual, como zeloso sacerdote secular, tinha sido enviado a Portugal como embaixador do rei do Congo D. Diogo a pedir missionários da Companhia, os tais que haviam seguido em 1547. Padre Cornélio entrou na Companhia a 23 de Agosto de 1548...

IMPRESSÃO GERAL DE LISBOA

Fino observador como largamente demonstrou que era, Inácio de Azevedo não escondeu o que pensava do lisboeta do seu tempo.

Escolho dois juízos formulados pelo jesuíta a cinco anos de distância um do outro.

O primeiro consta da quinta carta que Azevedo escreve de Lisboa para Roma, em Maio de 1554: com toda a franqueza e espontaneidade, confessa ele a Santo Inácio que «a gente desta terra é, no geral, muito devota e vivem muito cristãmente».

Numa das suas últimas cartas escritas de Lisboa ao Padre Diogo Laines (a penúltima que se conserva), mostra o fruto da frequência dos sacramentos por parte dos fiéis de Lisboa, gente honrada, que não queria ficar com o que lhe não pertencia, quase tão escrupulosa como aqueles estudantes de Santo Antão que não descansavam enquanto não lhes diziam a quem haviam de restituir o alfinete que tinham achado! A diferença estava em que os alfinetes dos adultos pesavam um pouco mais — tanto como peças de prata ou de seda e apenas uma vez tanto como leve colar de ouro...

Roubos houve-os sempre, em todo o tempo e lugar. A restituição é que é rara, mas representa verdadeiro despertar de consciências. Nisso teremos um dos mais rasgados elogios do comum da gente desta cidade, em meados do século XVI, a juízo dum santo que longa e intimamente a tratou, durante mais de doze anos!

EXCERTOS DE CARTAS

SOBRE O COLÉGIO DE SANTO ANTÃO-O-VELHO

Hun huerto mui grande se cercó con pared alrededor, que de antes se avia començado y lo impedían algunas personas, las quales lo an todo concedido y la ciudad nos dio también parte. Es mui grande y de buena tierra para todas las cosas necessarias (8/5/1554).

Una persona particular tomó por su devoción assumpto de bazer en la huerta del mismo collegio un pozo para anoria de que tenía muy gran necesidad, y sin hallar agua se cavó más de 18 braças en hondo, pero tandem plugo al Señor que se halló y muy buena. Queda la anoria muy ancha y espaciosa aliende la hondura. Viene muy a propósito assí para la huerta, que tiene mucha tierra, como para la misma casa, que por estar en lugar más bajo podrá cómodamente servirse por caños del agua para la sacristía, refectorio y cozina (31/12/1555).

Aquí en la casa, como se vive de limosnas solamente, se muestra mucho más la devoción de la gente; porque en muy poco tiempo que há que se fundó se han

hecho muy buenos aposentos en que estamos, y se han dado muy ricos ornamentos de seda y oro, y cálices, y otras cosas de iglesia, y piezas para casa necesarias, y todo de limosnas de personas particulares. Házese una iglesia grande, asimismo de limosnas; porque la que al presente tenemos, aunque no es muy pequeña, no basta para recoger la gente que frequenta los sacramentos y los sermones. El Padre Mirón hizo que se comenzassen y abriessen los fundamentos sin haber en casa blanca para la obra; y después hasta ahora por la bondade del Señor, ha ido siempre adelante, y habranse ya gastado en ella 500 ducados, ministrando el de contino con que se paguen los oficiales y trabajadores. Hay en esta casa un hermano que estando en el siglo era muy buen official de cantería, hijo de vezino de esta misma ciudad y persona muy conocida, el qual anda trabajando continuamente en ella, que no es para la gente que lo ve, poca edificación (31/12/1555).

Nota — Era o Irmão Silvestre Jorge, mais tarde padre e architecto, como pode documentar-se com Rod. 2/1, 172, nota 3.

CONSTRUÇÃO DE S. ROQUE

El edificio de nuestra yglesia va siempre adelante para lo qual no falta el Señor com limosnas de personas devotas... (Maio de 1556).

Nota — Estas obras foram depois modificadas para plano duma só nave, em 1565 (cf. *Compl. Azev.*, p. 93, nota 18).

Por ser tanta la gente que viene a los sermones, que no cabía em la iglessia, se an movido a dar una limosna mui buena para llevarsse adelante el edificio de la nueva iglessia;creo llegará por lo menos a dos mil ducados (17/3/1559).

Primeramente quanto a lo material, se augmenta el edificio. Es acabada una parte grande del dormitorio y en la iglesia se baze ordinariamente, y por esta Quaresma se ver la necesidad que avía de se acabar presto, por no caber la gente que venía a los sermones en la iglesia antigua, se a dado una buena limosna que passará de dos mil cruzados sin otras ajudas que se dan. Tiene cuidado del edificio un nuestro Hermano lego que en el século era official; a buscado por su industria tres piedras de extraordinaria grandeza y buenas de que se hizo toda la puerta principal. El Governador de la India a imbiado una cantidad de tablas mui gruessas y largas para las puertas, de un palo que no se corrompe que ay en las Indias. Una persona devota tiene intento de hazer un sacrario de la manera de uno que está en la iglesia mayor que costará quinientos cruzados.

Házese un relox para lo qual se a dado una campana mui grande que no solamente basta para la casa mas para gran parte de la ciudad: anse dado las demás cosas necesarias para el relox, y házelo un religioso de San Francisco qu'el Comisario General mandó para eso aquí a casa, por ser el mejor maestro desto que se halla en estas partes; házelo con media hora y quartos (16/4/1559).

Cf. carta anterior, de 17/3/1559. O «nosso Irmão» era o mesmo Ir. Silvestre Jorge; o Gov. da Índia era Franc^o Barreto (1555-1558) e a madeira deveria ser teca ou angelim (vj. *Compl. Azev.*, 204, notas).

PROYECTOS

El-Rei Mandó bazer traça de unas schuelas aquí para que las aulas que se fueren baziendo vaian en orden a todo el edificio. Vino aquí para bazerla un Maestro de sus obras, y Francisco Correa que es el principal del Magistrado desta ciudad (3/9/1554).

El collegio nuestro que está en esta ciudad an Sus Altezas deseado edificar junto a la casa en un mui buen sitio que avía para ello, porque el que agora tiene está un poco apartado y en lugar incómodo para la frecuencia de los estudiantes. Y comese a efectuar y tomándose por orden de Su Alteza las heredades para el collegio, como tenían muchas personas parte en aquello, por ser el sitio grande, uvo algunos que no querían vender sus haziendas y quexávanse de nosotros, de manera que pareció al P.^o Provincial que sería servicio de N. Señor no se entender por aora en ello y así lo dixo a S. Alteza (16/4/1559).

Nota — O Col.^o é o de St.^o Antão. Suas Altezas: Rainha D. Catarina e Cardeal D. Henrique; Sua Alteza — D. Catarina. Prov. — Padre Miguel Torres.

SAÚDES

Carinhosamente, o Fundador da Companhia de Jesus queria saber tudo o que alegrava ou entristecia os seus filhos, onde quer que eles se encontrassem. Daí veio aos correspondentes do Geral o jeito de lhe darem conta das saúdes, tanto da alma como do corpo, dum e doutro homem, como dirá Inácio de Azevedo:

Todos están bien in utroque homine, seia gloria al Señor de todo (3/1/1555) !

Tão satisfatório estado sanitário porém parece que, naqueles tempos, seria raro. Por vezes, desencadeavam-se verdadeiras epidemias, dentro e fora das comunidades, em épocas menos doentias, como costumam ser os primeiros dias de Outubro:

De la disposición corporal se an allado por vezes mal, máxime en el principio de las lecciones: por San Remigio se allaron quasi todos mal è parecíamos que sería por el trabajo de leer más una hora a la tarde de lo que hazian en el verano, pero fue general en todos así en casa como fuera ne la ciudad (3/1/1555).

Uma das doenças de que Azevedo trata com mais frequência nestas suas cartas era provavelmente aquilo que depois se veio a chamar tuberculose. Pelo menos aparecem vários casos de «bechar sangre»:

Un regente mui bueno echó iá dos vezes sangre y me parece que no leerá más (6/4/1554);

Los regentes hazen bien su officio. Dos se an ballado mal y uno de ellos de echar mucha sangre por dos vezes (8/5/1554).

Devia ser o mesmo doente, a quem, pelos vistos, receitaram mudança de ares:

Uno de los regentes que aquí enfermaron se embió a Évora a convalecer, que dizen que es buena tierra para los que echan sangre (8/5/1554).

No entanto, não servia para todos:

De Évora a venido enfermo el P.^o Alonso Barreto, y le era mui dañosa aquella tierra para la salud corporal, aora está iá sano è oie confessions (3/9/1554).

O mal de deitar sangue pela boca também apoquentava no Brasil nada menos que o grande Nóbrega:

Del Brasil a pedido el P.^o Nóbrega, provincial, le manden algunos de la Compañia, y uno que tengua su cargo, porque él se halla al cabo por echar sangre (19/8/1558).

Afinal, esta terrível doença já então não olhava a idades:

Un solo está mui enfermo, que es P.^o Manoel Rodriguez, sacerdote antigo y de mucha virtud, coadjutor spiritual formado; tiene necesidad de oraciones por estar propinquo a thísico y parece que se irá consumiendo (16/4/1559).

De facto, faleceu pouco depois (Carta de Polanco a Azevedo, de 19/9/1559).

E mais não faltavam médicos que nos «curassem», tanto em St.^o Antão como em S. Roque:

Un mucho nuestro amigo ... aprovechándose bien en las necesidades de su alma de los Padres, como nosotros dél en las corporales, tão caridoso que dexó toda la hazienda que cabía a su parte a pobres y obras pias, siendo mui rico y teniendo hijos, e tão culto que dexó para ajuda de la doctrina deste colegio algunos libros de griego. Otro médico mui principal a tomado a cargo de curarnos... (3/9/1554).

Quanto a outras casas desta Provincia ay salud al presente, si no es Coimbra que de algunos años acá se a hecho muy enferma, y assi ay allí enfermos de la Compañia más que en estas otras partes (19/8/1558).

De modo particular o ano anterior, em que Azevedo lá foi Reitor, foi ano muito doentio, primeiro com *las dolencias que acá llamávamos de Sancta Justa* e por fim *la otra dolentia fue en el principio de Noviembre, de un romadizo tan fuerte que luego traya fiebre, del qual murió acá mucha gente*, como contou minuciosamente o Irmão Nicolau Gracida, na sua carta de 14 de Fevereiro de 1558.

Na quadrimestre de 1/9/1556, o Irmão Francisco de Varea dá conta do estado sanitário de Santo Antão e dos grandes calores daquele Verão — «*maximis caloribus (non enim meminimus maiores)*» — e das doenças que então atingiram a maior parte dos Irmãos.

Também Inácio de Azevedo adoeceu, sendo sangrado duas vezes, e «*brevi ex hoc morbo convaluit*».

Ao quinto dia, porém, da convalescença, recaiu... «*atque ita graviter aeger fuit, ut iam pene omnes diffiderent eisque vitam desperarent*».

Chamam-se por isso vários médicos — «*nobilissimi atque optimi medici, ipseque regius medicus huc a Regina missus cum aliis tribus vel quatuor magno studio ac diligentia Patrem invisebant, et postea ... inter se conferebant ...*».

E assim, «*paucis enim post diebus coepit Patri, qui in tanto vitae discrimine versabatur, meliuscule esse a febrigue relinqui...*» (Complementa Azevediana I, 103-104).

No entanto, Azevedo ligou somenos importância a isto e, em 1561, escrevia: «*no ha sido enfermo, sino mui raras vezes, y es sano sin falta en el cuerpo*» (Compl. Azev. I, 282).

ASPECTOS SOCIAIS

MOURARIA

Solia a ser este barrio infame con mugeres de mal bivar. Mandó el Rei a la Justicia, pidiéndoselo los Padres, que no permitiesen bivar ninguna en este barrio, y luego se puso por obra poniéndoles penas y prendiendo algunas que luego no se fueron (3/9/1554).

Tiene entre si la gente devota muy gran cuidado de visitar los pobres y enfermos, assí hombres como mugeres, cada uno en su especie, y procurar por sí y por el medio de otros limosnas para ellos, y algunas personas de hazienda, dan por estos devotos muchas limosnas cometiéndoles el cuydado de repartirlas. Y una persona señalada en mucha hazienda dio este ano, que hubo mucha falta de pan, muy gran cantidad dél a estos para que lo distribuyessen entre las personas necesitadas en número de más de 400 moyos, los quales andaban por las calles con información de los pobres, y repartíanlo a costales entre ellos, y una persona devota, viendo que un pobre no tenía manta con que cubrirse, fuese a su casa, y de una que solamente tenía hizo dos partes y dio la una a la pobre (31/12/1555).

PRESOS E LEPROSOS

Predicóse los miércoles asimismo en la cárcel, y algunas vezes dos sermones en el día, por ser mucha gente, que serán cerca de seiscientas personas y no están todos juntos;...

predicóse los viernes a los presos que están en las galeras, que serán otros quinientos o seiscientos.

Ultra de los sermones que a estos de la cárcel y de las galeras se hazen, los ayudan confessándolos en sanos, y ayudándolos a morir así por enfermedad como por la Justicia, y para todos los que mueren por Justicia van Padres a ajudarlos.

Estos días fue sentenciado a ser degollado un cavallero ... un hombre terrible ... y, temiendo que hiziesse algún desatino, estaban preparados los que tenían a cargo la prisión. Quiso nuestro Señor darle gracia ... y se preparó toda aquella noche para morir al otro día, como hizo con mucha humildad, queriendo ir por más devoción descalço al degolladero y, quitadas sus ropas, llevando una blanca de las que suelen llevar los plebeos quando van a horcar. Otra persona llevavan a horcar arrastrando y, permitiéndole la Justicia, la iba sustentando en las manos un sacerdote que avía ido a confesarla, ajudando otras personas devotas de fuera. Otras cosas se ofrecen con estos presos en que ai que exercitar la paciencia, humildad y mortificación así en sus enfermedades por ser el lugar incómodo y de mal olor, como quando son por la Justicia sentenciados (16/4/1559).

... el P. Don Gonçalo ... Va assimismo a hacer pláticas algunas veces a un hospital de leprosos a instancias de un regidor de la ciudad, que lo tiene a cargo (31/12/1555).

Aquí em casa ... vase tanbiém predicar a diversas partes, como es a la cárcel y a los presos que están en las galeras, a los leprosos y al palacio del Rey, y a casa de la Inffante Dona Isabel se va a la tarde hazer doctrina a ella y a los de su casa ... (17/2/1559).

... predicóse los viernes a los leprosos en un ajuntamiento dellos que está a una parte fuera de la ciudad (16/4/1559).

REDENÇÃO DE CATIVOS

O 1.º Bispo da Companhia de Jesus e Patriarca da Etiópia, D. João Nunes Barreto (+1562), foi um grande apóstolo do resgate de cativos. Conta-o o Padre Inácio de Azevedo em carta a St.º Inácio, datada de Lisboa a 8 de Maio de 1554 (*Mon. Bras. V*, 38-39):

Un Padre nuestro, que se llama Joam Nunez, que averá 6 años que estava em tierra de moros atendiendo a la consolación y necesidades corporales y spirituales de muchos captivos christianos, adonde nuestro Señor obrava mucho por él, porque muchos que se avían hecho moros hizo bolver a la fee, a otros previno que no se hiziesen moros, fue causa de se rescataren muchos captivos y de se hazeren grandes limos (nas)...

Está aora aquí y nos es mui gran exemplo de virtud ... des que vino hasta aora vienen muchas personas pedirle remedio para captivos y a saber dellos que muchas vezes se halla rodeado de gente.

En la Semana Sancta llegaron aquí 30 captivos juntos, los más dellos mochachos y mugeres que él avía sacado del captiverio, que fue mucha edificación en esta ciudad y movían la gente mucho a devoción y hazer limosnas. Muchas personas le mandan dineros para que se saquen captivos, para lo qual tiene en esta ciudad dos personas adonde se depositan los dineros y él da orden como se saquen los captivos. De Évora le mandaron juntos más de 300 cruzados. Una persona le

embió llamar en esta ciudad que tenía 2000 cruzados para que él sacase captivos, a lo qual dio orden como se effectuasse. Otra persona defuncta dexó en su testamento que entregasen su hazienda al P.^o Joam Nunez para se sacaren captivos la qual dizen que valdrá 6000 cruzados. Otra con deseo de hazer limosna y no ballándose con dineros dio un cavallo para captivos, que uno de los depositarios vendió.

De Sevilla le escriven que se buelva que quieren hazer mercaderes de allí y de Valledolid y Toledo una confradía para sacar captivos, que será una cosa mui gruesa por ser ellos mui ricos.

UM RENEGADO

En tiempo de M. Simón se rescibió en la Compañía un mancebo de 22 ó 23 años, que se llama Francisco Gomez, el qual fue preso por los moros en edad de 8 ó 9 años, y luego en siendo captivo los moros le vistieron como ellos y le enseñaron en la scuela del Alchoran 5 ó 6 años o más. Stuvo 12 años captivo y siempre fue infame por reñegado comunmente, aunque de corazón dize que nunca lo fue. Al fin balló para huir y vino a tierra de christianos. Encontró con un judío antes de salir y dióle a entender que era nuevo christiano, y que a cabo de tiempos se quería ir a Llevante hazerse judío por venir de casta dellos. Esta mentira dixo principalmente para que le favoreciesse en su pasaje, y parte por su mucha ruindad, como él dize, porque sin dizirlo podíase remediar, aunque por ninguna cosa le fuera licito dizirlo.

En las Constituciones este impedimento es de los essenciales. V. Paternidad provea en lo que devemos de hazer. El P.^o M. Jherónimo Nadal nos dexó dicho que lo retuviésemos no como de la Compañía hasta consultarlo con V. Paternidad. Las partes que tiene son ser virtuoso y obediente con conocimiento y confusión de lo pasado, es mui ábil en la lengua arabia y sabe mucho della así en scrivir como en hablar, y es de manera que aun los mismos moros lo tienen en mucho y se admiran de lo que sabe. Al presente enseña (a) Cipriano la lengua aráviga. El P.^o Doctor Torres y otros Padres están contentos dél, specialmente por ser ábil en esto, si no tuviera el otro impedimento, y más también es algo coxo y mal dispuesto de una pierna. Avísenos V. Paternidad de lo que se deve hazer (7/12/1553).

Dos Hermanos se an metido al studio, uno servía en los officios de casa y sabe bien la lengua arábiga ... El primero se embió al collegio de Évora, enseñó aquí primero la lengua arábiga al Padre Cipriano (3/1/1555).

«FILHOS DE LISBOA»

... solían a ser tan terribles los mochachos y mancebos desta ciudad, que andava por refrán en el el Reino «los hijos de Lisboa».

El otro día hablando un cavallero que llaman Francisco Correa, que es el principal del magistrado, con el Rei acerca de nuestro colegio le dizia que aora

esperava en nuestro Señor se avía de perder este nombre de «hijos de Lisboa» (8/5/1554).

Nota — «Principal del magistrado» — principal dos vereadores da Câmara.

Algunos que de niños an tomado algunos malos vezos o son traviesos, de manera que sus padres no pueden con ellos, an que aquí luego son remediados: y nuestro Señor por su bondad lo haze con la gracia que les da en las confesiones, y con la reverencia y temor que tienen a los maestros, y continuo exercicio de tratar de cosas buenas (3/9/1554).

... por las calles andan tan modestos que la gente de fuera se aediffica mucho; unos acertaron de tirar unas piedras y después pareciales que avían hecho mal e veniéronse acusar por scrito al perfecto de los studios que se conoscian por peccadores; otros hallaron unos ciertos libros escondidos que se avían hurtado a un librero y traxéronlos aquí, bizose diligencia y diéronlos a su dueño; qualquier cosa que allan, abunque sea mínima, la lhevan al maestro y a las vezes van con un alfiler a preguntar que harán de lo que han allado (3/1/1555).

OS ESTUDANTES

Pusiéronse primero scriptos por diversas partes de la ciudad. Acuden muchos de nuevo cada día, tanto que estábamos já para no receber más ... Supo el Cardenal Iffante ... y dixo al P.^o Mirón que en ninguna manera lo hiziésemos. También Francisco Correa, que es mucho nuestro amigo y haze mucho por nosotros, dizia al Padre que en ningún modo lo hiziese.

... Serán por todos aora cerca de 540 (sin los que oien casos), muchos delhos de los más nobles del Reino; estos serán más de 30, y otros muchos nobles. Y es este pueblo tan grande que dezían los señores del Magistrado que no nos bastarían doblados maestros de los que teníamos para el número de los estudiantes que nos avía de venir (8/5/1554).

El número de los studiantes cresce tanto que fue necessario partir los de una classe, en que pasavan de 200 y poner más un Maestro, de manera que son aora 6 de Humanidad, y será menester meter muchos más por el tiempo adelante, porque son mui pocos días o quasi ninguno que no vengan de nuevo, y día ai que vienen 8, 10 y más, y vanse mui pocos, y lleva camino de ser esto una mui gran cosa. Andan aquí muchos nobles, Francisco Correa los pidió por lista para los mostrar a el Rei y diéronselos. Los más conocidos que aquí andan, sin otros que ai hijos de personas mui honrradas, serán hasta quarenta.

Sus padres están mui contentos y edificados de su aprovechamiento en buenas custumbres y studio, y instan muchas vezes que los castigén: mandan algunos venir los bijos de otras partes y del studio de Coimbra por los traer aquí, y algunos dexan de los tener consigo y los mandan posar aquí cerca con sus aios en casas que les

alquilan para mejor se aprovechar. Algunos que de niños an tomado algunos malos vezos o san traviesos ... (vj. «Filhos de Lisboa»).

La Iffante Doña Isabel (teniendo en su casa un maestro mui docto que enseña a su hijo) dizía al P.^o Gonçalo Vaz que si no fuera tan lexos, que lo oviera de imbiar aquá studiar...

Lo(s) studiantes de Humanidad son 600 menos 12 ó 15 a lo más, estos los continuos que muchos más se recibieron. Vienen a oír la missa cada día mui de mañana; algunos vienen amanecer aquí para estar a las missas hasta la lición. A los domingos y fiestas vienen por la mañana muchos a oír la missa y el sermón, y al domingo a la tarde vienen a oír todos de sus maestros la doctrina. Alguno que sabe alguna cosa mejor que los otros trabaja con mucha diligencia de se lo scrivir y poner adonde los otros lo vean y lo aprendan...

Algunos de los nobles tenían en su casa maestro que les leía, y como vieron que se leía aquí bien y avía buenos maestros, así ellos como el que les leía se vinieron aquí studiar. Andan en la 1.^a classe algunos sacerdotes y dos ó 3 dellos enseñavan fuera a otros. En las otras classes también oien clérigos y otros hombres de mucha edificación, y todos mui quietos y diligentes en se aprovechar (3/9/1554).

Inteiramente gratuito este ensino; nem presentes se aceitavam:

Maravillanse cómo no les tomamos nada y allá fuera a las vezes importunan al comprador para que traia alguna cosa para casa que ellos le quieren dar, mas no se lo acepta. Otros traen a casa presentes, mas con buenas palabras los hazen volver agradesciéndoles la buena voluntad. Uno por que no supiesen que venía dél, por otra persona de fuera mandava unas plantas para nuestro huerto mas, sospechando lo que podía ser, no se aceptaron... (3/9/1554).

CASTIGOS E «CUNHAS»

En la classe dan mucha muestra de virtud. Uno por ser subiecto allá fuera, era algunas raras vezes ocupado, y viendo que los que faltavan a la lición mandavan castigar, pedía al maestro que lo mandasse castigar essas vezes que faltasse, y aunque no era en su mano, por lo ocuparen, quería yr por la vía de los otros. Otro mandando castigar el maestro a unos por no saberen la doctrina, vasse también con ellos sin le aver interrogado y, preguntado adonde iba, dixo que él también no sabía la doctrina, que iba para que le castigassen. Mandava un maestro passar a los más negligentes para una parte, y pediale uno que le posiesse también ally porque él era negligente.

Algunos mui nobles allá por fuera y en el palacio de El-Rey los mortifican por venir acá, por ver que conservan aquá humilmente y los castigan, pero ellos no se curan dello y van adelante por gracia del Señor. Preguntava un maestro a uno que era mui noble como suffría el castigo (por ver si se tentava con él); dixo que entonces no se le acordava de nobleza ni parientes, ni le pesava por le castigaren sino de la culpa por donde lo castigavan: y comúnmente todos son unos sanctos y los mui nobles conversan muy humildemente y varren las classes y mues-

tran todos mucho amor a la Companhia y a la doctrina que aprienden. Procuran mucho los padres por traber aquí sus hijos y instan mucho por ello, y los días passados venían tantos que se enchían mucho las classes, y también por V. P. nos avisar que no se cargassen mucho los maestros, pareció que convenía no recibir todos los que viniessen al studio, y que se cerasse la puerta al recibir por no se hazer la cosa violentamente, por ser necessario meter juntamente muchos maestros y hazer muchas classes que sería trabajo a la ciubdad. Comunicólo el Padre Mirón con el Rey Infante, y con el principal del Magistrado. Todos venieron en ello, pero les pareció que se devían recibir algunas personas raras así por nobleza como por habilidad, y así se hizo, pero ... otros buscan maneras para los admittiren hablando a personas qualeficadas y a la Reina para que nos pidan y encomienden que los recibamos... (3/1/1555).

Já que aparecem as «cunhas» clássicas, embora dum género inédito, vejamos se também naquele tempo se conhecia certa gíria académica que ainda hoje persiste. A 14/2/1558, escrevia de Coimbra o Irmão Nicolau Gracida: *Aliende desto enpeçaron los nuestros maestros a ser examinadores ... Ajuntáronse todos los examinadores en nuestra casa para consultar entre sí acerca de los que dudavan, si los aceptarían a licenciatura o darían erres; e al cabo se pusieron en las manos del P.º Don Ignatio, diziéndole que biziese acerca de aquello lo que bien le paresciese, y que a ninguno podría yr mejor que a él. Era então Azevedo Reitor de Coimbra.*

CULTURA/GREGO

En el studio se aprovechan mucho ... Hazen sus discípulos composiciones en griego, en prosa y en verso. Los que continuan el griego serán hasta 40 y todos se aprovechan bien; oien Homero (8/5/1554).

... las classes andan mui buenas. En la primera ... componen mui bien en griego versu y prosa, y lo mismo en latín; son mui dotos. Los que van con el griego mui adelante serán 30, y por todos en la primera serán cinquenta. Esta Navidad hizieron mucha copia de versos (serían bien 2000) en loor del nascimiento de nuestro Señor (3/1/1555).

El principio del año por San Remigio ... a la tarde se tovieron conclusiones de Rhetórica ... Avía alderedor del claustro muchas oraciones mui buenas de letras illuminadas, que avía muchos días que los studiantes aparejavan, y muchos en latín y oraciones en griego, y enigmas que essas personas doctas y religiosos y de toda suerte andavam por adivinar, dando en todo gloria al Señor porque todo era de cossas buenas. Avía por las culunas muchos epigramas en griego y latín mui buenos que hizieron nuestros maestros, que toda la mañana y la tarde personas de fuera tresladavan y leían (3/1/1555).

Un maestro mui antigo en esta ciudad y docto en la gramática pidía le liesen un poco de griego a las fiestas por ser por la semana ocupado. El Provincial de

los flaires de nuestra Señora de Gracia también mandava pedir quien leiese a algunos flaires suios, mas con las ocupaciones generales no podemos acudir a las particulares (3/9/1554).

LIVROS, LIVREIROS E IMPRENSA

En las dos otras ínfimas, en la una se len dyclinaciones de Despauterio ... Una persona devota por nos complazer tomó assunto bazer imprimir todos los versos de Despauterio para que los leyesen aquí a los studiantes, y da los libros a mui buen precio, y a algunos pobres por amor de Dios; y esto se lee aquí y en Ehora. Luego compraron mil y dozientos libros d'aquellos (3/1/1555).

Nota — Despautério = van Pauteren (+1520), flamengo.

El P.^e Don Gonçalo y Francisco Rodriguez llevaron cerca de cien ducados de libros de solamente limosnas, porque yvan muchos cavalleros a dezir al librero que diesse al P.^e Don Gonçalo todos los libros que pidiese que ellos los pagarian: y dezía el librero que en su mano estava llevarle toda la librería (Maio de 1556).

Formado em cânones pela Universidade de Coimbra, depois de ter «lido allí publice dos años», entrou na Companhia o Dr. Álvaro Pacheco, que, *quando venía para la Compañía, truxo mucha cantidad de libros, porque era hijo de persona rica y honrrada (16/4/1559).*

El mochacho que tiene las conclusiones de Rethórica las manda imprimir y todos andan mui animados (3/1/1555).

Quando D. João Nunes Barreto, Patriarca da Etiópia, estava para partir, deram-lhe, entre outros jesuítas, o futuro Padre Bustamante, agora simples Irmão *Joan que es impressor (Maio de 1556).*

Na hora da despedida, El Rei *bizo merced y limosna al Patriarcha en esta última visita de un indio muy hábil en la impressão, que no será poca ayuda al Hermano que lleva cargo della (Maio de 1556).*

Iniciava-se então também em Goa a Imprensa, onde, no dizer do citado Patriarca, o tal índio, enquanto esperava viagem para a Etiópia, «cá mostrou saber bem da impressam» (*Compl. Azev. I, 99, nota 40*).

Talvez por isso, o Provincial D. Gonçalo da Silveyra se tinha prevenido em Portugal: *El Rey le hizo limosna de mucha cantidad de papel que le pidió... (Maio de 1556).*

PAULO DE ORMUZ E BERNARDO JAPONÊS

Paulo de Ormuz se fue este año a las Indias. Dióle el Rei lo necessario para su viage, y para allá con que se pudiese substentar cada año (8/5/1554).

El japon qu'el P.^o M. Francisco a enbiado de la India venía de allá con detriminación de ir a Roma y bolver a su tierra: a le nuestro Señor tanto movido que dize que ia no quiere nada, ni hazienda ni tierra, ni otra cosa sino servir a Dios en Religión y hazer qualquier officio que le mandaren, y quando en la Compañia le no aceptaren, que entrará en otra Religión. Es hombre de mui buena habilidad y mui claro entendimiento, umilde y obediente, lee y escribe quasi sin se lo enseñare. El P.^o Nadal lo quiere mandar a Coimbra a la casa de probación; danos esperança que será um gran siervo de N. Señor (2/12/1553).

Bernaldo de Japón se detriminó a ser nuestro Hermano, es mui buen hombre. Al principio tenía él mui gran deseo que le enseñasen alguna cosa, y como venía malo de la mar atendían a le curar, começándose a allar mejor le empeçaron a declarar el Pater noster. Sintía tanta consolación que dizía que al principio tenía grandes deseos de saber, mas iá aora no deseava ni quería más saber porque en el Pater noster allava todas las cosas, y que ninguna otra cosa más quería que hazer lo que le mandase el Superior, que aquello avía que mandava Dios, y rezar el Pater noster, que su coraçón halla en aquello mucha alegría. El P.^o Mirón lo mandó a Coimbra (8/5/1554).

Para la postre guardé nuestro Bernardo, las primitias que nos acá tenía mandado de Japón nuestro bienaventurado Padre Francisco. Y cierto bien mostró la doctrina que le tenía dado, porque sus desseos no eran de otra cosa sino desatarse de la carne y ver su Criador. De ninguna otra cosa hablava, de ninguna otra cosa se acordava, ya no tenía memoria de Japón, mas el bivar en este mundo le enfadava, solamente de la gloria y de su ánima pensava; y por concluir en pocas palabras, murió como un sancto dexándonos a todos tan edifficados en la muerte como en todo el otro tiempo que con nos estuvo (Carta do Irmão Nicolau Gracida, datada de Coimbra, a 14/2/1558).

INDIA

En la India ai un Padre en la Compañia que se llama Enrrique Enrriquez. Es mui virtuoso y haze mucho fruto en los christianos del Cabo de Comorín, los quales le tienen mucha reverencia. Este fue novitio y no sé por cuánto tiempo en los frailes descalços de S. Francisco; este es impedimento essential para uno no ser de la Compañia. Mire V. Paternidad lo que se a de hazer en ello y mándenos dar aviso, y ultra esto es christiano nuevo (7/12/1553).

Y a las Indias iba por Visrei Don Pedro Mazchareñas, que es como nuestro Hermano, y instava le diesen muchos Padres. Tuvo el Padre asaz trabajo en negociar lo que cumplía, aunque a nuestro Señor dado tanta voluntad a estos Principes en las cosas de la Compañia, que así las hazen y con tanta benevolencia que es para dar muchas gracias a N. Señor. Todos los negocios que el Padre tratava, acabó y, siendo tiempo en que no se negociava nada con el Rei, por causa de la muerte de su hijo que fue en aquellos días dió el Rei muchas cosas para los Hermanos de

las Indias y del Brasil, como más cumplidamente el P.^e Mirón escribirá a V. Pater-
nidad (8/5/1554).

Quando D. Gonçalo da Silveira partiu para a India, além dos presentes reais, ... la Infanta Doña Isabel le ymbió dos cirios muy hermosos, y un grande rollo de cera bendichos por el Papa y una sobrepeliz. Dieronle también otras personas nobles otras cosas para allá, como retablos muy devotos y ricos, y un reliquario muy hermoso y de mucho valor y muy lleno de reliquias, presente diño de qualquiera príncipe. La Infanta Doña Isabel tenía tanta opinión dél que le ymbió a dizir que si N. Señor le tornasse y la hallase muerta que la resuscitase. Don Antonio, sobrino del Rey, hijo del Infante Don Luís (que sea en gloria) le ymbió una carta de marear muy grande y un astrolabio con un globo de precio de 40 ducados... (Maio de 1556).

A las Indias van este año dos con el Visrei Don Constantino, scilicet, Marco Prancudo, valenciano, sacerdote, y Andrés Fernandez, laico coadjutor temporal, los quales el P.^e Doctor ya dexava apuntados para esta jornada (7/4/1558).

De las Indias an venido nuevas muy buenas este año, del fructo que N. Señor allá haze por los de la Compañía. Las cartas y copias de lo que allá se embió irán con la primera oportunidad. He sabido que la Reyna y el Cardenal tenían intento que fuesse alguno de la Compañía Arçobispo de Guoa. Y por lo que avemos entendido que nuestro P.^e Ignatio, de feliz memoria, a trabajado por impedir otro semejante, se procura acá lo mismo. Spero en nuestro Señor que no yrán Sus Altezas con esse propósito adelante (19/8/1558).

Nesta mesma carta, dá Azevedo conta dos seus desejos de ir también ele para ali:

De las Indias me scrive el P.^e Francisco Rodriguez que persevere en los deseos que N. Señor me a dado de yr allá, y lo pida a su divina Magestad, y el P.^e Dom Gonçalo me exorta a lo mismo. Represento a V. P. los deseos que son de mucho tiempo para que de mí disponga como sea más voluntad de nuestro Señor.

Um mês depois, volta à carga:

También represento a V. P. que a mucho tiempo que N. Señor me daa deseo de ser imbiado a las Indias o al Brasil, mas de tal manera lo deseo que, si fuese imbiado sin intervenir nada de mi parte, sino el darlo N. Señor a sentir así al Superior, sumamente me consolaría: a ser mi peticion o representacion causa de la obediencia se inclinar, no me consolaría. Todo V. P. ordene como sea más gloria da divina Magestad (29/9/1558).

ETIÓPIA

Con las cartas que de allá de Roma embiaron ... También venía recaudo de la ida del Preste que a todos puso en fervor y deseo de hazer este viage. No se a divulgado aun los que an de embiar, pero todos desean de los embiaren (8/5/1554).

Y no cessará la divina mano de levantar otros operarios de la Compañía ... lo qual se ve en los bivos deseos que da a muchos de le iren a servir en aquellas partes si por la obediencia les fuere ordenado; spicialmente lo han mostrado agora por la venida de los Padres que se ajuntan para el Preste. Son ya llegados lo(s) que V. P. ha embiado de Roma, los quales nos han mucho aedificado. Están en la casa de San Roque y an venido a ver el collegio y las classes, y nos han contado la orden de los collegios de allá y de la casa de Roma, que nos ha mucho consolado en el Señor por la conformidad que su divina Majestad nos da en todo a gloria sua (3/1/1555).

Hun regiente de aquí hizo el Padre Myrón que leiesse el hebreo a los Padres que van al Preste, por parecer que les será para allá mui necessario. Quando se hizo la elección de los Padres que desta Provincia avían de hir se dixeron aquí primero missas a essa intención. Dio nuestro Señor deseos a muchos de los embiaren en esta jornada para trabajar en el servicio de su divina Magestad (3/1/1555).

De la salud corporal se han ballado estos días medianamente en ambas partes; y ahora todos están sanos, sino el P. Maestro Andrés, Obispo de Aethiopia, que está enfermo. Plazerá al Señor que no passará la enfermedad adelante. Fue a visitar algunos días antes del adviento parte del Arçobispado del Cardenal Infante, crismando ... iba en una bestia de albarda y posaba en los hospitales y ... anduvo por lugares y aldeas en que nunca había entrado Obispo.

El Padre Joan Nunez, Patriarcha del Preste, nos edifica mucho, porque no ha hecho en él mudança la dignidad en la sujeción y humildad y trabajo continuo en las confessions ... Acércase ya su partida para el Preste, y aparéjase para ello. Son nombrados algunos padres para yr, ultra los que fueron el año passado, y se han de nombrar algunos hermanos. Es cosa para alabar mucho a Nuestro Señor ver el desseo y fervor que los padres y hermanos tienen de que los envíen, y cómo lo piden a Nuestro Señor y instan al Superior por ello; y no solamente los que aquí residen desta casa y collegio pero también de las otras son tantos los que lo piden y dessean, que es para mucha consolación y alegría en el Señor ver tan fervientes y vivos desseos de poner las vidas por su amor, que este es el fin de esta jornada; y assí habiendo de ser pocos los que han de yr, quedan muchos ya con el merecimiento de haberlo pedido y desseado tan afectuosamente (31/12/1555).

Mediado Março poco más o menos se hizo la elección de los Padres y Hermanos que avían de yr a la India y Preste en compañía del Provincial della y del Patriarcha y Obispo de Ethiopia et Hierapoli con mucha consolación de los electos y de los que no lo fuimos. Al P.^o Patriarcha se le dieron dos sacerdotes y dos Hermanos, los nombres de los sacerdotes son Joan de Mezquita y Galdámez y de los Hermanos Gonçalo Cardoso y Joan que es impressor. ... Sin estos creo lleva el Patriarcha dos mancebos para admitirlos allá a quien movió N. Señor para esta empresa de tanto servicio y gloria suya. Otros lo demandavan pero no se pudo cumplir con ellos.

... Mandó Su Alteza proveer los Padres y Hermanos de todo lo necessario de vestidos y mantenimientos. Diéronse a cada uno doblados vestidos, unos de mar y otros de tierra, lo qual llegaría (según dizen) a 1700 ó 1800 ducados.

Con el Patriarcha ha embiado el Rey un embajador, hombre principal, con comission que esté en aquella corte del Preste dos años y no haga movimiento della sin su orden. Va muy consolado y contento, y en la nao que va el mismo Patriarcha. Lleva toda la auctoridad que para la reputación de tan grande empresa conviene, y muchos offrescimientos en particular del mismo Rey, allende el partido que es muy bueno. (O embaixador era Fernão de Sousa Castelo Branco, que faleceu na viagem. Vj. Rodrigues, 1/2, 583).

Escribió Su Alteza al Virrey Don Pedro Mazcareñas que trabajasse poner al Patriarcha en salvo en las tierras del Preste, con que parece será fuerza hazer armada de nuevo por no estar aquellos mares muy seguros de moros y turcos, y haver de desembarcar en sus mesmas tierras. Esta demonstración del Rey ha admirado y edificado a todos mucho, sacando della su zelo de la honrra de Dios N. S. y aumento de su santa fe. Dizen que hará de gasto la armada de las Indias al Preste cien mill lucados de la manera que el Rey ordenava; y Don Alonso de Noruña, virrey que fue della, que vino este año passado, dixo al P.^o Luys Gonçález que havían de gastarse en la armada 60 ó 70 mil ducados.

Assí como en lo demás, mostró Su Alteza su magnificentia en el gasto para los ornamentos y adereços de la nueva iglesia del Preste, los quales fueron ricos y en mucha abundancia, y creo fueran en más sin la partida no le tomara en cama que (como suele) no podía ver todas las cosas. Porné particularmente la memoria de las cosas para común consolación en el Señor y hazimiento de gracias, y es esta que aquí se sigue:

(2 páginas inteiras de rol, com indicaçãõ numérica, de cálices de prata — dos dellos dorados dentro y fuera —, custódia, píxide, turíbulo, naveta, cruz também doirada, pontificais, mitras, capas, dalmáticas, sedas, damascos, até um pano para o púlpito — más dos pares de luvas —, pálio con sus cordones y cintas de la misma seda y seis varas plateadas, 12 sobrepelizes ... ultra desto dos pares de pantufos e en esta conformidad dos pares de borceguies). Enfim,

Esta es, Padre, la lista particular de lo que Su Alteza dio, no tratando de las menudencias de candeleros, campanillas, hierros de hazer hostias con todo lo demás que anda con lo principal ...

Para dizer tudo em números, como afirman los que han traydo las manos en ello, que esta missión del P.^o Patriarcha solamente, hará de costa al Rey hasta el Preste cien mill ducados ...

A los 27 de Março fueron los Padres y Hermanos destinados juntos a tomar licencia de Su Alteza y de los grandes que residen en esta Corte. Mostróles el Rey mucho amor y ... hizo merced y limosna al Patriarcha en esta última visita de un indio muy hábil en la impressión, que no será poca ayuda al Hermano que lleva cargo della.

A los 28 de Março habiéndose despedido de todos se fueron a embarcar poco antes de mediodía a Belén ... con harta compañía ...

Olvidávaseme de dezir que algunos días antes que el P.^o Patriarcha partiesse nos dixo que un hombre le había referido, el qual había venido del Preste, que los

portugueses que estavam en aquellas partes a su devoción y de quien él se vale en sus guerras, se habían de común acuerdo levantado, diciendo que se despidirían de su servicio si no dava obediencia al Pontífice Romano... (Maio de 1556).

ANGOLA

Da «bondade de Deus N. Senhor», da sua vontade salvífica, *muy conhecida mercê hé a que faz aos da Companhia agora em huma empresa de hum reino que se quer fazer christão que chamão Angola, terra de pretos, onde até agora não há avido nenhum comercio nem comunicação de pessoas que lhe pudessem dar mau exemplo. Mãodou o rey huns embaxadores, os quaes, pola enformação que tinhão, determinadamente instarão muito a El-Rey por pessoas da Companhia pera a sua converção.*

A Rainha e o Cardeal hão mostrado desejá-lo tanto, que disserão que se não fossem da Companhia que não mãodarião laa outrem a dar-lhes principio de christandade. ...

A Rainha instou que ... ainda que agora não fosse a gente que era necessaria, que abastarião dous ou tres para explorar a terra e ver o fruto que se podia fazer e avisarem quá o que fosse necessario; e que mãodaria hum embaxador e ordenaria todo o que fosse necessario: que o podiamos avisar aos Padres, e que pera esperar resposta não averia lugar, por ser agora tempo de partirem os navios...

Consultando-o nos pareceo em o Senhor que se devia de aceitar e dar-se a gente que pedião...

Agora hé necessario recorrer à oração ... especialmente fação todos oração em ambos os collegios e digão missas por tres dias os sacerdotes a esta intenção... E assi tãobem, pera que da parte dos sogeitos se tenha nisto toda a intelligencia que hé necessaria pera ver os que averão de ir, os sacerdotes todos e os que não o são, que forem de 23 anos por diante, encomendando-se a N. Senhor nestes tres dias, diga cada hum de si o que sinte pera ir em esta joranada dando-o por escrito: especialmente se estão aparelhados pera ir, se a cada hum for ordenado; segundo, se estão indifrentes a ir ou a ficar; 3.º, suposta a indifferença, a que se achão mais inclinados. Ultra disto os consultores dirão cada hum delles quaes lhe parece que se deviam de ir ou mandar-se, e o mais que lhe parece acerca deste negocio; e tendo cada hum delles o carrego universal, a quem mandaria, atento o que pera laa e pera quá convem. Também parece que converia ir algum que tornasse com toda informação da terra e da gente, e do mais que converia pera se poder frutificar em aquella terra: de tudo os consultores podem mandar seu parecer e quem poderia ser este.

O que da terra teguora temos sabido hé ser saam por ser muytos graos alem da linha. Hé muy abastada de carnes e outros mantimentos, muyto temperada, segundo dizem; e o que se vee por estes que aqui andão, hé docil, bem acostumbrados, não casam mais que com huma molher, nem com parenta, fasem muyta justiça, não adoram cousa nenhuma, e o rey hé muyto obedecido de todos (21/3/1558, ao P.º Jorge Rijo).

...Y visto esto le fue dicho que Su Alteza ordenase lo que pareciese más gloria de N. Señor que de nuestra parte procuraríamos de satisfacer lo que pudiésemos, de manera que Su Alteza procura despacharlos y mandar otro embaxador suio, persona acomodada a lo que se pretende del servicio de N. Señor en la conversión de aquella gente. Scrivimos luego al P.^o Francisco todo lo que pasava, y entretanto ... procuramos estar aparejados para lo que se ordenare (7/4/1558, de Évora, ao Padre Laines, Vig.^o-Geral).

Afinal, *La misión del reyno de Anguola sobre que otras vezes he scrito a V. P. se a dificultado por algunas informaciones que a avido, scilicet, de ser muerto el Rey que avía embiado los embaxadores a pedir sacerdotes. Quedó por Rey hun su hijo y no se sabe aun si tyene los mismos propósitos que su padre, todavía el Cardenal con el zelo que tiene de la honrra de Dios desea que se effectue; de nuestra parte están apercebidos hun sacerdote e hun lego que embió el P.^o Francisco para esse effecto, y otro sacerdote y otro lego desta Provincia (19/8/1558).*

«GENTE DEVOTA» A DE LISBOA

Es comúnmente la gente desta tierra mui devota y biven mui christianamente. Quando murió el hijo del Rei quedava su muger en términos de parir: eran tantas las processiones de día y de noche por las calles así de religiosos y clérigos, y otras personas y niños que nunca cesavan... (Carta de 8/5/1554 a St.^o Inácio de Loiola).

Particularmente na Quaresma de 1556, em S. Roque, *Los sermones de nuestros Padres y el tiempo santo acrescentaron en tanta manera el número de los penitentes (que, como V. P. ha sido por otras informado, de ordinario es mucho) que siete confesionarios desde por la mañana hasta noche cerrada nunca estaban vacos (fuera del tempo che se ha de dar el débito al cuerpo) de confesores y penitentes... (Quadrimestre de Maio de 1556. Note-se o che, italiano).*

O que se passava nestes confessionários «seria largo de contar», ... *ni se pueden dizir todas por ser cosas de confesión. Anse hecho por medio desta casa restituiciones, algunas de momento, como fue un collar de oro ... A otro se bolvió unas piezas de plata y otras de seda, y otras cosas; a otra una quantidad de dineros, sin otras cosas que por otras vías se hazen restituir (Carta de S. Roque ao Geral Diogo Laines, a 16 de Abril de 1559).*

D. NUNO EM LISBOA

LIÇÃO DADA NO ATENEU COMERCIAL
EM 17 DE MARÇO DE 1961

pelo DR. PAULO CARATÃO SOROMENHO

Vamos ter uma lição, e faço notar isto, pois poderia supor-se que eu fosse apresentar uma conferência ou palestra. Apenas pensei numa lição de História dirigida aos alunos da nossa Escola, que não fugisse do programa, a não ser numa certa despreocupação de plano, e mais pormenorizada do que uma lição normal de aula. A presença de outros auditores, para além dos meus alunos ou dos alunos da Escola, constitui para mim um motivo de satisfação e desvanecimento — que muito me penhora e agradeço.

Antes de mais preciso de fazer uma declaração importante: o tema da lição e o método que seguirei foram-me sugeridos pelo nosso Director, Dr. Jorge Ferreira Matias — e mais uma vez a sua fina sensibilidade e a sua vigorosa inteligência se juntaram para organizarem o que seria mais conveniente, vantajoso, oportuno e pedagógico. O seu plano das comemorações condestabrianas, aplicável neste momento a esta Escola, tem de notável *apenas* isto: está perfeito.

De princípio o nosso Director teve a ideia de conduzir os alunos aos locais lisboetas, onde de certeza D. Nuno esteve; porém, quando lhe apresentei a lista, reconhecemos a impossibilidade de se juntarem dezenas de pessoas em certos sítios, numa tarde vulgar, a imaginar o que aí estivera há séculos. Em alguns casos seria caso para vir nos jornais...

O nosso Director resolveu então fotografar todos esses pontos — o que de facto fez com o jeito e o entusiasmo costumados — e daí nasceu a lição que vou dar.

São dezassete as fotografias que comentaremos. Vamos, pois, e com brevidade, ordenar os materiais reunidos de modo que, quando assistirmos à projecção, estejamos já esclarecidos sobre os acontecimentos, os locais e o momento.

É minha pretensão mostrar, por ordem cronológica, os lugares de Lisboa, onde sem dúvida Nun'Álvares se encontrou, embora, claro, possamos admitir muitos outros. Tenciono, contudo, fazer uma lição tão exacta quanto possível: rigorosamente histórica. E ainda uma vez espero demonstrar que a História mais objectiva é compatível com a imaginação mais exaltada.

Pois, muito bem. A energia de Nun'Álvares, a viveza do seu espírito, a maturidade de pensamento manifestam-se muito cedo, e delas são prova a maneira como agiu num reconhecimento das forças castelhanas, e como informou el-rei a tal respeito, tinha então 13 anos. Passou-se o caso em Santarém (a rainha D. Leonor Teles fê-lo cavaleiro); e como em seguida viveu cerca de dois anos na corte, hemos de aceitar que veio a Lisboa e aqui permaneceu normalmente. Calcularíamos, com inteira probabilidade, alguns dos cantos citadinos que visitou. Não devemos fazê-lo, porém: a exactidão é o nosso objectivo.

Por vontade de seu pai e do rei casa-se e fixa-se em terras do Norte; e encontramos-lo em meados de 1381 no Alentejo. É então que desafia o filho do Mestre de Santiago, mas «al cuida o baio, e al cuida quem no sela». D. Fernando proíbe-o de combater e manda-o vir a Lisboa. Bem podemos fantasiar a ira de D. Nuno, e as crónicas falam dela. Vem com o prior, seu irmão, D. Pedro Álvares. Diz o anónimo autor da *Crónica do Condestabre de Portugal*: «O prior e Nun'Álvares em sua companhia chegaram a casa de el-rei a Lisboa, onde ele estava.» Paremos agora na nossa caminhada.

A não-existência duma corte fixa, antes de D. Afonso III, torna difícil a localização dos paços reais: eram as circunstâncias que ditavam as casas que os reis habitariam na sua passagem (ou estadia) por Lisboa.

Junto à Sé erguiam-se umas construções — designadas posteriormente por Paços dos Arcebispos, porque o foram — e nelas se instalava a corte; assim como havia ainda o Paço de Apar de S. Martinho, ou da Moeda, no sítio do actual Limoeiro; um outro, nas proximidades, onde se encontra a Travessa das Merceeiras, à Sé; e outro também nas Escolas Gerais.

D. Afonso III mandou fazer os Paços de S. Bartolomeu, ao Castelo; D. Dinis fundou ou reconstruiu o Paço da Alcáçova, no Castelo, onde

terá habitado D. Afonso IV; D. Fernando esteve normalmente no Paço de Apar de S. Martinho, e aí também a rainha-regente D. Leonor Teles; D. João I preferiu a Alcáçova e lá morreu em 1433.

Ora aquela casa onde estava D. Fernando, quando D. Nuno chegou a Lisboa, em princípios de 1382 — até porque não foi especificada pelo pormenorizante cronista anónimo — há-de ser, por força, o Paço de Apar de S. Martinho (Fig. 1).



Fig. 1 — Paço de Apar de S. Martinho (actualmente o edifício do Limoeiro)

Ao chegar nesse ano a Primavera, com a brilhante procissão de graças que traz sempre para Lisboa, aportaram também os barcos castelhanos, com o seu triste cortejo de assaltos e de morte. As semanas arrastam-se com penosa lentidão: não há guerra, há escaramuças; não há luta, há ataques furtivos. Nun'Álvares impacienta-se. E uma noite, às escondidas de quem lho pudera proibir, juntou amigos e dirigiu-se às portas de Santa Catarina, cujas torres se elevavam no nosso Largo do Chiado; a da esquerda num ponto que é hoje arruamento; a da direita em parte do terreno ocupado pela igreja de Nossa Senhora do Loreto (Fig. 2). Ele era bem conhecido de todos: era Nun'Álvares, irmão do fronteiro de Lisboa, D. Pedro Álvares. Deixaram-no passar e aos seus. Descendo a encosta em direcção ao Tejo, passou pelo mosteiro de Santos, nos nossos dias palácio da Legação de França e igreja (Fig. 3), e vai acoitar-se à ponte de Alcântara, passagem que existiu até há algumas dezenas de anos, no cruzamento das linhas dos comboios e dos carros eléctricos em

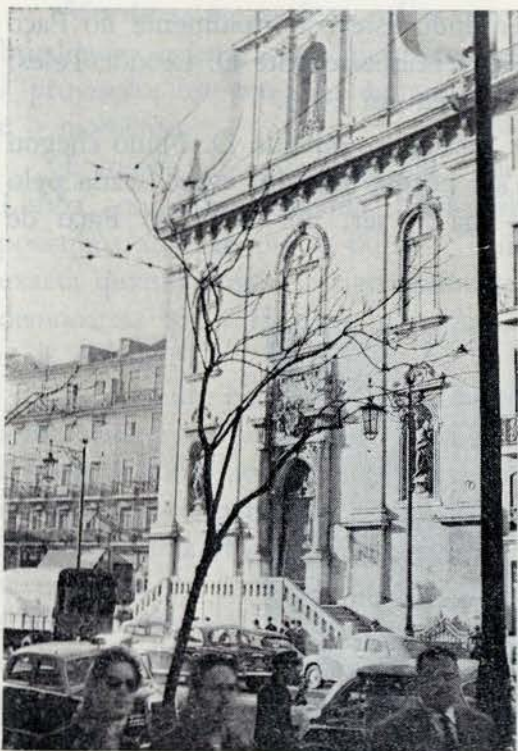
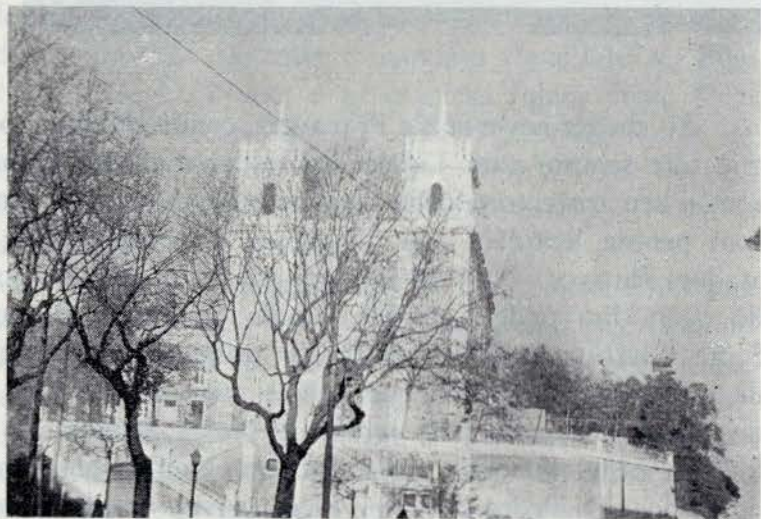


Fig. 2 — *Portas de Santa Catarina*
(actualmente Largo do Chiado)

Fig. 3 — *Mosteiro de Santos* (actualmente igreja de Santos e legação da França)



Alcântara-Terra (Fig. 4). Nun'Álvares está acompanhado por mais de cinquenta homens, e todos se lançam sobre os castelhanos, que haviam desembarcado e se preparavam para «colher uvas e fruyta». Os saltea-

Fig. 4 — *Porta de Alcântara (actualmente Largo de Alcântara)*



dores fugiram, e o nosso herói fica raivoso de não ter combatido. Então foi com os seus para o pé da porta do mosteiro de Santos; os inimigos, avistando-os ali, vêm a terra para se vingarem da afronta de pouco antes. São muitos, pelo que os homens de Nun'Álvares hesitam. Mas não hesita ele. E sozinho, com uma coragem inacreditável, avança para os adversários, que se estimam em duzentos e cinquenta. No meio deles bate-se com assombrosa energia e firme serenidade: só isso pode explicar que ataque e se defenda sem os castelhanos o ferirem. E então envergonhados, e agora resolutos, os companheiros o vão auxiliar. Este combate da praia de Santos foi a comprovação da extraordinária valentia pessoal do herói.

Intensificando-se a guerra com Castela na fronteira do Alentejo, D. Nuno pede autorização para lá se dirigir, mas seu irmão nega-lha, pelo que ele prepara a fuga cuidadosamente. Soube-o D. Pedro Álvares e manda aviso para todas as portas da cidade, que o não deixassem sair, e especialmente defendam a porta de S. Vicente, por onde calculava que ele iria. E à meia-noite do dia seguinte o feroso cavaleiro com poucos amigos partia de Lisboa, apesar das guardas. Das pedras que viram então D. Nuno resta um pedaço de um muro no sítio do Outeirinho da Amendoeira (Fig. 5).

D. Fernando morreu em 22 de Outubro de 1383; estava D. Nuno longe da capital. Informado, vem assistir às exéquias do trintário, e logo abala, já muito preocupado com a situação política. Dias depois dá-se a revolução do Mestre, com a morte de João Fernandes Andeiro e o afasta-

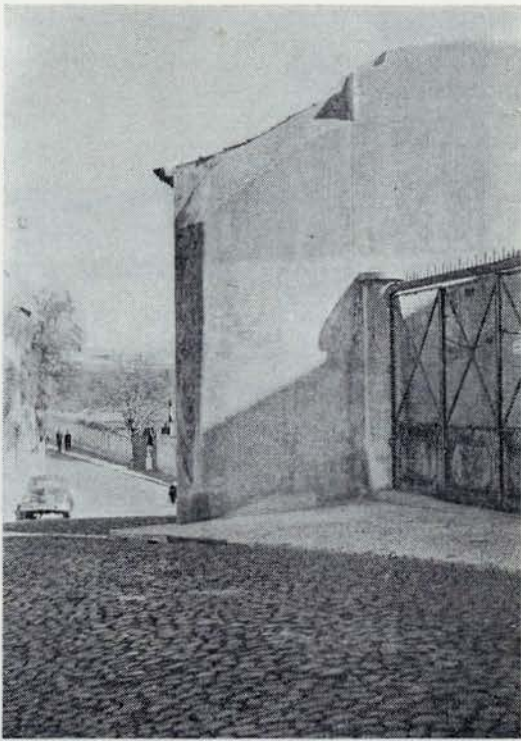


Fig. 5—Porta de S. Vicente (actualmente Outeirinho da Amendoeira)

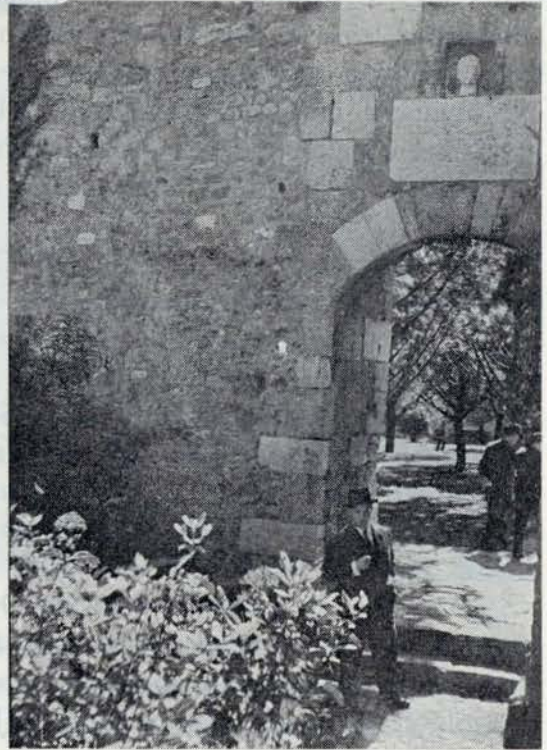


Fig. 6—Casas nobres dos Bispos, ao Castelo (actualmente Praça Nova: na fotografia — a Porta de Martim Moniz, uma das entradas da Praça)



Fig. 7 — *Porta de Santo Antão (actualmente Travessa do Forno)*



Fig. 8 — *Olivais (actualmente Rua de S. Lázaro)*



mento da regente D. Leonor. Nun'Álvares sabe do acontecimento em Santarém e vem a Lisboa apresentar-se a D. João.

Na revolução do Mestre, o bispo D. Martinho, que habitava na Sé, foi vítima do ódio popular. Ora os bispos possuíam umas casas nobres no local conhecido hoje por Praça Nova (Fig. 6), no Castelo, entre o Castelejo e a Porta de Martim Moniz. Aí se estabeleceu o novo regente, ainda antes de tomar o Castelo, cujo alcaide, o leal Martim Afonso Valente, não o quis entregar por fidelidade a D. Leonor Teles. Interveio ponderadamente Nun'Álvares e conseguiu que no dia 30 de Dezembro D. João entrasse na posse do famoso edifício.

Meses após dá-se a invasão. Na altura em que as tropas de D. João I de Castela se aproximam da cidade, o que provoca emboscadas e escaramuças, o futuro Condestável, certo dia, atravessa a porta de Santo Antão (aqui junto de nós, à Travessa do Forno: Fig. 7), e vai até aos Olivais, designação que corresponde agora à encosta de S. Lázaro, onde vemos a Maternidade Magalhães Coutinho (Fig. 8); esperava combater aí os castelhanos, mas eles recusaram-se.

Ora, tendo Nun'Álvares sido pelo Mestre nomeado fronteiro de entre o Tejo e o Guadiana, mandou que um seu escudeiro fosse receber certos dinheiros a casa de um cidadão na Rua Nova (num ponto não fácil de definir, mas que poderemos localizar, com bastante aproximação, na confluência das nossas Ruas do Ouro e do Comércio: Fig. 9). Nessa



Fig. 9 — Rua Nova (actualmente confluência das Ruas do Ouro e do Comércio)

hora estava lá também D. Pedro de Castro, filho de D. Álvaro Pires, que ia igualmente receber dinheiro para seu pai. E levantou-se a questão da prioridade no recebimento. Entretanto chega D. Nuno a cavalo. Apeou-se, informou-se do que havia, trocou palavras azedas com D. Pedro de Castro — o qual acabou por ceder.

Enquanto o herói parte para a vitória dos Atoleiros, Lisboa vai sofrer o longo e pavoroso cerco, tão dramaticamente narrado por Fernão Lopes. Em princípios de Setembro de 1384, Nuno Álvares e a sua gente chegam à Outra Banda, e com espanto anuncia a sua presença para Lisboa e para o arraial de Castela, que era em Santos. A peste aumentava entre os sitiados. D. João I de Castela em 3 de Setembro desfaz o acampamento e manda lançar-lhe fogo. Do lado de além do rio, Nun'Álvares não entende e angustiosamente supõe que é Lisboa a arder. Atravessando o Tejo, passa por entre os barcos inimigos e, com desassombro, manda tocar trombetas. Põe pé em terra, conforme creio no local do Terreiro do Paço (Fig. 10) e segue imediatamente para o pequeno templo de Nossa

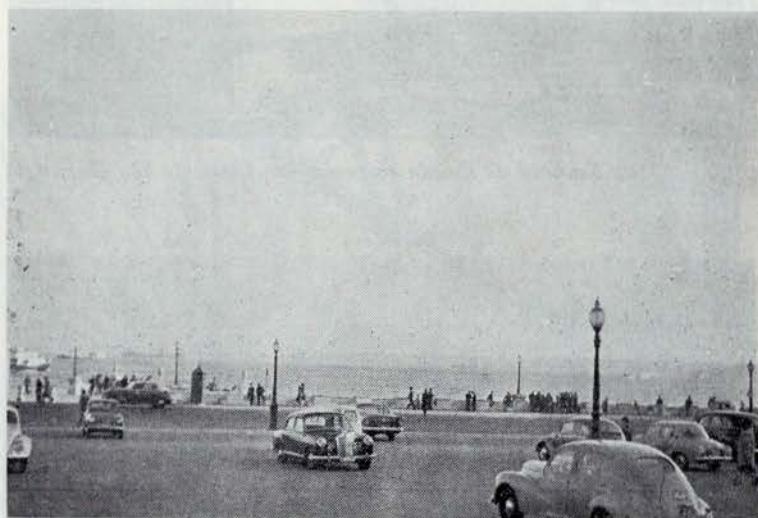


Fig. 10 — *Local do desembarque de Nun'Álvares (actualmente Terreiro do Paço)*

Senhora da Escada, ao lado da igreja de São Domingos (Fig. 11), onde ouviu missa. Visita depois o Mestre que, já avisado, se apressava a recebê-lo «nos paços onde pousava». Admito que seria então a célebre Alcáçova, do tempo de D. Dinis, e daqui por diante o principal palácio

dos reis no século xv. Quanto se pode saber era na Praça Sul do Castelo, onde se observam alguns seus restos (Fig. 12).

A grande luta entra agora numa fase de menor actividade. Aljubarrota e Valverde decidem. A continuação constitui somente História para eruditos. E em 1389 Nun'Álvares planeia e começa a pôr em prática a sua grande obra: o mosteiro do Carmo, monumento admirável, onde professará aos 63 anos e deixará o Mundo aos 70 (Fig. 13).



Fig. 11 — *Nossa Senhora da Escada (actualmente Largo de São Domingos)*



Fig. 12 — *Paço da Alcáçova (actualmente Praça Sul do Castelo)*

Fig. 13 — *Mosteiro do Carmo*

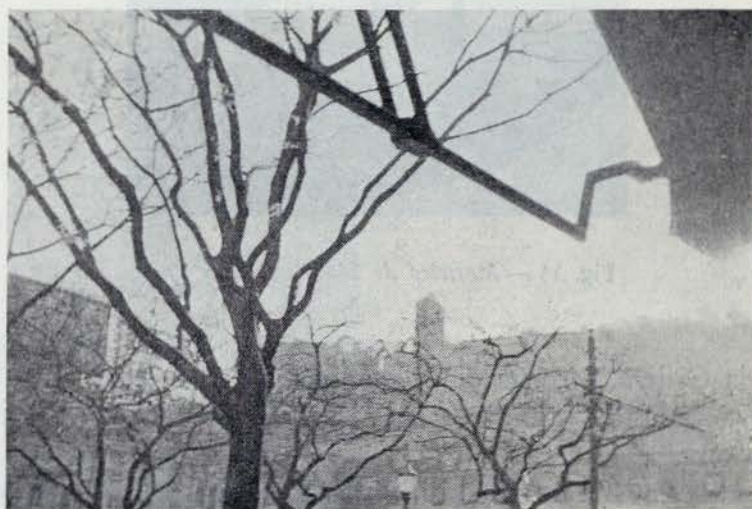


Fig. 14 — Rossio: lado do Nascente

Conta-se que um dia, para mostrar ainda o vigor do seu braço, atirara do convento uma lança que veio espetar-se numa porta fronteira do Rossio (Fig. 14). A distância é enorme, como se sabe, mas a historietta

tem significado na sua roupagem lendária: a crença popular na força permanente do seu herói.

Depois do terramoto de 1755 os ossos venerandos de D. Nuno foram para S. Vicente de Fora (Fig. 15), donde em 1918 os deslocaram para

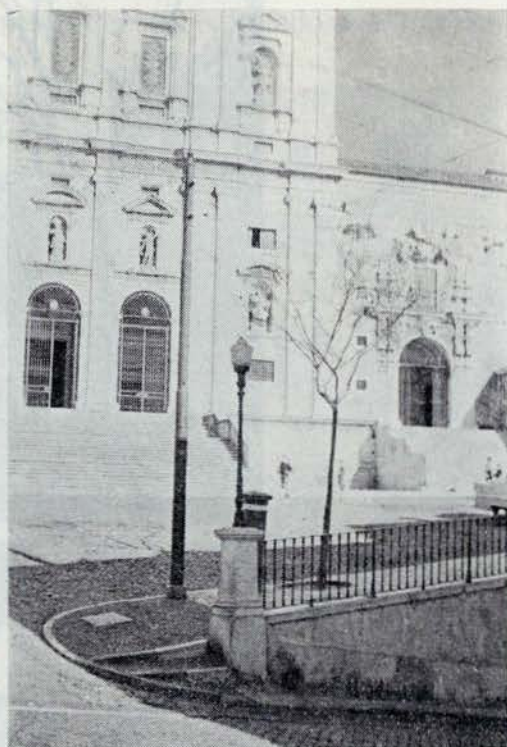


Fig. 15 — *Mosteiro de São Vicente de Fora*

a capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (Fig. 16); aqui estiveram depositados até 1952, ano em que passaram à igreja da sua invocação (Fig. 17).

Foi uma linda peregrinação a nossa, Amigos. Que ela vos tenha trazido, com a beleza da evocação, o benefício dos exemplos de Nun'Álvares — eis o desejo do vosso professor, principalmente vosso amigo!

[Lisboa, 16 de Março de 1961].



Fig. 16 — *Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo*



Fig. 17 — *Igreja do Santo Condestável*

N. B. — Em 26 de Junho de 1961, em *Novidades. Letras e Artes*, o ilustre etnógrafo Luís Chaves, bom amigo que muito aprecio, publicou um valioso trabalho, intitulado «D. Nuno Alvares Pereira e Lisboa». A semelhança de nomes e temas (não identidade) poderia pressupor qualquer influência de que eu saísse mal-ferido; a análise dos dois trabalhos me defenderia. No entanto, insisto: escrevi a lição em 16 de Março; dei-a no dia seguinte; serviu de base a um estudo feito nesse mês por alunos meus do 3.º ano de História do Curso Geral de Comércio da Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa; foi publicada integralmente no boletim do Ateneu Comercial de Lisboa, ainda nesse mês de Março; foi repetida em 1 de Junho na Escola Comercial e Industrial de Emídio Navarro, em Almada; e posteriormente gravada para ser ouvida na exposição do fim do ano lectivo na Escola do Ateneu. Em 23 de Julho do ano seguinte (1962) foi novamente reproduzida em *Novidades. Letras e Artes*.

Nota Suplementar — Este trabalho foi preparado com base na *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, edição de Mendes dos Remedios, nos seus «Subsídios para o Estudo da História da Literatura Portuguesa», vol. XIV, Coimbra, 1911. Simultaneamente com os locais lisboetas, fui anotando todas as povoações que D. Nuno conheceu, apenas por curiosidade, claro. Agora que novamente dou a público esta lição, penaliza-me inutilizar o apontamento, pelo que o acrescento, como nota suplementar. Talvez alguns leitores lhe encontrem utilidade. As páginas indicadas são da edição de Mendes dos Remedios: Lisboa, 4; Santarém, 4; Vila Nova da Rainha, 11; Bom-Jardim, 11; Antre Douro e Minho, 11; Amieira, 13; Flor da Rosa, 13; Portalegre, 16; Vila Viçosa, 18; Vila Boim, 18; Elvas, 20; Pontével, 42; Santa Maria de Palhais, 43; Santa Iria, 43; Santarém, 43; Golegã, 45; Alverca, 45; Alenquer, 45; Sintra, 54; Almada, 56; Cóiña, 61; Setúbal, 62; Palmela, 63; Montemor-o-Novo, 64; Évora, 64; Estremoz, 64; Atoleiros, 70; Fronteira, 72; Monforte, 72; Santa Maria de Assumar, 73; Arronches, 73; Alegrete, 73; Tomar, 75; Coimbra, 75; Torres Novas, 76; Punhete (Constância), 77; Monsaraz, 80; Ponte de Sor, 82; Ameixial, 82; Cano, 83; Avis, 83; Quinta da Oliveira, 84; Aldeia Galega, 88; Sovereda, 89; Cacilhas, 90; Portel, 93; Ourelhal, 98; Borba, 99; Torres Vedras, 102; Óbidos, 102; Alcobaça, 102; Porto, 105; Leça, 105; Castelo de Neiva, 107; Darque, 107; Viana, 107; Ponte de Lima, 108; Braga, 111; Guimarães, 112; Muge, 114; Abrantes, 117; Ourém, 121; Atouguia das Cabras, 121; Leiria, 121; Aljubarrota, 122; Ribeira de Santarém, 127; Castelões, 141; Chaves, 141; Bragança, 142; Valença, 142; Moncorvo, 142; Sertã, 146; Ponte da Barca, 147; Curval, 149; Redondo, 152; Campo Maior, 154; Sacavém, 156; Crato, 157; Nisa, 157; Ródão, 157; Atouguia, 159; Arraiolos, 164; Aramenha, 168; Marvão, 168; Alcácer, 173; Vila Nova, 181; Olivença, 184; Guarda, 186; Viseu, 186; Alter do Chão, 197 e Sousel, 207.

BENTO DE MOURA PORTUGAL

NA LISBOA DO SÉCULO XVIII

(Conclusão)

por ABÍLIO MENDES DO AMARAL

III

NA «RECREAÇÃO FILOSÓFICA» E NOS MANUSCRITOS DA ACADEMIA

Como se verifica pela notícia inserta na «Gazeta de Lisboa», atrás referida, o Dr. Bento de Moura Portugal já applicava na prática alguns dos seus estudos e inventos quando o Santo Offício com ele implicou, prejudicando-o certamente nos utilíssimos trabalhos de promoção social no campo das ciências exactas.

Vimos, também que, no juízo do citado mestre alemão, só a Newton se pode comparar o nosso illustre patricio. E prova do seu prestígio está igualmente na circunstância da família reinante assistir às suas experiências e lhe «dar carruagem para andar nesta corte».

Ora, precisamente nessa época, o instituto oratoriano das Necessidades achava-se empenhado no louvável propósito de renovar o ensino e fazer ciência. O seu laboratório de Física, devidamente apetrechado, tornava as aulas muito efficientes e favorecia a abertura oposta aos velhos cânones pedagógicos. E a tal ponto que os alunos tinham acesso à Universidade, em igualdade com os do Colégio das Artes, de Coimbra.

O notável P.^o Teodoro de Almeida, sócio fundador da Academia das Ciências, membro da Sociedade Real de Londres e de outras, depois de cursar Humanidades, Geometria e Física, e de na congregação reger

a cadeira de Filosofia, dedicou-se à Física e à Matemática, tendo-as ensinado em Bayone e Auch, durante o seu exílio. No regresso, prosseguiu no papel de vulgarizador da Ciência, nas Necessidades e no reconstruído convento do Espírito Santo.

Deixou, publicada ou manuscrita, obra vastíssima e variada dentro da qual avulta a sua «Recreação Filosófica», em dez volumes saídos de 1751 a 1799, com diversas edições, tendo como complemento os três de «Cartas Físico-Matemáticas», onde suas lições são apresentadas em forma de vivo diálogo.

Regista-se, com o maior agrado, entre outras referências, a sua apreciação relativa ao valor do nosso Dr. Bento, seu contemporâneo, constante do volume vi. Ao dissertar acerca de Newton e do seu sistema, do pêndulo e da gravidade, escreveu:

«O infigne Bento de Moura Portugal, homem de grande engenho, conjecturou que a maior elevação do Globo Terraqueo não ferá no Equador, mas alguns grãos distante d'elle. O feu fundamento he; porque a força centrífuga faz fugir a agua do eixo para fóra por linhas perpendiculares ao eixo; e no Equador a força da gravidade obra por esta mesma linha; mas nos lados a força da gravidade, como fó puxa para o centro, não obra por linhas perpendiculares ao eixo; donde fe fegue a força centrífuga acha maior contrariedade no Equador, que na Latitude de alguns grãos; porque acha huma força, que obra pela mesma linha em contrario; e talvez que d'aqui proceda que nas vizinhanças da linha não he perfeitamente constante nas experiencias dos pendulos o atrazarem-fe á proporção de fe aproximarem da Linha.»⁽¹⁶⁾

★

Como é compreensível, não posso transcrever a relação do que se contém em «Inventos e vários planos de melhoramentos para este reino, escriptos nas prisões da Junqueira». Mas não deixará de afirmar-se, com provas, que ao tempo (1743) da trama, em que foi envolvido pela Inquisição, o Dr. Bento vinha applicando na prática as suas invenções.

⁽¹⁶⁾ *Recreação Filosófica*, vol. vi, 345 — P.^o Teodoro de Almeida.

Topam-se referências ao enxugo dos pântanos do Ribatejo, aos casos de navegação em Vila Velha de Ródão e Sacavém, ao sistema da elevação de águas por meio da máquina de vapor, ao transporte de madeiras do Pinhal de Leiria, etc. e mesmo à invenção do automóvel^(16-A).

Respeitam ao estabelecimento de barcos para atravessamento de rios (as pontes eram muitíssimo escassas) os breves apontamentos colhidos no fundo de manuscritos da Academia das Ciências. O mais conciso, a que não seria impossível procurar maior desenvolvimento, já deixa antever e calcular a importância advinda de tal empreendimento, embora só diga:

— «*Por Decreto de 10 de Outr.º de 1744 mandou dar (el-rei D. João V) Tres mil cruz.ºs a Bento de Moura p.º dar principio á Navegação do Tejo em V.ª Velha e Abrantes.*»

Afigura-se-nos ter o nosso patricio metido ombros a empresa de grande envergadura, responsabilidade e aproveitamento.

Havia de existir um sistema de passagem, mas de menor eficiência, com certeza. Bento de Moura, ao serviço do Estado, desenvolve um plano de largas vistas e acode aos pontos principais: Vila Velha, Abrantes e Sacavém. Facilita e melhora o intercâmbio entre a parte norte do País e todo o Além-Tejo.

A troca de produtos começaria de processar-se a ritmo mais acelerado, intensificando e animando os sectores industrial e comercial, permitindo às pessoas um maior desembaraço.

E no mesmo ano de 1744 (já bem enredado pela Inquisição), temo-lo a braços com as barcas na passagem do Douro.

«*O d.º Rey D. João 5.º p.º beneficiar a pafsagem das pefsoas no Rio Douro mandou em 1744 estabelecer por direcção de Bento de Moura Portugal humas Barcas na Cidade do Porto Semelhantes á deSacavem, Se oppoferao' a Camera, e o Luis da Alfandega da d.ª Cidade mostrando alguns inconven.ºs qSe lbe offerecerao' p.º a execucao' da d.ª pafsagem. Foy o D.º S.º Servido ordenar á d.ª Camera, e Luis da Alfandega por Cartas da Secret.ª de Estado, q tendofe examinado com toda a circunspecção' os ditos inconvenientes, Se não' entendera q elles podefsem justam.º recearfe da introducção'*»

(16-A) «Notícias de Gouveia», 20-12-64, artigo de José Luís Ezequiel baseado em trabalho do inglês J. Seaton, 1752.

das ditas barcas, antes Se eſperava reſultariao' dellas muitas commo-
didades p.^a o publico, eq aſſim era Servido qSe eſtabeleceſſem Sem
mais demora p.^a Servirem dellas q.^m voluntariam.^o quizeſſe. Na
meſma conjuntura mandou eſcrever pella d.^a Secret.^a de Estado a
Franciſco Luis daCunha Ataíde, Chanceller da R.^{am} do Porto, e a
D. Diogo de Souſa Govern.^{or} das Armas da meſma Cidade, partici-
pando-lhes aSua Real reſolução' p.^a q cada hum da Sua parte aſer-
vorafſe a execucao' do eſtabelecim.^{to} das d.^{as} barcas, p.^a a qual
dariao' todo o fauor, e ajuda ao d.^o Bento de Moura, e ás peſſoas
aq.^m eſte a encarregafſe.» (17)

IV

RESUMINDO...

As notícias divulgadas nos artigos esporádicos vindos a público, provêm de três fontes: «Memória», de Alberto Teles de Ultra Machado, publicada em Memórias da Academia, 2.^a classe, tomo VI; «As prisões da Junqueira», da autoria do Marquês de Alorna, obra trazida a público em 1822, por José de Sousa Machado; e «Inventos e Vários Planos ...» na edição já referida e ficámos a dever ao tal estudante de Paços da Serra (Gouveia) quando no 6.^o ano de Leis e 1.^o de Matemática e Filosofia.

Das duas primeiras têm sido extraídos, como também fizemos, quase todos os dados utilizáveis; quanto à terceira parece conveniente frisar que o editor nos prometia um 2.^o volume onde se prosseguiria a relação das sábias congeminções do cientista moimentense, não me constando que tal propósito chegasse a ser concretizado.

Mas, para além do aproveitado para divulgação, por todos os que se lhe reportaram, ainda me parece útil transcrever de Notícias preliminares, ou Prefácio, de Saraiva, algumas passagens:

— «... a vida eſcripta de um homem grande he um meio de preencher, ainda que mal, o vacuo que deixou no Mundo a falta da ſua vida real.»

(17) Acedemia das Ciências — Apontamentos, Ms. vol. 2.^o, 65.

No louvável propósito de, com a mais elementar justiça, o impor à consideração dos vindouros, discorre:

— «*Bento de Moura Portugal, homem de agudíssimo engenho, e nascido para o cálculo: — homem de maior merecimento do que vulgarmente se pensa, segundo a expressão do nosso benemérito Theodoro de Almeida, ...*»

que se lhe refere logo no princípio da «*Recreação — no resumo da História da Filosofia; quando na Física fala da máquina pneumática; na parte da Lógica. Também se lhe referem Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha (Efeitos raros dos Elementos, pág. 68) e José Agostinho de Macedo («Motim Literário»).*

★

Uma outra afirmação nele contida me obriga a levantar reparos...

O material que serviu para a elaboração de «*Inventos e Vários Planos...*», foi laboriosamente obtido por Simões de Paiva, e por um seu sobrinho levado às mãos de Ribeiro Saraiva. Não oferece dúvidas, pois a origem é fidedigna e vários comparsas foram seus contemporâneos.

Porém, não obstante a documentação aduzida pelo Dr. Tavares Ferreira, sem permitir dúvidas, uma falha parece ressaltar: enquanto este dá Manuel Félix como irmão do Dr. Bento, encontra-se em Saraiva, e taxativamente ao referir-se ao famoso inventor:

— «*De sua irmã Maria de Moura, nasceu Manuel Félix de Moura, Capitão-mor de Gouveia e cavaleiro de Cristo, pai de José Caetano de Moura, Manuel Alexandre, Francisco Tomás de Moura que teve seis filhas (ainda existentes ao tempo), sendo a mais velha D. Maria Amalia em quem está o vínculo e tem vários filhos.*»

Sendo filho de uma irmã, cujo nome vem citado, como acaba de ler-se, o capitão-mor não era irmão do Dr. Bento, como as filhas dele não eram suas sobrinhas direitas...

Haveria dois Félix e ambos capitães-mores de Gouveia? O caso não parece difícil de esclarecer, embora requeira um tudo-nada de vagar

e paciência, coisas de que não disponho neste momento. Outrem que se habilite...

Entretanto, várias pessoas de família viviam naquela altura: para o convento do Coito, de Nabainhos, entraram Madalena, filha do Manuel Félix; Ana Maria e Sebastiana, filhas de Pedro de Moura; e Inês Violante de Moura Portugal, sobrinha do José Caetano. Ana Maria e Maria Madalena teriam sido abadessas.

O Pedro, que era padre, aí por 1764 vivia na Vila de S. José, comarca de S. João de El-Rei, bispado do Rio de Janeiro, no Brasil, com D. Francisca Rosa de Jesus ou D. Francisca dos Remédios Cardosa, nascida na ilha do Faial (Tavares Ferreira — «Antologia Conventual»).

★

Encontrei algures a seguinte passagem:

«Ao Doutor António Botto Machado devo 50 moedas com seus juros, o que o meu sobrinho pagará, se quiser herdar os meus bens e serviços;...»

★

Afinal, que aparece de mais relevante ao longo deste pequeno estudo? — Temos de considerar dois sectores: o das obras publicadas e o dos manuscritos só agora referidos.

Em relação a obras publicadas, tem a primazia a do Dr. António Baião, da Academia das Ciências e Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, «Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa», 1924, que traz a quesília com a Inquisição, donde se apurou:

- a) Ao Dr. Bento de Moura Portugal, por seu ofício, dar Sua Majestade carruagem para andar nesta Corte;
- b) Viver numas casas defronte dum oratório, a meio duma travessa que ia do Chiado à morada do conde de Barbacena;
- c) «Ser bastante subtil e amante da sua opinião, com que faria dano às almas»;...
- d) Afirmar que não havia possessos nem demónios e duvidar que Herodes houvesse mandado degolar os inocentes;

e) «Com uma galantaria imprópria de matéria tão gravíssima», expor e transmitir aos católicos o que aprendera com os herejes;

f) Sofrer a «agressão» de ser acusado pelo Dr. Gaspar Afonso da Costa Brandão, que fora prior de S. Paio (Gouveia), cónego da Sé de Lisboa e bispo do Funchal;

(Da «Gazeta de Lisboa»):

g) Merecer a honra de ver a Família Real assistir às suas experiências, o que sucedeu mais de uma vez;

(Da «Recreação Filosófica»):

b) Ser apelidado pelo P.^o Teodoro de Almeida, ao explicar um problema de Física, de «insigne» e «homem de grande engenho»;

(De manuscritos ignorados):

i) Ser-lhe mandado pagar, por Decreto de D. João V, a importância de três mil cruzados, para dar princípio à navegação em Vila Velha de Ródão e Abrantes;

j) Ser-lhe ordenado que estabelecesse umas barcas na cidade do Porto, semelhantes às de Sacavém. A Câmara e o juiz da Alfândega fizeram oposição cujos trâmites se acham descritos no documento atrás publicado;

(E ainda):

l) Dizer-lhe respeito, ou ser mesmo de seu punho, um Ms. existente na Academia das Ciências, onde se trata do «*Modo de averiguar se por baixo dos campos que correm ao longo dos rios, há, ou não há ouro*». É trabalho que, embora conste do livro dos Inventos, se compõe de seis folhas de papel castanho, brando, a delir-se, em formato 29 × 19,5 cm, com mancha de 25 × 16⁽¹⁸⁾, e pode — por hipótese — ser uma parte dos 28 cadernos escritos no Forte da Junqueira;

m) Outro Ms, também da Academia das Ciências, composto de 52 páginas, com mancha de 18,4 × 13, contendo três dos seus inventos, a começar pelo transporte de madeiras...

Em nota prévia esclarece:

«extrahidos das margens dehu' Livro intitulado Nouvelles deCouvertes Sur la guerre, aonde o Autor, entre outros, escreveu os tres projectos queContem este traslado».

(18) Academia das Ciências — Ms. 836 A.

Também somos advertidos de que «O q' digo no paragrafo 2, segue-se das proposições 35, e 36 do primeiro livro de Euclides», etc. ⁽¹⁹⁾;

- n) Quando o Dr. Bento, em Serviço Real, se achava nas cortes de Paris e de Londres, aí por 1736, teve conhecimento de haver sido esbulhado dos seus bens de Moimenta.

Da forma como agiu e respectivas consequências nos dá conhecimento a Provisão que se segue ⁽²⁰⁾:

«*Provizao'*

Dom Ioao' por graça de Deos Rey de Portugal & Faço Saber a vos Correg.^{or} da Com.^{ca} da Guarda q' Bento de Moura Portugal do Lugar de Mom.^{ta} tr.^o de Gouvea me representou p.^{am} por seu Proc.^{or} Thomas Marques Per.^a da mesma v.^a q' estando o Supp.^{te} na pacifica posse havia mais de doze annos q' falecera Seu Pai de todos os bens q' elle possuia pertencentes á Caza do d.^{to} Lugar desfrutando-os, admenistrando-os e arendando-os Sucedera ser Eu Servido mandar o supp.^{te} p.^a as Cortes de Londres e Paris, e assim q' se auzentara hũ M.^{el} Felix da d.^{ta} v.^a violentam.^{te} Se investira na posse de todos os bens extorquindo-os e seos rendim.^{tos} Com o Pretexto de hũa Procuraçao' q' dizia ser do P.^o Pedro de Moura Irmao' do Supp.^{te}. Com aqual fazendo hum Simplex req.^{to} ao Luis ordinario o mandar investir na d.^{ta} posse Sem ser ouvido o Proc.^{or} do Supp.^{te}; E porq' nao' hera justo q' nao' tendo o supp.^{te} jus nem titulo algũ p.^a expolliar ao Supp.^{te} da Sua antiga e justa posse, e este se achava occupado nomeu Real Serviço Me pedia fosse Servido mandallo Logo restituir a posse de todos os sobred.^{tos} bens pella pessoa de Seu Proc.^{or} eq' em q.^{to} durar asua iusta auzencia se suspendese na Cauza, e se henao' move-se outra qual quer Sobre esta materia. Ev.^{ao} o Seu req.^{to} einformaçao' q' se houve pello Prov.^{or} de fsa Com.^{ca} ouvindo a parte q' tudo foi visto: Hey porbem evos mando q' façais Logo restituir ao Proc.^{or} do Supp.^{te} na sua posse dos ditos bens em q' estaua, c'ordens ao Luis ordinario Suspenda na Cauza dos Emb.^{os} em q.^{to}

(19) Academia das Ciências — Ms. 1901 A.

(20) T. Tombo. Chancelaria de D. João V, L.^o 89, 333 v.

*durar a lusta auzencia do Supp.^{to} e Selhenao' mova outra
algũa Sobre esta matr.^a Cumprindose esta Provisao' Como
nella Seconthem. Esta m.^{co} lbe fiz porespecial resoluçao'
minha de q' pagou de novos dir.^{tos} 2 dobrões q' se carregarao'
ao Ser.^{vo} delles afl 109 v do L.^o 3.^o de Sua rec.^{ta} e Se registou
o C.^{to} em forma no L.^o 2.^o do reg.^{to} g.^{at} afl 376 El Rey
N. S.^{or} o mandou por Seu especial m.^{do} pellos D. Dr. An.^{io}
Teyx.^{ra}... Ioze de o Liv.^{ra} Bap.^{ta} a fez em Lix.^a occ.^{at} a
14 de Nov.^{ro} de 1736 annos.»*

.....

Bento de Moura Portugal, cientista a quem chamaram Newton Português, e dava realidade às suas invenções!

Bento de Moura Portugal, estudante-bolseiro e professor universitário de Filosofia Natural!

Bento de Moura Portugal, Cavaleiro-fidalgo e diplomata perante cortes estrangeiras, cidadão do Mundo e de claro e formoso entendimento!

Bento de Moura Portugal, homem «de espírito subtil e amante de sua opinião»!

Bento de Moura Portugal, homem «de espírito subtil e amante de seu ascendente D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso!

— Devido à claridade e altura europeia de teu pensamento, não te precaveste contra as forças dominadoras usadas pela Legitimidade, que te torturaram e aniquilaram.

Na vida acontecem coisas bem lamentáveis, mesquinhas e insólitas. Que, aos imolados, valha o desabafo atribuído a Galileu: «E pur si muove».

(Ao leitor se roga o obséquio de não considerar o último período do Intróito deste nosso trabalho.

Quando foi possível, chegou-se à conclusão de não corresponder a Paços da Serra a localidade referida na citada Carta.)

LISBOA

pela DR.^a ANNA-MARIA PEREIRA DA GAMA

Nasceu Lisboa dum sonho,
Cresceu banhada em poesia:
O Tejo corria silencioso
E o Sol beijava as colinas
Quase sempre todo o dia.

Os homens enfeitiçados
Pela beleza inata que viam
Foram chegando, foram ficando,
E a póvoa aos poucos crescia.

Cobiçada por uns,
Mais desejada por outros,
Foi ocupada, após conquistada.
Aqui ergueram-se igrejas,
Além concluíram-se palácios
Até chegar a capital dum reino
— País sem outro igual
Que jamais será desfeito
E se chama Portugal.

E assim os homens criaram Lisboa
E a cidade criou os homens,
A poesia transmitiu a estes.
E foi ela que embalou Camões,
Lhe deu vida e lhe deu força
Para narrar grandes feitos e acções.

E ao sonho misterioso que sempre a envolveu
Não o guardou só para si
E deu-o a outros dos seus filhos,
Empurrando para o mar
— Este dela se avista —
Tanta gente que contá-la seria difícil.
Assim em busca de mundos desconhecidos
Apenas em sonhos concebidos
Se fizeram ao longe os Portugueses.

E Lisboa cresceu em fama e realeza,
Erguendo-se hoje a nobre cidade,
Cada vez mais majestosa e cheia de beleza,
Beleza pelo Tejo reflectida,
Mas não perdendo aquela poesia
Que nunca a abandonou,
Dada à cidade quando nasceu
E fez da velha Lisboa
A ninfa mais bela
Que o mar jamais criou.

LISBOA!

Cidade de colinas majestosa,
que olhas com orgulho esse teu rio,
és o símbolo da Pátria bem ditosa,
que sabe triunfar mantendo o brio.

Entre todas és tida a mais formosa!
Teus filhos dominando o mar profundo,
escrevendo uma epopeia gloriosa,
marcaram-te um lugar digno no mundo.

De ameno clima, a que a luz do Sol,
num raro fulgor de ideal visão,
nos oferece fantástico arrebol;

Incandescência fulva que domina
de adorável imagem o coração,
assim se dá Lisboa — essa Divina.

INOCÊNCIO CASTELHANO

Outubro de 1973.

LISBOA NOS VERSOS DE ANTÓNIO NOBRE

por ANTÓNIO BROCHADO RODRIGUES

Ninguém, como António Nobre, soube cantar, em estrofes do mais puro lirismo, a paisagem e certos costumes da terra portuguesa. E o «Só» testemunha-o de modo eloquente. De facto nesse «livro mais triste que há em Portugal» o poeta tanto descreve o pitoresco das regiões coimbrã e dos arredores do Porto, como oferece, em pinceladas sugestivas, os usos populares e as tradições ribeirinhas das terras da sua infância e juventude, situadas além-Douro.

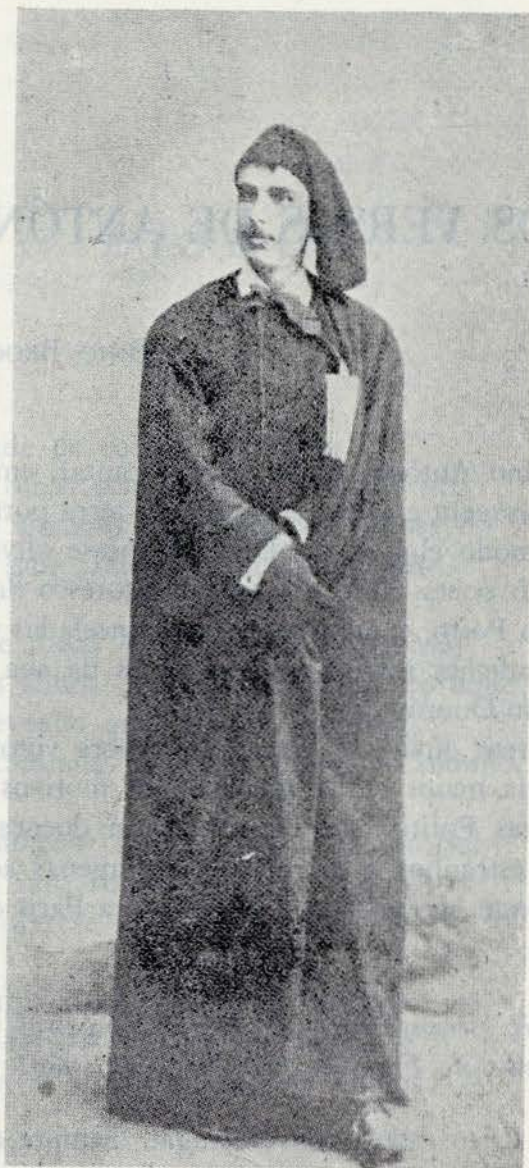
Foi enorme, sem dúvida, o amor que Nobre votou ao rincão natal, afecto que atingiria maior realce quando, por motivos relacionados com o curso de Ciências Políticas, e depois com a doença, então incurável, demandou países estranhos e distantes, onde apenas achou «tédio, tédio e nada mais». Longe, na buliçosa e já tentadora Paris dos fins do século, enquanto escrevia:

*Vós sois estrangeiros, vós sois estrangeiros,
Ó poentes de França! Não vos amo não!*

o pensamento do lírico estava com Portugal. Sempre com ele. E angustiosamente desabafa:

*Ó minha
Terra encantada, cheia de sol,
Ó campanários, ó luas-cheias
... ..
Que é feito de vocês? Onde estais, onde estais?*

Ainda em «Despedidas», livro póstumo onde se nos depara o extraordinário poema que é o «Desejado», António Nobre continuou cantando



ANTONIO NOBRE EM 1888

Offerecimento duma photographia equal, publicada na revista *A Águia*, 1.^a série:

Vasco,
Mando-te (estamos no inverno),
Esta sacca de carvão,
Que nunca se extingue: é eterno!

Não a deites ao fogão
Que dentro vae uma braza,
Que se chama: — coração.
Aquece-te os pés... e a caza.

a paisagem e as tradições avoengas da pátria lusa. Assim, para a Ilha da Madeira, tem citações especiais, e Lisboa refulge numa das suas mais belas criações.

Luar de Lisboa! Aonde o há igual no mundo?

O autor do «Só», que foi de longada aos Estados Unidos da América em busca de remédio para a saúde abalada, tendo visitado, em Baltimore, a sepultura de Edgard Pöe,

*Bati à porta, Edgard dormia.
Bati à porta, ninguém respondia;*

que pisou terras de Espanha, de Inglaterra, neves, areais; que deambulou pelas margens do Sena e pelas montanhas suíças, não conheceu outro luar que tanto o fascinasse! Talvez por isso, pela doçura da lua do Tejo, Nobre abriu o «Desejado» com um conjunto de oitavas dedicadas às senhoras da capital.

*Lisboa, à beira-mar, cheia de vistas,
Ó Lisboa das meigas procissões!*

E a introdução àquele poema que, por sinal, ficaria incompleto, prossegue pleno de frescas aguarelas, dando-nos a entender tudo quanto a «cidade de mármore e granito» representava para ele. O poeta canta-lhe as tradições, o rio e as artérias que o impressionaram.

Ouçamo-lo:

*Ó Lisboa das ruas misteriosas,
Da Triste Feia, do João de Deus.
Beco do Fala-Só, os versos meus...
.....
Travessa, julgo eu, das Isabéis
E outras que eu não sei e vós sabeis!*

Nobre chama ainda à cidade a «Lisboa das místicas donzelas/Animaizinhos cheios de delícias» e intitula-a de «Lisboa vermelha das toiradas», de «Lisboa do Tejo e das Conquistas» e «dos ossos prováveis de Camões», rematando, com estes versos, a primeira das referidas oitavas:

*..... Lisboa,
Que nunca te viu, não viu coisa boa!*

Afinal como explicar semelhante adoração por Lisboa? Não será difícil compreendê-la, sabendo-se que o mar atraiu sempre a alma do poeta. E Lisboa mora junto do Atlântico. Além do mais Nobre nutria um orgulho muito pessoal por algumas figuras da nossa História. E o burgo lisboeta recordar-lhas-ia sobremaneira, especialmente a de El-Rei D. Sebastião, o infeliz Rei-Menino, com quem compara a sua sorte nos versos de o «Desejado». Todavia António Nobre vai mais longe no poema atrás mencionado, já que nele encontramos esta oitava bem sentida:

*Meiga Lisboa, mística cidade!
(Ao longe o sonho desse mar sem fim).
Que pena faz morrer na mocidade:
Teus sinos, breve, dobrarão por mim.
Mandai meu corpo em grande velocidade,
Mandai meu corpo pra Lisboa, sim?
Quando eu morrer (porque isto pouco dura)
Meus irmãos, dai-me ali a sepultura!*

Nobre queria, pois, dormir o sono final em terra lisboeta. Contudo o seu desejo, como tantos outros, seria irrealizável. E o mais português dos nossos líricos que, acima de tudo, amava a faixa costeira que, da Foz do Douro, por Leça, conduz à Boa Nova, repousa no cemitério de Leça da Palmeira, num dos altos da povoação, com o oceano em frente.

Se analisarmos os «Primeiros Versos» e o «Só» hemos de convir que o poeta «vive» no mundo que lhe pertence. Desligada do seu cantor Leça não seria a mesma. Mas, sabendo-o dentro de seus muros, a pitotesca povoação ribeirinha sentir-se-á feliz ao guardar o moço sonhador, que a eternizou em versos sublimes, dos mais altos e profundos que, até hoje, se escreveram em língua portuguesa. Como feliz se deve sentir Lisboa que, não sendo a terra natal do poeta, mereceu dele elogiosas referências. Como ainda as senhoras da capital a quem Nobre dedicou o «Desejado»:

*Senhoras, se tendes coração,
Se dais esmola ao pobre, com vossa própria mão,
Lembraí-vos que ouvir a voz duma desgraça
Também é caridade, Senhoras cheias de Graça!
Dai-me um pranto vosso a este sofrimento,
Senhoras! Uma lágrima. Com ela me contento.*

Certamente que as muitas admiradoras do poeta, na capital, deram a lágrima pedida àquele

*Que no mundo sofreu todas as dores!
Ódios, paixões, torturas — que sabe ele!*

E é por isto que Lisboa, tal como Leça da Palmeira, também projecta o sonho de António Nobre nos confins da Eternidade.



GAGO COUTINHO

GEÓGRAFO

(Continuação)

pelo C. Mar e Guerra MANOEL AFFONSO DIAS

Ao fim de quatro anos de trabalho intenso, em Moçambique, na Missão Geodésica da África Oriental, mal tendo recuperado as suas forças um tanto abaladas, pelo esforço despendido, Gago Coutinho foi novamente chamado para chefiar outra missão de fronteiras. Regressado de África no fim de 1910, logo em 17 de Março de 1911, foi nomeado chefe da Missão de Delimitação das Fronteiras do Baroce.

A tão pequena distância, ainda se sentia tocado bastante na sua excepcional robustez física, mas apesar disso, talvez porque a nostalgia da selva africana continuasse a prender e a apaixonar a sua alma de geógrafo; talvez porque o sentimento do dever lhe fizesse esquecer o cansaço que acumulou ao longo de quatro longos anos, na geodesia de Moçambique; talvez porque desdenhasse do repouso que tanto merecia para retemperar as suas forças abaladas; talvez porque as responsabilidades, que criara por si e para si, só servissem para acordar no seu espírito a ambição de ser útil e o chamassem a correr de novo por montes e vales, a conversar com os astros, a lutar com as próprias distâncias, para estudar a Terra, sonhando com o céu, Gago Coutinho não virou a cara ao novo sacrifício que lhe pediam e começou imediatamente os seus preparativos para partir.

Chamou a si os seus grandes companheiros de campanhas passadas, o 1.º tenente Vieira da Rocha e o 2.º tenente Artur de Sacadura. Quis

com eles voltar a reunir aquela trindade magnífica que em Moçambique tantas vezes tinha dominado a própria Natureza com a força do seu «querer» e onde tão alto tinha erguido o nome da técnica portuguesa.

Tornava-se necessário definir no terreno a linha que separava as esferas de influência, inglesa na Rodésia e portuguesa em Angola, enunciada no tratado de limites estabelecidos entre Portugal e a Inglaterra, em 11 de Junho de 1891. Ao reconhecer-se a dificuldade de dar cumprimento ao que nesse tratado fora acordado, por se falar ali nos limites do reino do Baroce, que não estavam bem definidos, desencadeou-se uma grande discussão, onde estavam em jogo a influência britânica para oeste dos seus territórios da Rodésia e os contactos que os Portugueses vinham mantendo desde há muito com aqueles territórios, pelos caminhos do Alto Zambeze, ao norte e pelos do Cubango, ao sul. As negociações, conduzidas por nossa parte, pelo Comandante Ernesto de Vasconcelos, levaram muito tempo. Mas, pela correcção com que foram conduzidas e pela elevação dos conceitos em jogo, estas negociações, constituindo páginas das mais brilhantes da longa história das nossas fronteiras africanas, acabaram por recorrer à arbitragem do rei de Itália, que, em 30 de Maio de 1905, estabeleceu e definiu, em sentença arbitral, os limites ocidentais do antigo reino do Baroce e, conseqüentemente, a linha que separava as zonas de influência, inglesa e portuguesa.

Foi para a tarefa transcendente de marcar no terreno esta linha de separação que Gago Coutinho mais uma vez se meteu a caminho de África e que mais uma vez chamou a si os dois companheiros de andanças antigas.

Tratava-se de um empreendimento de grande envergadura, não só pelas exigências da técnica, mas ainda pelas dificuldades resultantes de se ir operar numa zona situada a mais de 1700 quilómetros do mar, dos quais apenas os primeiros 450 puderam ser vencidos de comboio, pois ao tempo, o caminho de ferro de Benguela chegava só ao Huambo. Para este empreendimento, que se sabia vir a ser cheio de dificuldades, fora escolhido Gago Coutinho que, entretanto, tinha sido promovido a capitão-tenente e completado 42 anos.

Por virtude de demoras resultantes da demarcação da fronteira da Rodésia com o Congo Belga, que devia trazer ao meridiano de 24° E um ponto de partida para os trabalhos da fronteira de Angola, o encontro das duas missões, transferido por duas vezes, acabou por ser marcado somente para Março de 1913.

Com as grandes demoras havidas, a missão portuguesa foi desfeita, com grande prejuízo dos preparativos já feitos. Os oficiais regressaram ao Ministério da Marinha e os materiais e mantimentos, que se tinham concentrado junto da fronteira, foram abandonados ao seu próprio destino.

Gago Coutinho encontrava-se em Timor no comando de um navio e Sacadura aceitara o lugar de subdirector da Agrimensura em Luanda. Foi necessário começar outra vez. A Missão foi novamente criada e a Comissão de Cartografia chamou de novo Gago Coutinho e os oficiais de marinha, que tanto brilho tinham dado à Geografia de Moçambique, poucos anos passados.

Com todos os preparativos terminados, no dia 1 de Outubro de 1912 ia a caminho de África mais uma missão de fronteiras chefiada pelo grande geógrafo Carlos Viegas Gago Coutinho.

Em Luanda, o tenente Sacadura juntou-se à Missão e no Lobito desembarcou todo o equipamento desta grande organização, onde não faltavam dois cavalos, cinco mulas e três burros, com que «luxuosamente» se pretendeu resolver o problema dos transportes pessoais.

Em Benguela, Gago Coutinho recebeu do Governador preciosas informações sobre a longa viagem que tinha na sua frente, fez uma breve regulação dos seus cronómetros e, com a Missão na sua máxima força e com todo o seu material, tomou o comboio do caminho de ferro de Benguela, com destino ao Huambo. Venceu rapidamente os 450 quilómetros que o levaram ao Huambo, mas para chegar ao fim da sua viagem teria ainda de andar 1200 quilómetros, que tanta era a distância que o separava da fronteira.

Com receio de que as grandes chuvas de Dezembro e Janeiro viessem a perturbar-lhe a travessia das grandes anharas que o esperavam, Gago Coutinho, para um bom aproveitamento do tempo, armou um acampamento junto da estação do caminho de ferro e ali, tal como se estivesse em pleno mato, foram afinados todos os seus serviços. Foram distribuídas todas as cargas do seu volumoso e pesado material e fez-se, por assim dizer, um ensaio geral do que ia ser a sua vida durante alguns meses.

Fretou nove pesados carros «boers» para transportarem até à fronteira uma carga superior a 30 toneladas e com eles todo o pessoal necessário.

Com todos os problemas resolvidos e com tudo devidamente ponderado, no dia 26 de Outubro, a Missão de Delimitação da Fronteira do Sueste de Angola, constituindo uma impressionante caravana, iniciou

a sua marcha para leste, enfrentando heroicamente uma viagem até para além do Dilolo, nos confins do território angolano, na fronteira que era necessário demarcar, sobre o meridiano de 24° E. Uma viagem tão comprida, com uma caravana tão complicada, por caminhos de qualquer maneira, com meios de transporte tão rudimentares e tão diferentes, desde o possante carro «boer», rebocado por mais de trinta bois, até ao mais humilde jumento, é cheia de peripécias e acontecimentos os mais variados, para viver os quais são necessárias muita calma, muita paciência e muita filosofia.

Gago Coutinho tudo acompanhou, tudo orientou, e tudo comandou. Aconselhava os melhores caminhos, guiado pelo seu extraordinário instinto de explorador experimentado, apoiando-se na sua experiência de «navegar» pelo sertão africano. Caminhava durante o dia para se ir aproximando do seu objectivo e de noite, em acampamentos de fortuna, observava as estrelas e pedia-lhes uma latitude para marcar nas suas cartas e um azimute para corrigir os seus «rumos». Não esquecia os mais pequenos pormenores que servissem ao abastecimento da sua caravana e até o repouso e o pasto para os bois e para as montadas preocupavam este homem verdadeiramente excepcional.

Só poderá fazer uma ideia do que foi essa longa caminhada, em esforço físico, em preocupações e em luta com os elementos da Natureza, quem, antes da tracção às quatro rodas dos potentes motorizados de hoje, calcurriou também, por montes e vales, as enormes distâncias que, no coração da África, separam os locais onde se encontram sinais de vida. Para todos os outros, para aqueles que nunca puseram o pensamento na vida aventureira dos grandes pioneiros da ocupação africana, eu gostaria de fazer aqui uma rápida e resumida descrição dos principais episódios ocorridos durante uma viagem de mais de 1200 quilómetros, pelo interior de Angola, focando aqui e além os pontos mais dominantes e mais significativos da resistência humana. Gostaria de fazer ouvir em pensamento o duro matraquear dos carros «boers» e a nostálgica canção com que os carreiros acompanham e incitam os seus bois; gostaria de vos fazer assistir ao armar dos acampamentos à beira dos rios, depois de terminada a longa caminhada de um dia, levantando os olhos para o céu onde os instrumentos de Gago Coutinho procuravam os ensinamentos dos astros, para mais e melhor concretizar a vida errante da caravana; gostaria de vos fazer sentir na alvorada de cada dia a grande quietação do amanhecer e a misteriosa grandeza da vida africana, vivendo os rigores do sol durante os dias e sofrendo o peso das temperaturas baixas durante as madrugadas,

ouvindo o pulsar da Natureza nos descampados dos grandes horizontes e recolhendo as mil e uma sensações que nos vêm, misteriosas, das grandezas da criação.

Vamos seguir essa grande caravana na sua heróica arrancada para leste, vivendo com ela, minuto a minuto, as mesmas preocupações e compartilhando com ela os mesmos pensamentos:

26 de Outubro — Parte do Huambo com rumo a leste a grande caravana formada por nove carros «boers», dois cavalos, cinco mulas e três burros. Seguem oito europeus, trinta serviçais indígenas e cinco homens por cada carro. A carga total, incluindo instrumentos, material de acampamento, sobreceletes e mantimentos, ultrapassa as 30 toneladas.

30 de Outubro — No acampamento fazem-se observações astronómicas de latitude e de hora, com vários teodolitos, para afinar os aparelhos, os métodos e os observadores. Continua-se a uma altitude superior a 1800 metros e por isso não há muito calor.

6 de Novembro — Arma-se o acampamento uns dez quilómetros ao norte da vila de Belmonte. Fazem-se observações astronómicas de latitude e de azimute para correcção do itinerário.

8 de Novembro — Passa-se em Kaiala e depois em Kanjungo, onde fica situada a casa do grande comerciante Felisberto Guedes, dono dos carros «boers» fretados para esta viagem. Fez-se um grande aprovisionamento de géneros para garantir a chegada à fronteira. À noite fazem-se observações astronómicas de latitude. Começaram a adoecer as montadas.

17 de Novembro — Chega-se ao Rio Cuanza. Grande demora por causa da travessia do rio que exigiu a descarga de todos os carros para se poder utilizar a jangada. À noite fizeram-se observações astronómicas de latitude e de azimute. Morreu uma das mulas doentes.

20 de Novembro — Partida do Cuanza. Entra-se em terreno de areia onde os carros se enterram com frequência, tornando a viagem muito mais lenta e mais trabalhosa.

29 de Novembro — Entra-se na bacia do Cassai. O caminho segue ao longo da linha divisória das águas, Congo à esquerda e Zambeze à direita, até para além do meridiano de 24° E. Segue-se a cerca de 1500 metros de altitude. Pouco calor. Passa-se no Posto Militar de

Munhango onde se fizeram observações astronómicas de latitude. Começa a chover.

10 de Dezembro — Chega-se à bifurcação do caminho que vai para o Moxico. Pára-se para algum repouso. Observações cuidadas de latitude com $\varphi = 11^{\circ} 55' 52''$ S, sendo este número gravado no tronco de uma grande árvore. Partida para leste pelo caminho do norte por onde não há que passar rios. Continua-se sobre a linha divisória das águas Congo-Zambeze.

16 de Dezembro — Encontra-se uma grande caravana de carros do major Cuningham. Troca de impressões. Más notícias. Para a frente há fome, sendo impossível obter mantimentos. À noite, observações astronómicas de latitude e de azimute.

21 de Dezembro — Paragem para um pouco de repouso dos animais e para se aproveitar a passagem da lua pela constelação das Pléiades que nesta noite permitiu umas seis ocultações visíveis, para o cálculo da hora.

25 de Dezembro — Dia de Natal, com dois meses de viagem. Envia-se um officio para o Governador de Benguela, por via Moxico, dando informações sobre a forma como tem corrido a viagem.

30 de Dezembro — Entra-se nas grandes chanas onde estão as brigadas de construção do Caminho de Ferro de Benguela. Examina-se o projecto que, nesta zona, tem uma recta com 200 quilómetros de comprimento. Por informações colhidas soube-se que lá para os fins de Janeiro é muito difícil passar-se por aqui, porque as chuvas costumam alagar os terrenos.

8 de Janeiro — Entrou-se numa chana muito grande que é provavelmente aquela em que Livingstone encontrou águas a correr para o Cassai, para o Dilolo e para o Zambeze, formando um só charco de enormes dimensões. O cansaço do gado aconselhou uma pequena demora para repouso. À noite, fizeram-se observações astronómicas para latitude. Está-se em $\varphi = 11^{\circ} 13' 28''$ S.

13 de Janeiro — Observações astronómicas para latitude no acampamento, com $\varphi = 11^{\circ} 09' 23''$. Este valor foi gravado no tronco de uma árvore, à beira do caminho. Pela primeira vez foi possível comprar alguns mantimentos.

19 de Janeiro — O regímen das chuvas torna a viagem mais demorada e mais fatigante. À noite, no acampamento, observou-se uma ocultação da α do Touro que serviu para uma regulação dos cronómetros.

28 de Janeiro — Chegada a Caianda, onde está a casa comercial de Figueiredo Bessa. Há muitos comerciantes de borracha na região. Pequena demora para repouso do gado e para pagamento aos pretos. Fizeram-se observações astronómicas de latitude. As montadas vão morrendo. Só restam dois burros já muito lazarentos. O cansaço, que começa a manifestar-se no gado, obriga a uma marcha mais lenta. Chove muito, o que dificulta a vida dos acampamentos.

30 de Janeiro — Um grupo de leões atacou o acampamento por causa dos bois. Um foi morto a tiro e outro foi mortalmente ferido. O terreno volta a ser plano. Anda-se devagar, porque chove muito.

6 de Fevereiro — Monta-se o acampamento nas nascentes do Rio Tchenhange que corre para SW num vale muito fundo e apertado. A cerca de 40 quilómetros avista-se uma grande barreira, onde se distinguem alguns montes de pouca altura, sendo um deles o tão falado «Kallen-Hill», onde está estabelecida a missão protestante do Dr. Fisher, muito conhecido em Angola. Pela estima e pelos cronómetros, está-se já perto do meridiano de 24° E. Apesar disso, continua-se a caminhar para leste para escolher um local para montar o acampamento.

10 de Fevereiro — Chegada a um ponto, uns 10 quilómetros ao norte do Zambeze e francamente para leste do meridiano de 24° E. Procura-se um local para estabelecer o acampamento, no meio da floresta, perto da água, para invernar durante as grandes chuvas e para esperar a chegada da missão inglesa. Comunica-se para Lisboa a chegada da Missão ao final da sua grande viagem. Tinham decorrido 106 longos dias sobre a largada do Huambo.

Ao chegar ao fim da sua grande viagem, a Missão encontrava-se com um substancial avanço, no local onde iriam começar os trabalhos da fronteira. Tinham sido percorridos 425 quilómetros em caminho de ferro e 1227 a cavalo, de carro «boer» e a pé, depois de passar pelas intermináveis anharas do interior de Angola, onde muitas vezes foi necessário tirar os carros dos atoleiros, principalmente depois do começo das chuvas e enquanto o terreno foi plano e de areia.

Depois de ter observado milhares de estrelas para definir e orientar os seus itinerários, com os quais iria enriquecer as suas cartas, depois de ter sofrido os rigores da sede, numa viagem que nunca deixou de ter o seu ar de aventura, depois de ter tiritado com o frio rigoroso das madrugadas e de quase ter sufocado com o calor que irradiava das areias escaldantes da planície, Gago Coutinho fez instalar um acampamento regular, suficientemente grande, para ali passar as chuvas e esperar a chegada da missão inglesa.

Fez construir uma pequena barraca, onde montou o seu «observatório astronómico» e sobre um grande morro de salalé, que havia no centro da clareira aberta, construiu um grande sinal de madeira, onde empregou somente materiais da floresta. Chamou-lhe a sua «Torre», serviu para assinalar o acampamento, foi mais tarde um vértice da triangulação e, vencendo os rigores do tempo, do alto dos seus 18 metros ficou por largo tempo a atestar o grande engenho da gente portuguesa.

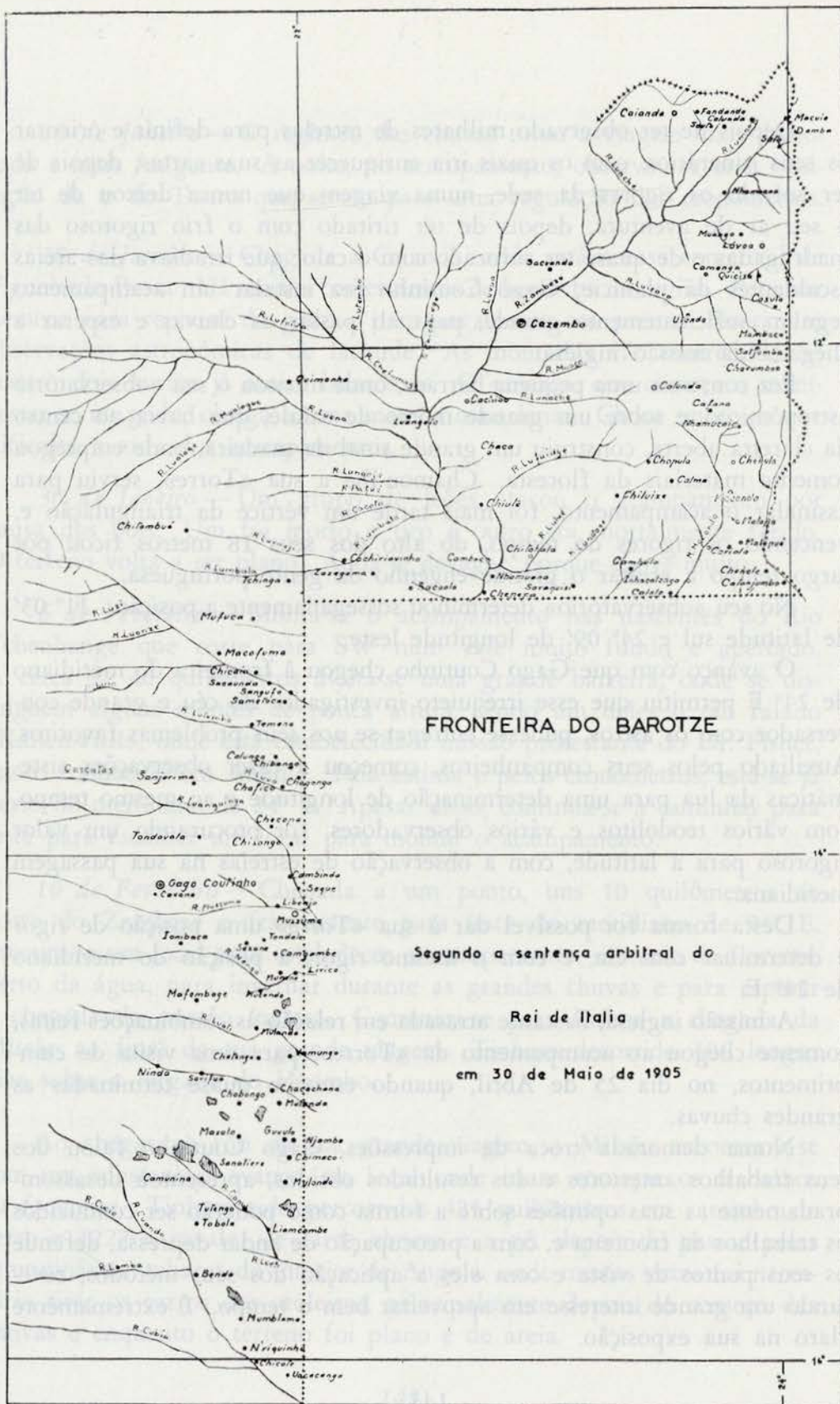
No seu «observatório» determinou sossegadamente a posição: $11^{\circ} 03'$ de latitude sul e $24^{\circ} 09'$ de longitude leste.

O avanço com que Gago Coutinho chegou à fronteira do meridiano de 24° E permitiu que esse irrequieto investigador do céu e grande conversador com os astros, pudesse entregar-se aos seus problemas favoritos. Auxiliado pelos seus companheiros, começou a fazer observações sistemáticas da lua para uma determinação de longitude e ao mesmo tempo, com vários teodolitos e vários observadores, foi procurando um valor rigoroso para a latitude, com a observação de estrelas na sua passagem meridiana.

Desta forma foi possível dar à sua «Torre» uma posição de rigor e determinar com ela, e com o mesmo rigor, a posição do meridiano de 24° E.

A missão inglesa, bastante atrasada em relação às combinações feitas, somente chegou ao acampamento da «Torre», para uma visita de cumprimentos, no dia 25 de Abril, quando estavam quase terminadas as grandes chuvas.

Numa demorada troca de impressões, Gago Coutinho falou dos seus trabalhos anteriores e dos resultados obtidos, apresentou desassombradamente as suas opiniões sobre a forma como poderão ser conduzidos os trabalhos da fronteira e, com a preocupação de andar depressa, defende os seus pontos de vista e com eles a aplicação dos seus métodos, revelando um grande interesse em aproveitar bem o tempo. É extremamente claro na sua exposição.



Desde o ponto do meridiano 24° E em que se separam as águas do Congo das do Zambeze, ao longo do meridiano 24° E, do paralelo 13° S do meridiano 22° E, até encontrar o Rio Cuando: é a fronteira da sentença arbitral do rei de Itália, de 30 de Maio de 1905

O major Gordon, chefe da missão inglesa, porém, não está inteiramente de acordo. Por seu lado, entende ser preferível lançar-se uma triangulação ao longo da fronteira para fazer o transporte das longitudes trazidas da demarcação da fronteira da Rodésia-Congo.

No ambiente frio deste fraco entendimento, as duas missões, como que emudecidas, separaram-se.

Para não estar inactivo, Gago Coutinho resolveu dar início aos trabalhos da fronteira, fazendo a sua demarcação ao longo do meridiano de 24° E, tal como se ele fosse definido pelas observações feitas na sua «Torre».

Pelo processo das latitudes e azimutes de precisão (erros prováveis de $\pm 0''.25$ para as latitudes e $\pm 0''.50$ para os azimutes), em observações feitas pelo tenente Sacadura, a longitude foi transportada de ponto para ponto, ao longo do meridiano.

Este método consiste em medir as distâncias por diferenças de latitude, e os azimutes directamente para projectores colocados nos marcos da frente ou da rectaguarda, sobre a linha do meridiano. As observações são feitas sempre com os aparelhos montados e centrados nos marcos da fronteira.

Quando retribui a sua visita de cumprimentos, Gago Coutinho mais uma vez conversa com a missão inglesa, dando conta dos trabalhos já realizados. Continua a não haver concordância, pois o major Gordon continua a defender a ideia do estabelecimento de uma triangulação ao longo da fronteira.

Os trabalhos da missão anglo-belga da fronteira da Rodésia-Congo vinham ainda muito atrasados, não sendo possível fixar a posição do Marco M_1 , sobre o meridiano de 24° E, o primeiro marco da fronteira a demarcar.

Para não parar, a missão portuguesa vai seguindo o meridiano e sobre ele vai construindo grandes sinais com os quais pensa ligar a fronteira à triangulação e, por observações de latitude e de azimute, atinge o cruzamento do meridiano de 24° E com o paralelo de 13° S. Caminha para oeste, ao longo do paralelo, e vai construindo os marcos da fronteira, fortes marcos de alvenaria reforçados interiormente com um tubo de ferro galvanizado e rebocados com argamassa de cimento, onde foram gravadas as inscrições de identificação.

Apesar dos desentendimentos cada vez mais acentuados, Gago Coutinho, em colaboração com o major Gordon, observa uma ocultação da estrela α do Touro, para confirmação das longitudes.

A missão portuguesa continua a demarcação da fronteira, sobre o paralelo de 13° S, fazendo em cada marco observações de precisão, onde foram tidos sempre os maiores cuidados.

Sob os rigores de um frio intenso, com temperaturas que frequentemente vinham abaixo de 0° centígrados, principalmente pelas madrugadas, os marcos foram-se construindo, sempre na sua posição correcta em latitude, pela observação de estrelas na sua passagem meridiana e em longitude, pela medição directa das distâncias, com um fio de aço esticado sobre estacas metidas no terreno.

A missão anglo-belga da fronteira Rodésia-Congo vem ainda muito atrasada, não se podendo marcar o seu ponto de chegada ao meridiano de 24° E e, pela mesma razão, não se pode fixar o cruzamento do paralelo de 13° S com o meridiano de 22° E, donde parte a fronteira a caminho do sul.

Começa a chover impiedosamente e Gago Coutinho resolve retirar para leste ao encontro da missão inglesa. Combinam-se normas de trabalho para a campanha seguinte e consideram-se terminados os trabalhos por este ano.

A Missão portuguesa seguiu para Lourenço Marques, onde chegou no dia 24 de Dezembro.

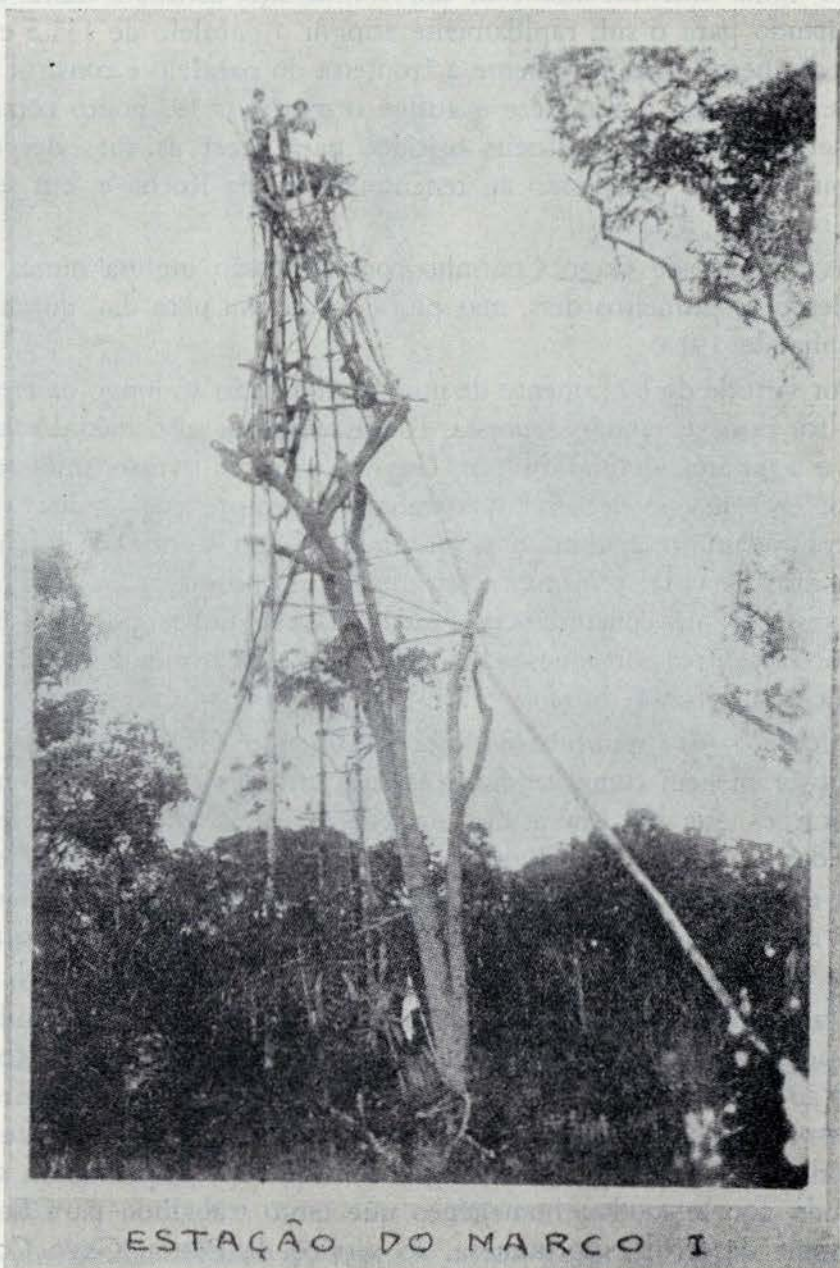
Em 14 meses Gago Coutinho tinha atravessado a África, do Atlântico ao Índico e tinha feito uma campanha dura na demarcação de uma fronteira difícil e com uma missão inglesa difícil também.

Durante a sua estadia em Lourenço Marques, Gago Coutinho não descansa. Entrega-se aos cálculos das suas observações astronómicas e dos seus itinerários, ao desenho das suas cartas, ao estudo dos seus cronómetros e verifica que, regulados no Huambo, por observações da lua, passado mais de um ano, traziam um erro de dois segundos apenas.

Reagrupada de novo nos princípios de Abril, a Missão portuguesa iniciou a sua marcha, com rumo aos trabalhos da fronteira do Baroce. Seguiu de comboio até Livingstone e daqui para oeste, pelos caminhos do norte, ao encontro da missão inglesa.

Em 22 de Abril encontrou-se com a missão anglo-belga da fronteira da Rodésia-Congo e recebeu os valores oficiais da longitude, trazidos desde a grande triangulação do meridiano de 30°, para fazer com eles a demarcação do meridiano de 24°. Sobre este meridiano e na linha divisória

das águas Congo-Zambeze, foi então escolhida a posição, onde devia ser construído o marco M₁ da fronteira.



*Ponto de partida para a demarcação da fronteira. Está sobre o meridiana de 24°
e sobre a linha divisória das águas Congo-Zambeze*

Na sua marcha para o sul, com uma actividade como no primeiro dia, para confirmação dos resultados do ano anterior, Gago Coutinho mediu, com um aparelho de fios de invar, a mesma base que no ano anterior tinha sido medida com um fio de aço esticado sobre estacas. Caminhando para o sul, rapidamente atingiu o paralelo de 13° S e daqui larga para oeste, bate novamente a fronteira do paralelo e constrói alguns marcos. Atravessa o Zambeze e atinge o marco L 19, ponto combinado para se encontrar com os seus oficiais, para fazer as suas despedidas, entregar a chefia da Missão ao tenente Vieira da Rocha e, em seguida, poder regressar a Lisboa.

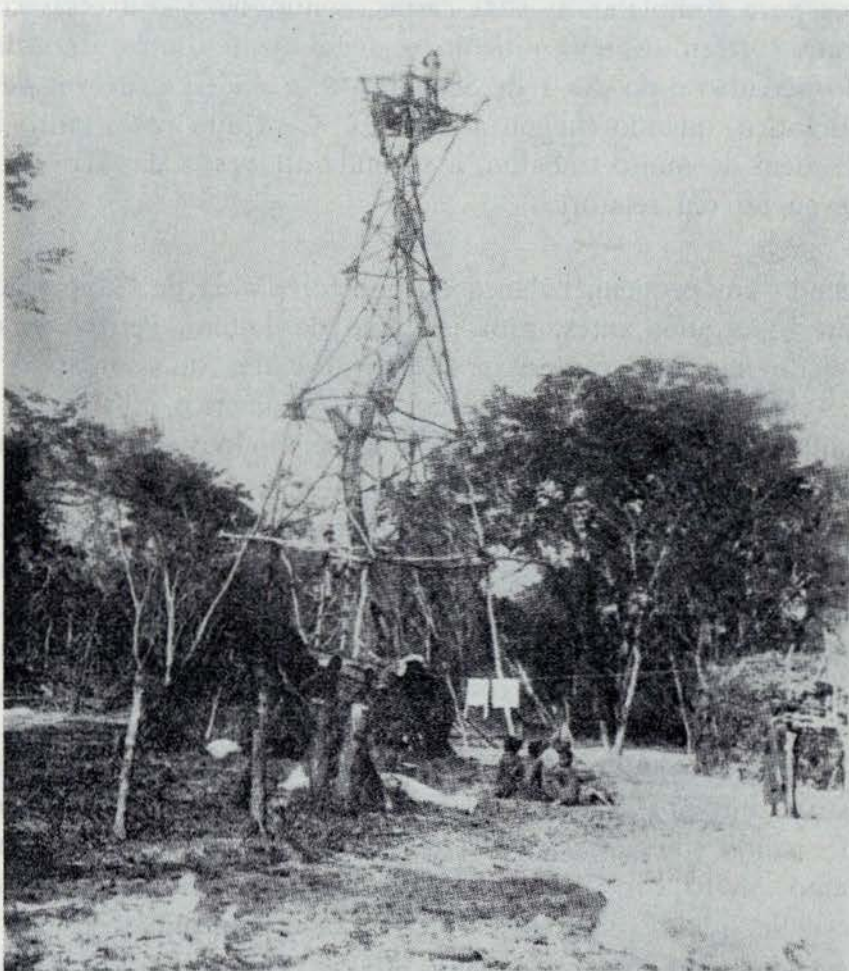
As relações de Gago Coutinho com a missão inglesa nunca foram boas desde os primeiros dias, mas pioraram de dia para dia, durante esta campanha de 1914.

Por virtude do lançamento de uma triangulação ao longo da fronteira, nunca foi possível andar depressa, como sucederia se o método das latitudes e azimutes defendido por Gago Coutinho tivesse sido seguido. Foi por isso que no decorrer dos trabalhos, sempre que as duas missões se encontravam, o assunto era ventilado. Gago Coutinho defendia os seus pontos de vista, sem nunca ter encontrado no major Gordon os mais leves vestígios de concordância. Além disso e talvez por isso mesmo, as relações entre portugueses da região e as autoridades inglesas da Rodésia nunca foram boas.

Por tudo isso, sentindo-se cansado e doente, Gago Coutinho, vendo que não eram bem compreendidas as suas atitudes e para evitar maiores complicações que um dia acabariam por ser mais graves, resolveu retirar-se das operações da fronteira, entregando-as ao tenente Vieira da Rocha e regressar a Lisboa. Foi por isso que marcou para o acampamento do marco L 19 a concentração de todos os seus colaboradores, no dia 22 de Junho.

Fez a entrega de todos os documentos e instruções, incluindo uma descrição pormenorizada da fronteira e deu posse do cargo de chefe da missão ao tenente Vieira da Rocha, seu grande amigo e companheiro dedicado em trabalhos passados. Ao agradecer a todos o carinho de que souberam rodeá-lo, a lealdade e a dedicação com que o acompanharam sempre, formando aquele «todo» homogéneo que tanto trabalhou para honrar o bom nome da técnica portuguesa, ao serviço da Pátria, Gago Coutinho deixou ficar ali a chama viva do seu exemplo e ao dedicar e confiar aos seus dedicados colaboradores e, mais do que isso, aos seus grandes

amigos, um trabalho a que ele dera o melhor do seu esforço, uma profunda emoção fez tremer o seu robusto arcaboço de explorador. Era a saudade profunda com que deixava os homens e a nostalgia que havia de continuar a prendê-lo aos mistérios da selva africana.



TRIPÉ DE 18M. DO MARCO L.19.

Sobre o paralelo de 13° S um curioso sinal de madeira, envolvendo o tronco da árvore, garantiu a independência entre o teodolito e o observador

Num último esforço e vencendo a sua própria emoção, Gago Coutinho iniciou a sua marcha para oeste, fazendo rumo ao mar, ao mesmo tempo que o tenente Vieira da Rocha, herdeiro do pesado encargo de

continuar a obra do mestre, largava para o sul, para fazer a delimitação da fronteira ao longo do meridiano de 22° E.

Durante a grande travessia, Gago Coutinho continuou a recolher elementos para completar as suas cartas, continuou a conversar com os astros para corrigir os seus itinerários, regularizou contas atrasadas, ao longo do percurso e no dia 1 de Setembro teve a alegria de ver de novo o mar atlântico, quando chegou ao Lobito. Concluíra «sem outro inconveniente, além do muito trabalho, a segunda travessia da África», como ele escreveu no seu relatório.

Fazendo um pequeno balanço do que foi a vida de Gago Coutinho desde que, dois anos antes, tinha largado do Lobito, verifica-se que o total andado nas duas travessias de África e nas suas andanças pelas fronteiras, ultrapassou a soma de dez mil quilómetros, dos quais, cinco mil e quinhentos a pé, quinhentos de barco, seguindo o curso do Zambeze, e os restantes em caminho de ferro.

Observou milhares de estrelas, fez muitos milhares de cálculos, teve momentos de grande desânimo, quando as suas intenções não foram compreendidas pelos ingleses da missão e pelas autoridades da Rodésia, teve muitas preocupações com o problema dos abastecimentos, com o angariaamento dos carregadores, com a construção das grandes marcas que assinalaram a sua passagem pelas fronteiras, sofreu muito com o calor durante os dias quentes e abafados da época das chuvas e suportou temperaturas muito baixas durante as noites da época seca. Como paga de todo este trabalho e como compensação para as suas privações, sentiu sempre um acolhimento muito carinhoso por parte de todas as autoridades com quem teve de lidar e de todos os comerciantes portugueses com quem teve necessidade de tomar contacto. Mas o que maior consolação lhe proporcionou, foi a leal colaboração dos seus companheiros, foi a amizade que os ligou sempre, foi a justeza das suas atitudes, o carinho com que o ampararam nos momentos mais difíceis e a alegria com que viveram as horas dos seus triunfos.

No campo da técnica, pouco se tinha feito até então, no cenário da selva africana, onde os resultados obtidos se pudessem comparar com os resultados obtidos por Gago Coutinho na sua Missão do Baroce. Em toda a parte e em todas as missões, viveu sempre a preocupação do rigor dos seus resultados, mas na demarcação da fronteira do sueste de Angola,



ESTAÇÃO DO MARCO II

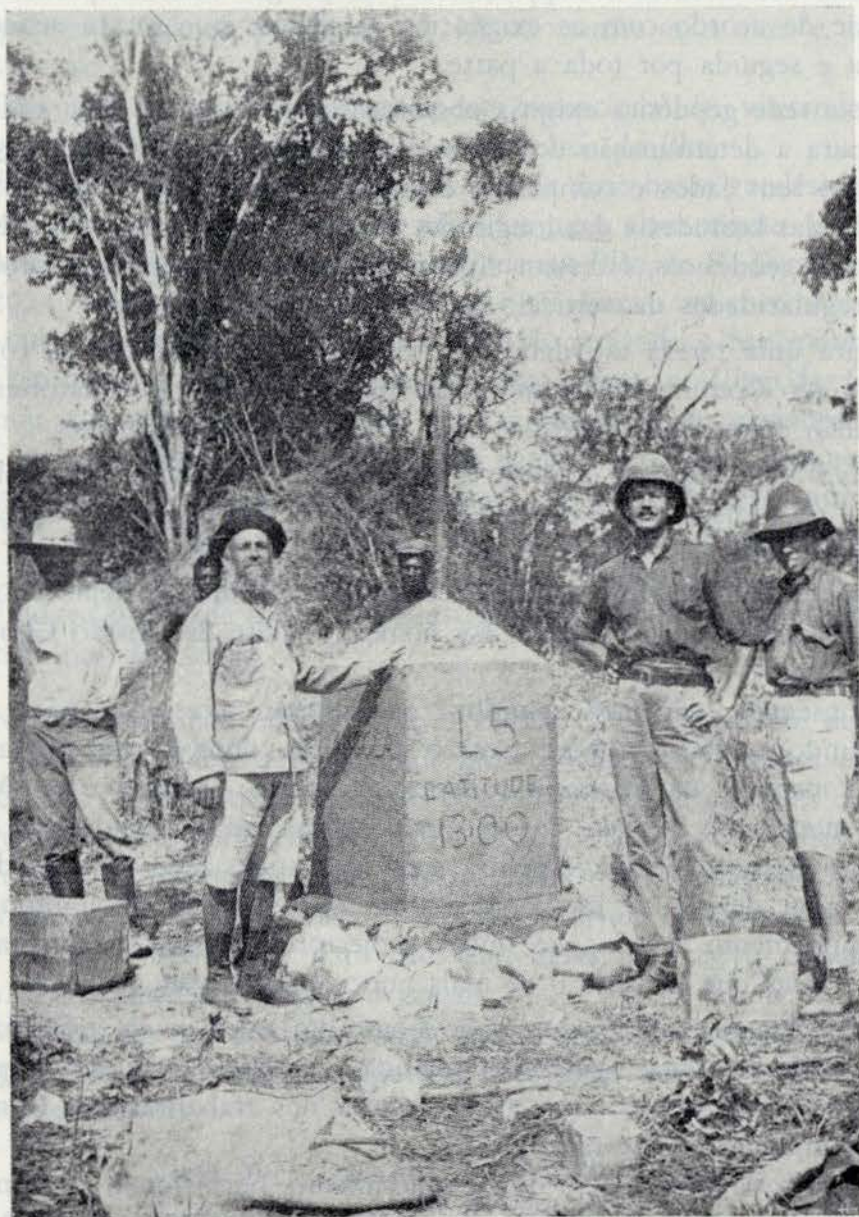
Sobre um grande morro de salalé, Gago Coutinho fez construir a sua «Torre» com a qual qualificou o seu grande acampamento da fronteira do Baroce. Na extrema esquerda, vê-se Gago Coutinho na sua «farda» de geógrafo

talvez porque logo de início o major Gordon não quis adoptar os seus métodos, como que pondo em dúvida a seriedade das suas observações e a justeza dos seus conceitos, Gago Coutinho redobrou de cuidados, rectificou amiudadas vezes e escrupulosamente os seus aparelhos, multiplicou as suas observações, estudou melhor e afinou convenientemente os seus métodos, seleccionou escrupulosamente as estrelas para as suas latitudes, esperou pacientemente, noite após noite, para observar a lua em boas condições, tanto em culminações como em ocultações, para a determinação das longitudes, rodeou de um cuidado extremo o transporte dos seus cronómetros que, apesar disso, regulava sempre que podia e, às noites, nos seus acampamentos, nunca deixou de pedir às estrelas, com quem se habituara a confidenciar, a sua posição, para com ela corrigir os seus rumos. Com todos estes cuidados e melhorando continuamente os seus métodos, conseguiu resultados que podemos classificar de notáveis, para a época em que foram obtidos.

Apesar de ter corrido as sete partidas do mundo, a conversar com os astros, demarcando fronteiras, construindo cartas e desvendando os segredos da Natureza, sempre que peregrinava pelo mundo; apesar de ter imposto já à consideração de todos as maravilhas da sua técnica, com a qual tanto prestigiou a ciência portuguesa; depois de demonstrar que as suas invulgares qualidades de observador supriam quase sempre a pobreza do poder óptico dos seus instrumentos; depois de mostrar quanto pode a sua faculdade extraordinária de transformar métodos e simplificar observações e cálculos, adaptando uns e outros às fracas possibilidades do seu material, alguma coisa faltava ainda para demonstrar bem alto que Gago Coutinho não tinha ainda terminado a sua carreira de geógrafo. Faltava ainda dizer ao mundo que este homem invulgar não conhecia limites para a sua dedicação à Pátria, pois nunca lhe negou um sacrifício pessoal, por mais pesado que ele fosse, que não regateava dedicação à sua vida de geógrafo porque, além do «norte» com que orientou todas as suas investigações, foi sempre um escravo desse outro «norte» que orientou toda a sua vida de homem nas relações com os outros homens.

Quando corria ainda o ano de 1915, lavrava na Europa uma guerra total, sem tréguas, que praticamente batera à porta de todos os lares portugueses. Apesar disso, Portugal continuava a pensar na extraordinária importância que tinham os levantamentos geográficos regulares dos territórios do nosso Ultramar, para com eles se terminar uma ocupação de

facto. Como já o fizera para Moçambique, uns anos atrás, entendeu o Governo Português mandar fazer o levantamento das cartas de S. Tomé, talvez por ser a província de maior ocupação e a mais desenvolvida no aproveitamento das suas riquezas naturais. Não era tarefa fácil por causa



Construção do marco L 5, na margem esquerda do Rio Makondo e sobre o paralelo de 13° S. Na fotografia vêem-se da esquerda para a direita: o sargento de marinha Isidro António, o comandante Gago Coutinho, o major inglês A. Gordon e o tenente Costa Santos

do acidentado do terreno e da emaranhada vegetação que cobria toda a ilha.

Essas cartas, que se propunham resolver todas as complicações resultantes, quase sempre, de serem muito vagos os limites das propriedades agrícolas, necessitariam de apoiar-se numa rede geodésica de precisão, que estivesse de acordo com as exigências da técnica que estava sendo respeitada e seguida por toda a parte.

Esta rede geodésica exigiria observações astronómicas de grande precisão para a determinação dos azimutes, que pudessem orientar rigorosamente os seus lados e compensar os seus comprimentos e para a determinação das latitudes e das longitudes que, por comparação com idênticos elementos geodésicos, fizessem alguma luz sobre o complicado problema das irregularidades da vertical, sua grandeza e seus efeitos.

Para uma tarefa tão delicada e de tanta responsabilidade, foi chamado Gago Coutinho, o eterno andarilho pelas lonjuras equatoriais, em comunhão com a Natureza que para si já não tinha segredos.

Mais uma vez este homem extraordinário, de comprovada robustez física e de indiscutível competência técnica, se virou para a África e se deixou prender pela magia da sua aventureira vida de geógrafo.

Em 28 de Setembro de 1915, exactamente um ano depois dos trabalhos da fronteira do Baroce, foi nomeado chefe da Missão Geodésica de S. Tomé.

Conseguiu reunir os aparelhos que julgou necessários para o seu labor, indo buscá-los aos arquivos e depósitos, onde se tinha guardado todo o material da Missão Geodésica da África Oriental e da Missão da Fronteira do Baroce. Deste modo voltou ao contacto com o seu teodolito Repsold de micrómetros, com os grandes teodolitos geodésicos Salmoiraghi depois de melhorados, com os teodolitos Troughton, com um equipamento de fios de invar, projectores, hélios, e todas as mil e uma coisas que nunca são de mais numa missão desta natureza.

Mal chegado a S. Tomé, Gago Coutinho lançou-se ao trabalho, subjugado uma vez mais pela mal contida ansiedade de andar depressa, qualidade que tanto o havia caracterizado nos trabalhos das fronteiras de Moçambique e de Angola.

Num serviço exaustivo de reconhecimento, percorrendo as principais roças da ilha, serviu-se dos mais variados meios de transporte. Para se deslocar rapidamente do norte para o sul da ilha e vice-versa, utilizou um barco da cabotagem; para percorrer os caminhos do interior, pelo

menos até à meia encosta, serviu-se do cavalo e para trepar ao alto dos montes e descer ao fundo dos vales, de tudo isto há muito em S. Tomé e a tudo é necessário recorrer no duro trabalho do reconhecimento, serviu-se da sua robustez física, andando a pé. Contactou com a gente das roças, dela recebendo indicações preciosas para a escolha dos caminhos, principalmente quando pretendeu escalar os montes mais altos e de mais difícil acesso.

Com uma actividade verdadeiramente excepcional, foi visitando todas as roças e foi salpicando de marcos toda a área da ilha.

Escolheu os locais para a implantação de duas bases geodésicas, uma ao norte e outra ao sul, trepou ao alto dos mais altos montes e dedicou um especial cuidado ao estudo da escalada ao Pico de S. Tomé, com os seus 2024 metros acima do nível do mar e ali deixou um marco principal e um outro secundário para garantia da visão em todo o horizonte.

Com uma visita ao morro de S. Francisco e outra ao Ilheu das Cabras, terminou o circuito da ilha e, com ele, as operações de reconhecimento.

Com uma ideia geral da topografia da ilha, recolhida neste reconhecimento que acabara de fazer, implantou na Roça Perseverança a sua Base Sul com os seus 3213 metros de comprimento e em seguida, na Roça Nazaré, a sua Base Norte com os seus 2318 metros.

Findava o mês de Dezembro e as chuvas aconselharam a interrupção dos trabalhos de campo.

No ano seguinte, sempre com a mesma febre de andar depressa, Gago Coutinho saltou de pico para pico, calcurriando montes e vales, para ocupar os 29 vértices principais e os 27 marcos secundários das suas triangulações. Fez milhares de pontarias, fixou muitas direcções e com elas fechou 75 triângulos principais e muitos mais secundários. Mediu duas bases com um equipamento de fios de invar, devidamente comparados entre si, deduzindo para cada um deles uma nova equação em função das equações de todos os outros.

Medidas nos dois sentidos e aplicadas as correcções habituais, devidas à temperatura, à inclinação, etc., para as duas bases resultaram os seguintes valores definitivos:

$$\text{Base Sul} = 3.213^m,323.536 \pm 0^{\text{mm}}.56$$

$$\text{Base Norte} = 2.318^m,039.458 \pm 1^{\text{mm}}.10$$

Na triangulação principal, as observações de ângulos foram feitas com os grandes teodolitos Salmoiraghi, com um óculo de 65 cm de dis-

tância focal e 70 mm de abertura. O círculo horizontal com 27 cm de diâmetro, dividido a 4', sobre platina, dava 2" em leitura directa nos seus dois micrómetros opostos e o círculo vertical, com 15 cm de diâmetro, era dividido sobre platina e garantia, com os seus dois micrómetros opostos, uma leitura directa de 4". Ambos os círculos permitiam reiteração por atrito doce.

Com os maiores cuidados, Gago Coutinho mediu a sua triangulação principal pelo processo da reiteração, sempre com o teodolito centrado sobre o marco, com oito giros duplos e as origens distribuídas por todo o círculo horizontal, sobre marcos de alvenaria com 60 cm × 40 cm × 40 cm, reforçados com um tubo de ferro galvanizado, dentro do qual se enfiava um outro tubo de ferro com um alvo formado por duas folhas de zinco cruzadas.

Com o poder dos seus instrumentos, com a facilidade da observação sobre os sinais empregados e sobretudo com os cuidados tidos durante as observações, Gago Coutinho conseguiu, nas observações das suas figuras, valores que podem colocar-se ao lado dos melhores resultados obtidos nas triangulações africanas, apesar de ter encontrado linhas de grande inclinação.

Na sua triangulação principal Gago Coutinho fechou 76 triângulos, podendo agrupar-se assim os resultados:

Fechos inferiores a 1"	36
Fechos entre 1" e 2"	25
Fechos entre 2" e 3"	14
Fechos superiores a 3"	1

O único triângulo, que tem um fecho superior a 3" (exactamente 4".20), tem um lado que foi observado, nos dois sentidos, evidentemente, sobre uma inclinação de 15° 24'.

Um outro índice de precisão das observações pode avaliar-se, verificando haver:

Triângulos com fecho positivo	35
Triângulos com fecho negativo	41

Toda a rede de S. Tomé foi compensada, mas não num só bloco, como seria natural para uma ilha tão pequena. A topografia local, porém, obrigou Gago Coutinho a estabelecer figuras pequenas, à custa

de um grande número de vértices e, como consequência disso, a compensação em bloco exigiria um trabalho de cálculo muito para além do razoável. Com efeito, com os 29 vértices da triangulação principal Gago Coutinho definiu 82 lados e, com eles, para a compensação em bloco seria necessário estabelecer 54 equações de condição de ângulo e 28 equações de condição de lado, formando um sistema de 82 equações de condição a 169 incógnitas.

Hoje considera-se como corrente a resolução de um tal sistema de equações, mas não podemos esquecer que no tempo de Gago Coutinho estava-se muito longe das calculadoras electrónicas de hoje. Para fugir ao enorme trabalho de cálculo que daria uma compensação em bloco, para uma organização que não dispunha sequer de um modesto gabinete de cálculos, a compensação foi feita por grupos de figuras, resultando muito mais pequenos os sistemas de equações que foi necessário resolver.

Juntamente com a observação dos ângulos horizontais, Gago Coutinho observou os ângulos verticais para o cálculo das cotas. Estabeleceu circuitos fechados e assim foi-lhe possível determinar os valores definitivos para as altitudes dos principais pontos da ilha.

Para que o trabalho geodésico de S. Tomé se pudesse considerar como terminado, faltava apenas enfrentar e resolver o problema da astronomia.

Durante as operações no campo, tanto durante o reconhecimento como depois, durante as observações, Gago Coutinho tinha-se apercebido da existência de grandes irregularidades da vertical e então, quando terminou a observação da sua triangulação, decidiu fazer um grande número de observações astronómicas para tentar determinar os efeitos de tais irregularidades sobre os valores das coordenadas da ilha. Nas latitudes empregou o seu tão conhecido método da observação de pares de estrelas na sua passagem meridiana, uma ao norte e outra ao sul do zénite. Com cerca de 25 pares de estrelas obteve valores para as latitudes com erros prováveis de $\pm 0''.20$. Em estações distribuídas em torno da ilha, para poder investigar a componente N-S do desvio da vertical, fez sete estações, judiciosamente distribuídas, para as quais obteve erros prováveis da ordem de $\pm 0''.15$.

Nos azimutes, por se estar muito próximo do equador, houve que recorrer à observação de estrelas equatoriais de declinação inferior a 3° e com alturas de cerca de 15° . Nestas condições o seu movimento em azimute é muito pequeno.

Para orientar as suas triangulações, Gago Coutinho observou o azimute de dois lados da triangulação principal, com erros prováveis de $\pm 0''.27$ e $\pm 0''.39$.

Para resolver o problema das longitudes, dadas as dificuldades que encontrou para receber em S. Tomé a hora do observatório de Cape Town ou de Lourenço Marques, por causa da guerra europeia que continuava ainda acesa, Gago Coutinho, com o seu espírito essencialmente prático e com aquela extraordinária faculdade de adaptação que tanto o caracterizou toda a vida, levou a sua latitude observada no seu marco da Capitania até um marco situado em frente da estação do Cabo Submarino, onde em 1889 o Commander Pullen, R. N, da marinha inglesa tinha observado os valores da latitude e da longitude:

$$\varphi = 0^{\circ} 20' 38'' \text{ N}$$

$$L = 6^{\circ} 46' 05''.355 \text{ E}$$

Ao verificar a concordância que resultou para as latitudes:

$$\text{Com. Pullen } \varphi = 0^{\circ} 20' 38'' \text{ N}$$

$$\text{Gago Cout. } \varphi = 0^{\circ} 20' 38''.64 \text{ N}$$

aceitou cheio de confiança uma concordância semelhante para as longitudes. A longitude do Com. Pullen foi transportada para o marco da Capitania, ficando assim a representar a origem das longitudes para toda a Ilha de S. Tomé:

$$L = 6^{\circ} 44' 41''.746 \text{ E}$$

Todos os elementos, de comprimento, de latitude, de longitude e de azimute, foram transportados para o «Pico», vértice escolhido para origem das coordenadas de toda a ilha.

Feitos todos os cálculos e apurados todos os resultados definitivos, Gago Coutinho, não se sentindo, nem com idade nem com a saúde necessária para continuar a sua vida de geógrafo errante, em 9 de Dezembro de 1918, deixou o seu cargo de chefe da Missão e isolou-se no silêncio do seu gabinete para dar uma arrumação definitiva a toda a sua documentação e, em 30 de Junho de 1919, depois de ter completado 50 anos e de

ter entregado o seu relatório final, onde resumiu o que foi a sua vida durante a sua permanência em S. Tomé e onde condensou os resultados definitivos dos seus laboriosos cálculos, sentiu que tinha chegado o fim da sua activa vida de trabalhos de campo.

Durante anos e anos foi um labutar constante a sua vida de geógrafo. Na exuberância dos seus 30 anos, percorreu toda a fronteira de Timor para fixar os limites da influência portuguesa e escalou confiante os mais altos picos da cordilheira timorense, ao serviço da Geografia; percorreu as zonas encharcadas e pantanosas do vale do Chire e do curso do Zambeze, em plena época das chuvas, para acordar com os vizinhos o traçado das fronteiras; percorreu o Zaire com a imponência dos seus redemoinhos e a força das suas correntes e o Zambeze com a imensidão do seu curso e a grandiosidade das suas gargantas, para se aperceber bem da resistência que a Natureza opõe ao domínio do homem; subiu aos montes e percorreu os vales desse imenso distrito de Tete para fixar os limites da soberania de Portugal; «navegou» nesse verdadeiro mar de verdura que é o sul da Província de Moçambique, cantando hossanas à técnica portuguesa na conquista da Terra; calcurriou as imensas planuras desse imenso sul de Angola para ir desvendar as lendas do estranho Reino do Baroce; olhou o céu com a insistência de um namorado e no céu conversou com as estrelas em confidências de apaixonado, cheias de respeitosa ternura, para tentar compreender os mistérios que a Natureza punha permanentemente à sua consideração esclarecida; e por fim, em S. Tomé, ergueu um verdadeiro padrão para glória e exaltação da cultura portuguesa no campo da investigação científica e no domínio da Geografia.

Mas este homem, que dominou a Natureza e que conquistou os outros homens, não conseguiu modificar as leis da vida nem alterar o ritmo monótono do dobar do tempo. Os anos passaram e aos 50 anos sentiu-se cansado pelo esforço que tão generosamente ofereceu à Pátria. Olhou para traz, recordou o longo caminho andado e fez como que um exame de consciência. Sente-se tranquilo, porque sabe que cumpriu a sua função na vida e sente-se agradecido, porque a Pátria o reconheceu como seu filho dilecto.

Gago Coutinho abandonou a vida dura dos trabalhos em África, para entrar num período de repouso que bem merecia. Quis retemperar os nervos e recuperar as forças. Mas na via pacata dos gabinetes a que tentou entregar-se, recordando, talvez com saudades, os seus trabalhos passados, muitas vezes deve ter concluído que não poderia, nunca mais,

libertar a sua alma heróica do «pecado» da Geografia. E durante o resto da sua vida continuou a ser geógrafo. Ao lado do seu grande amigo e fiel companheiro das campanhas da Geografia, o Comandante Sacadura Cabral, estudou, preparou e executou a triunfal viagem em que foi descoberto o caminho aéreo para o Brasil. Durante os preparativos, as experiências, as tentativas e o ajustamento dos meios de acção que antecederam a memorável largada do Tejo, Gago Coutinho, olhando confiante a Cruz de Cristo que ornava as asas do seu «Lusitânia», pediu sempre à sua alma de geógrafo a resolução dos problemas que a um e um foi necessário resolver.

Na Comissão de Cartografia, a cujos destinos presidiu durante muitos anos, ao lado de outro grande companheiro das campanhas da Geografia, o Comandante Vieira da Rocha, desenvolveu uma acção verdadeiramente notável, onde criou um ambiente de apaixonada admiração, à roda dos seus discípulos, Jorge de Castilho, João Capelo, Camilo Semedo, Baeta Neves e tantos outros; foi sempre a sua alma de geógrafo que iluminou a centelha do seu exemplo; nas suas viagens ao Brasil, a Itália e a França, em busca de documentos que o esclarecessem sobre as viagens dos navegadores portugueses do tempo das Descobertas; na sua última travessia do Atlântico, à vela, a bordo da «Foz do Douro»; nos seus escritos, nas suas palestras e até nas suas relações pessoais, Gago Coutinho foi sempre, e mais do que nada, o geógrafo ilustre que o mundo se habituou a olhar com respeito.

E quando a morte, implacável nos seus desígnios, fez parar para sempre o seu coração, foi ainda a sua alma de geógrafo que pairou no ambiente triste e saudoso da sua última viagem para uma sepultura simples, à sombra dos ciprestes.

Curvemo-nos respeitosamente sobre a sua memória e choremos o grande paladino da Geografia.

UMA IGREJA DE LINHAS MODERNAS COM PROFUNDOS ALICERCES NA HISTÓRIA

— UM LUGAR — DUAS HOSTES E UMA ERMIDA —

por MARIAC DIMBLA

Segundo alguns historiadores portugueses, a Igreja de S. Jorge de Arroios teria sido erigida em 1148 pelo Bispo de Lisboa, então reconquistada; mas na opinião de outros, os princípios deste templo perdem-se na bruma dos tempos, e a capela só se tornou conhecida como a capela de S. Jorge de Arroios em 1168. Foi neste lugar, disseram, que depois se construiu a igreja que o terramoto de 1755 arrasou completamente.

Há documentos antigos, onde se lê que a paróquia de Arroios foi uma das primeiras, mas que andou transferida por igrejas e capelas até ao último quartel do século XVIII. Nessa época foi adquirido um terreno no Largo de Arroios para se construir uma igreja paroquial, só inaugurada em 1829.

Era então uma igrejinha muito simples, apenas com uma nave que foi restaurada em 1895. Esteve muito tempo fechada, não se celebrando nela nenhum culto, o que se fazia então na igreja do convento, que veio a ser mais tarde o hospital de Arroios.

Em 1937 fizeram obras na Igreja de Arroios e três anos depois era dotada com um guarda-vento, junto do qual se achava o antigo cruzeiro de Arroios. Este cruzeiro é um monumento nacional e valioso. Está talhado em pedra lioz, tem numa face o Cristo crucificado e na outra S. Vicente.

Em 1969 a igreja não satisfazia e a urbanização da cidade fê-la demolir por não comportar um mínimo necessário ao apostolado moderno; e foi então que principiou um movimento de pessoas de boa vontade

para a sua reconstrução. Os paroquianos de Arroios queriam ter a sua igreja e conseguiram-no. A primeira pedra foi colocada no dia 8 de Dezembro de 1970 pelo Patriarca, que nessa época era o Cardeal Cerejeira.

No decorrer do tempo os trabalhos prosseguiram com fé e força de vontade e assim se construiu um bonito templo de linhas modernas, funcional e com capacidade para dois mil fiéis.

É uma bela realização em todo o sentido desta palavra. De frente vê-se uma ampla escadaria e no átrio, à direita, está colocado o famoso e histórico cruzeiro de pedra branca e dura, onde lavraram a imagem de S. Vicente com a nau e os dois corvos (as armas de Lisboa) e o Cristo crucificado.

É um cruzeiro evocativo e um padrão histórico que lembra neste lugar um acontecimento que se deu em 1323: foi aqui que as hostes de D. Dinis se reuniram para bater o filho rebelde. Este recontro, que se chamaria na História de Portugal a «Batalha de Alvalade», foi evitado pela Rainha Santa Isabel, que fez a paz entre o rei e o príncipe.





ANTÓNIO
ALUÍZIO
JÉRVIS
PEREIRA

O nome em epígrafe distinguiu uma personalidade ilustre não só pela sua actividade profissional — onde teve como vai ler-se uma biografia notável — mas no associativismo. Jérvys Pereira, nosso consócio, faleceu em 29 de Janeiro de 1964, na sede da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, um tanto inesperadamente, na própria instituição a que dedicara quase meio século de uma vida intensa e profícua, com assinalados serviços. Na altura em que passou, a imprensa referiu-se amplamente à sua personalidade, em que brilhavam, para além do trato fino, uma conversa atraente, inteligência viva e interesse universal. É revelante a sua ficha profissional na Carris:

Admitido, na Contabilidade, como escriturário, em 1915, foi sucessivamente: guarda-livros; eleito secretário da assembleia geral da Carris; nomeado presidente da comissão administrativa da Caixa de Previdência do Pessoal e representante da Companhia na mesma; nomeado presidente efectivo da Caixa de Abono de Família; nomeado representante da Carris no conselho fiscal da Hidro-Eléctrica do Zêzere; contabilista chefe e presidente efectivo do conselho geral da Caixa de Previdência; presidente do

Grupo Desportivo da Carris; em Janeiro de 1953, chefe dos Serviços Administrativos e adjunto do gerente-comercial; em Novembro de 1956, gerente comercial adjunto; e, finalmente, em Junho de 1960, director dos Serviços Comerciais.

Ainda ali foi elemento muito activo do Grupo Desportivo, fervoroso impulsionador da Banda e colaborador do boletim *Lisboa Carris*. Na altura do falecimento, era vice-presidente da Direcção do Ginásio Clube Português.

Fora filho do Dr. António Aluísio Jérvys Pereira, médico goês, cuja acção se notabilizou em Lourenço Marques, e de D. Ema de Albuquerque Jérvys Pereira, natural do Funchal.

Sua Esposa, Sr.^a D. Gabriela Jérvys Pereira, residente na Rua do Salitre, 173, 3.^o, em Lisboa, onde o nosso Consócio juntou muitos objectos e espécies bibliográficas de coleccionador culto, ofereceu generosamente ao Grupo dos Amigos de Lisboa, na Páscoa de 1973, os seguintes livros e álbuns:

O TRAJO POPULAR EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVI, XVII, XVIII e XIX, por Alberto de Souza (400 gravuras reproduzidas directamente, segundo documentos da época).

LISBOA — Portugal Pitoresco e Ilustrado — Compilação e estudo por Alfredo Mesquita. 400 gravuras — Lisboa 1903.

RUAS DE LISBOA, por J. J. Gomes de Brito (Notas para a história das vias públicas lisboenses, prefaciadas e revistas por António Baião — Livraria Sá da Costa — Lisboa 1935. 3 volumes chochados.

LISBOA — A CIDADE — Portugal. A arte; os monumentos; a paisagem; os costumes; as curiosidades. Portucalense Editora — Barcelos.

LISBOA — JERÓNIMOS E TORRE DE BELÉM — Idem, idem.

LISBOA — S. ROQUE E O SEU MUSEU — Idem, idem.

LISBOA — MADRE DE DEUS — Idem, idem.

LISBOA — MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA — Idem, idem.

COSTA DO SOL — Estoril — Idem, idem.

COSTA DO SOL — Baía de Cascais — Idem, idem.

PORTO — A CIDADE — Idem, idem.

PORTO — MONUMENTOS RELIGIOSOS — Idem, idem.

STUART — Desenhos — Prefácio de Leitão de Barros e capa de Paulo Guimarães — Organização, selecção e arranjo gráfico de Nelson de Barros — Lisboa.

- A OUIVIESARIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA E OS METAIS E AS PEDRAS PRECIOSAS, por Pedro Fazenda — Lisboa 1927.
- LISBOA CARRIS, n.ºs 1 a 75, em quatro volumes encadernados em pele de cor natural (anos 1947-1962).
- LISBOA CARRIS, n.ºs 1 a 27 (1947-1954) — Série completa dos artigos «Recordando...», por António Jérvys Pereira, nos n.ºs 11 a 26 — Volume encadernado a azul-escuro.
- LISBOA CARRIS, n.ºs 33 a 47 — Novembro 1955 a Abril 1958, com a série completa das minhas «Notas de viagem», por António Jérvys Pereira — Volume encadernado a azul.
- A PATRIARCAL QUEIMADA, Uma síntese da sua história, por Mário Costa — Separata dos n.ºs 80 e 81 da *Revista Municipal*. Gravura na capa representando a Praça do Príncipe Real em 1873 — Lisboa 1959.
- LISBOA ANTIGA — Versão portuguesa, francesa e inglesa — Realização artística e texto de Mascarenhas Barreto e Carlos Branco com assistência técnica de Emílio Martins, colaboração fotográfica especial de Francisco Borges de Souza — Edição dos autores — Lisboa.
- ARREDORES DE LISBOA — Colecção «Estradas de Portugal» — Livraria Lello. Porto — n.º 1.
- ESTRADAS DO MINHO — N.º 2, da colecção acima.
- ESTRADAS LISBOA AO PORTO — N.º 3, idem, idem.
- BEIRA MERIDIONAL — N.º 4, idem, idem.
- BEIRA SETENTRIONAL — N.º 5, idem, idem.
- ALTO ALENTEJO — N.º 6, idem, idem.
- ESTRADAS DO RIBATEJO — N.º 7, idem, idem.
- ESTRADAS DO BAIXO ALENTEJO E ALGARVE — N.º 8, idem, idem.
- ESTRADAS DO DOURO E TRÁS-OS-MONTES — N.º 9, idem, idem.
- SALAZAR — Discursos, notas, relatórios, teses, artigos e entrevistas, 1909-1953 — Antologia — Editorial Vanguarda, 1954.
- SALAZAR — Número especial do «Diário do Norte» no 70.º aniversário natalício do Professor Doutor Oliveira Salazar, 2.ª edição — 28-4-1889/28-4-1959.
- BRASIL PORTUGAL 1960 — Edição do «Diário de Lisboa».
- HISTÓRIA DE GIL BRÁS DE SANTILHANA — Por Lesage. Typ. «A Editora». Lisboa — Volume encadernado.
- TUDO ISTO É FADO — Álbum contendo inúmeros artigos, fotografias, recordações, numa compilação de António Aluísio Jérvys Pereira.
- AMÁLIA — Álbum dedicado à artista Amália Rodrigues, contendo fotografias, revistas, artigos, cartões, menús, etc., compilado por Jérvys Pereira.

OS MEIOS DE INFORMAÇÃO E O GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

ENTREVISTAS COM O DOUTOR EDUARDO NEVES

A Imprensa, a Rádio e a RTP têm sido sempre credoras da gratidão do nosso Grupo, proporcionando às suas actividades, iniciativas, realizações e propaganda a melhor hospitalidade. Hoje, porém, deseja-se citar a simpática atitude do brilhante e conceituado jornal *A Época*, de Lisboa, que nos dois últimos anos entrevistou, por duas vezes, o nosso estimado Director Doutor Eduardo Neves, respectivamente em 24 de Outubro de 1971 e 1 de Agosto de 1972.

Ao Director do jornal e aos seus colaboradores, o Grupo «Amigos de Lisboa» apresenta cumprimentos.

O EX-LÍBRIS DO NOSSO GRUPO

A revista *Ex-Líbris — Portugal* no seu número de Maio-Agosto de 1973 — publicação brilhante dirigida por Mário Lourinho Rodrigues Vinhas — dedicou ao nosso Grupo a seguinte notícia, com base no ex-líbris:

«Constituído, oficialmente, em 22 de Julho de 1936, foram seus organizadores Alberto Mac-Bride, Álvaro Maia, Augusto Vieira da Silva, Eduardo Neves, Eugénio Mac-Bride, Gustavo Matos Sequeira, João Pinto de Carvalho (Tinop), José M. S. Pereira Coelho, Leitão de Barros, Levy Marques da Costa, Luís Pastor de Macedo, Mário de Sampaio Ribeiro, Norberto de Araújo e Rocha Martins.

Os objectivos das suas actividades são, entre outros, contribuir para a expansão de Lisboa, defendendo o seu património monu-

mental, artístico e urbanístico, colaborando com os organismos oficiais no sentido de se adoptarem as soluções que melhor satisfaçam e engrandçam a sua beleza; estudar e emitir parecer sobre planos ou projectos de novas construções, conservação e restauro das antigas, sempre que para tal sejam solicitados.

Edita o Boletim Olisipo, de que foi primeiro director o categorizado olisiponense Gustavo de Matos Sequeira. Actualmente essas funções são desempenhadas e coordenadas pelo actual Vice-Presidente da Junta Directiva, Dr. Paulo Caratão Soromenho, com a colaboração dos restantes membros da Junta.

As actividades do Grupo dispersam-se ainda em conferências, colóquios e exposições de variados temas, sobretudo, e de uma maneira geral, relacionados com a etnografia, história, literatura e iconografia da cidade de Lisboa.

O presente ex-líbris, que inserimos por amável deferência da Junta Directiva, foi da autoria do sócio José de Almada Negreiros, que, na vida cultural e artística do nosso País deixou marca inconfundível.»

A RTP VISITOU OS «AMIGOS DE LISBOA»

Em Novembro de 1971, a equipa brilhante de Ruy Ferrão visitou o nosso Grupo, a fim de fazer sobre ele uma reportagem para o programa «Sabe o que é...?». Desta vez pretendia-se responder à pergunta sobre as actividades e as intenções do Grupo «Amigos de Lisboa». O programa foi apresentado ao público português dias depois, em 13 do mesmo mês, constituído pelas entrevistas dos dirigentes Senhores Doutor Eduardo Neves, Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho, Dr. Couto Santos, Inocêncio Castelhana e Dr. Paulo Caratão Soromenho; e ilustrado por imagens das instalações sociais e de algumas raridades bibliográficas e documentos preciosos do museu do Grupo. Apenas aconteceu que a retransmissão, através do segundo canal da RTP, coincidiu dia e hora na apresentação do programa de um festival da Canção, atraente do interesse geral.

O Doutor Eduardo Neves historiou a fundação e a existência do Grupo, imaginada e concretizada por um grupo de lisboetas cultos e entusiastas, cujos primeiros encontros se realizaram na sede da Sociedade de Propaganda de Portugal, no Largo de Garrett. Instalou-se no Chiado e, a partir de 1953, no 1.º andar do n.º 9 do Largo de Trindade Coelho.

Foram esses homens bons e bem-intencionados João Pinto de Carvalho, Eng.º Augusto Vieira da Silva, Drs. Levy Marques da Costa, Álvaro Maia, Alberto Mae-Bride, Eugénio Mae-Bride e Eduardo Neves e Rocha Martins, Norberto Lopes, Gustavo de Matos Sequeira, Luís Pastor de Macedo, Mário de Sampaio Ribeiro, Leitão de Barros e coronel Pereira Coelho. Em pouco tempo alcançaram-se os 1500 sócios e o número subiu com o decorrer dos tempos; agora, porém, são apenas cerca de mil. Em trinta e cinco anos muito se tem feito, numa contínua actividade por muitos ignorada e por inúmeros esquecida, que se pode considerar profunda e extensa em muitos campos da cultura e da vida material, com visitas e passeios de estudo, exposições e conferências. O Grupo tem merecido às entidades oficiais, nomeadamente à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, um animador apoio moral, e no caso da Câmara alguns subsídios, pois a quotização mal assegura a subsistência deste prestimoso organismo.

Possui um núcleo pouco abundante mas valioso de peças museográficas — gravuras, quadros, trabalhos em relevo, medalhas e manuscritos, e ainda uma biblioteca que será a mais rica relativa a assuntos lisiponenses. A Ex.^{ma} Câmara concedeu ao Grupo a Medalha de Ouro da Cidade, e as Casas Regionais, com sede na capital, organizaram uma manifestação pública de homenagem, que constituiu um dos momentos altos da existência da instituição.

O Sr. Ruy Ferrão dirigindo-se então ao Dr. Couto Santos, relator da Comissão de Contas, perguntou-lhe a que atribuíra o desinteresse da gente nova pelas actividades dos Amigos de Lisboa.

O Dr. Couto Santos disse atribuir esse desinteresse ao alheamento da maioria, principalmente por actividades que julgam ultrapassadas; mas que, apesar disso, ainda assim têm entrado alguns sócios jovens, embora poucos.

Acresce que alguns jovens têm pais ou parentes que são sócios e, quando há visitas culturais ou passeios que lhes interessam, então acompanham-nos, sem necessidade de serem sócios.

O Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho disse que o futuro do Grupo «Amigos de Lisboa» pode ser apreciado sob dois pólos, o futuro próximo e o futuro afastado. O primeiro não é brilhante. Constituído há algumas décadas, o número de associados tem vindo a diminuir em cada ano. A entrada de novos sócios vai sendo inferior ao número daqueles que vão desaparecendo. E por de mais, o desaparecimento de grande número dos que eram a dinâmica da sua actuação fez baixar o rendimento

do Grupo. Não é necessário citar os nomes deles, são nossos conhecidos. Lisboa inteira lhes deve serviços, dedicações e amor. Os que ainda restam — apesar da idade — vão alimentando o fogo sagrado que a pouco e pouco se irá extinguindo, por força da lei da vida.

O futuro afastado considera-o capaz de ser novamente brilhante. Para isso, teremos de conquistar a colaboração de jovens elementos, chamá-los à nossa convivência, ao nosso entusiasmo. Sem abandonar a essência cultural do Grupo em relação à história de Lisboa, devemos procurar interessá-los. O aumento de publicidade que se vive em todo o mundo não o podemos ignorar. O mais reduzido trabalho espiritual não interessa às massas, se para ele não for chamada a sua atenção. O que é o Grupo, o que ele quer, o que deseja e o que ele ama não pode ficar só dentro das nossas paredes. As reuniões do Grupo, as visitas aqui ou ali não devem ser ignoradas nem desacompanhadas de elementos jovens, mesmo que eles não sejam de momento nossos associados. Convidados a tomar parte em todas as nossas manifestações, novos elementos farão equipa connosco. Não podemos sob pena de desaparecimento ser ignorados. O nosso boletim deverá ser enviado às faculdades, aos liceus e às escolas técnicas. Deveremos ir lá, dizer o que somos e o que queremos, entregar-lhes a continuação do Grupo.

Viver fechado é caminhar para o desaparecimento. Essa atitude, não a merecem aqueles que aqui trabalharam antes pelo engradecimento do Grupo. A imprensa, a rádio, a televisão serão nossas participantes se formos da nossa época. Se elas não vierem até nós à nossa solitação, vamos até elas, mesmo por dever para com esses grandes meios de comunicação. Grande responsabilidade nos ficariam perante o futuro, se deixássemos morrer o Grupo Amigos de Lisboa. «Essa, por mim, não a desejo ter com o meu silêncio, em face do momento actual.»

Ao Senhor Inocêncio Castelhana foi perguntado:

— Consta estar o Grupo atravessando um período de fraca actividade. Pode o Sr. Tesoureiro informar-nos das causas que expliquem tal situação?

— A actual direcção do Grupo não tem deixado de empenhar-se em manter, quanto possível, o ritmo de sempre, promovendo conferências, exposições variadas, passeios, visitas de estudo, etc., independentemente da publicação do seu boletim Olisipo que esteve sempre aberto à colaboração de todos os seus associados. Os sócios é que nem sempre se

mostraram dispostos a colaborar, o que em muita ocasiões tem dado lugar a demoras na sua publicação e até a atrasos.

— Dispõe o Grupo de meios financeiros que lhe permitam encarar o futuro com confiança?

— Sem ser famosa, a situação financeira encontra-se equilibrada, embora com carências de vária ordem.

Reconhecem os Corpos Directivos, desde há muito, tornar-se indispensável instalar os seus serviços numa casa mais ampla, isto é, mais apropriada ao género de actividades que praticamos, pois a que temos não lhes permite dispor duma sala de convívio e outra de leitura, tão necessárias aos fins que nos propomos. Temos feito várias diligências junto da Câmara Municipal de Lisboa para conseguir uma das muitas casas que tem disponíveis, sujeita, naturalmente, ao pagamento de renda, mas onde pudéssemos, também, instalar a nossa biblioteca, que se encontra, infelizmente, muito mal instalada e de difícil consulta. Temos, em todo o caso, esperança de que o assunto mereça a solução que a todos convém.

Ao Sr. Dr. Paulo Caratão Soromenho, professor do Ensino Técnico e Vogal da Junta Directiva, ocorreu fazer a seguinte pergunta:

— O Grupo tem na realidade conseguido cumprir as directrizes que nortearam a sua criação?

— Tanto quanto sei da história do Grupo, eu creio que o Grupo tem cumprido a sua missão inicial, que é a de trazer Lisboa ao conhecimento dos Lisboetas, e isso tem-no conseguido, porque não há dúvida nenhuma de que quer a generalidade do País quer os Lisboetas em particular tiveram oportunidade de conhecer muito da história de Lisboa, das suas tradições, das suas riquezas artísticas, tradicionais, históricas e etnográficas. Nestes trinta e tantos anos tem por vezes posto nesse cumprimento da missão desejada uma grande elevação, pois têm vindo aqui não só aqueles sócios que estão especializados nas diferentes matérias e portanto podem falar delas com inteira segurança, mas também pessoas que ocasionalmente prestam a sua colaboração e conseguem contar alguma coisa de interesse para a história da cidade. De resto o Grupo não se limita a ter uma função «caseira», não está metido dentro

destas paredes; sai frequentemente e às vezes até para fora de Lisboa.

Acontece que frequentemente, aqui dentro da nossa cidade, tem tido a oportunidade de chamar a atenção para monumentos que estão esquecidos, e até para locais que merecem ser estudados e passam despercebidos à generalidade. Eis mais um campo em que o Grupo «Amigos de Lisboa» cumpre a primitiva missão com proveito para todos: para Lisboa, para o País e para a História Nacional, visto que a história da capital é, de facto, em grande parte a História Portuguesa. A expressão «Lisboa é Portugal» tem sido aplicada com uma variedade enorme de intenções, e intenções políticas por vezes, mas corresponde em grande parte a uma realidade, como sabemos. O nosso País, desde que Lisboa surgiu, tem vivido sempre em volta dela. De modo que o Grupo, chamando a atenção de todos para a sua história, apontando tudo aquilo que Lisboa pode proporcionar de belo, aliciante, emocionante, tem realizado uma obra notável, que, felizmente, está em grande parte fixada, gravada, arquivada no nosso boletim — *Olisipo* — que constitui já um tesouro notável, imprescindível para quem quiser conhecer a nossa bela cidade. A colaboração nesse boletim é normalmente muito prestimosa, feita geralmente por especialistas, de modo que quem sobre ele se debruçar encontrará ali farto campo para colheita útil. Há algum tempo, um dos elementos mais notáveis do Grupo, o Eng.º Júlio Eduardo dos Santos, fez o índice do Boletim. É uma notável obra de valor histórico, bibliográfico e informativo, perfeitamente de acordo com o alto nível intelectual de quem o elaborou, e quem queira consultar a nossa publicação terá antes de mais de consultá-lo.

Penso que quando o Grupo se interesse igualmente por assuntos de carácter económico relativos à cidade ou de carácter social — porque o tem feito também — ainda está a cumprir a sua missão — a de dignificar Lisboa.

Disse alguma coisa do muito que se poderia dizer — e note-se que a história do Grupo «Amigos de Lisboa» ainda não foi feita. Mas no dia em que se escrever isto que eu estou aqui a dizer agora tão imperfeitamente, ver-se-á que a sua obra merece o respeito, a consideração, o louvor de todos os Lisboetas ou, melhor, de todos os Portugueses.

Nota da Redacção — Só agora foi possível fazer as reconstituições das respostas às entrevistas de Ruy Ferrão, a quem o Grupo agradece efusivamente, mais uma vez



FICHEIRO

71. *Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria*

Em 1853, um grupo de caixeiros, pensando na sua situação perante o desemprego, a doença e a velhice, bem como na situação dos familiares a seu cargo, resolveu fundar uma associação. A sua primeira reunião efectuou-se em 13 de Novembro desse ano na Rua dos Mouros n.º 1, sede do Centro Promotor de Melhoramentos das Classes Laboriosas e à qual presidiu João Manuel Gonçalves. Assim se fundou a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria.

Eleitos os primeiros corpos gerentes em 5 de Novembro de 1854, reuniu a direcção a 10 do mesmo mês e ano, no n.º 4 da Rua do Almargem, onde funcionava o Montepio Humanidade. Em 1 de Janeiro de 1856, a Associação instalou-se na Rua de S. Sebastião n.º 1, donde passou para o 1.º andar do n.º 43-B da Rua dos Douradores. Em 17 de Outubro de 1900 mudou-se para o 2.º andar do n.º 11 da Rua dos Arameiros. Em Março

de 1905 fixou-se no n.º 56-3.º da actual Rua do Comércio — mas vinha já de longe a ideia da sede própria e em 1916, comprado um terreno na Rua da Palma, encarregaram o architecto Manuel Joaquim Norte Júnior do estudo do respectivo projecto. Em 7 de Dezembro de 1919 foi inaugurada a imponente sede, em sessão solene presidida pelo Presidente do Ministério. É curioso que o autor desta obra e da sede da benemérita Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário deixou em ambas traços de flagrante semelhança.

Em 4 de Outubro de 1858 abriram aulas para o enriquecimento do cabedal dos conhecimentos dos seus associados. Em Abril de 1862, a convite do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, a Associação nomeou os delegados que a representaram na comissão encarregada de fundar o Albergue dos Inválidos do Trabalho. Em 30 de Maio de 1877 o Dr. Teófilo Braga profere na sede uma notável conferência sobre Michelet. Em 8 de Dezembro de 1909 inaugura-se o dispensário clínico; em 29 de Maio de 1924 são inauguradas as salas das sessões e da biblioteca. Em 20 de Abril de 1944 são inaugurados os serviços de radiologia e fisioterapia, instalados em anexo para tal construído, e em 11 de Outubro desse ano foi criada a clínica de coração e pulmões. Estas, algumas das muitas efemérides que documentam a dedicada e persistente

acção dos seus dirigentes, sendo justo assinalar-se que a evolução é permanente.

72. Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Cruz de Malta

Filiando a sua acção assistencial na tradição da milenária Ordem de Malta, fundou-se em Lisboa, em 26 de Setembro de 1918 a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Cruz de Malta, iniciativa devida ao comandante César Félix Loureiro Franco.

No decurso da sua benemérita existência, a Cruz de Malta montou em Lisboa diversos postos clínicos e sanitários de acção social, um corpo de bombeiros voluntários do serviço de saúde, um centro de assistência social, um dispensário medicamentoso, uma escola elementar de socorrismo e uma secção auxiliar feminina, entre outras utilíssimas iniciativas.

Estendeu ao Porto, Faro, Matosinhos, Ponta Delgada, Bolama, Lourenço Mar-

ques e Porto Amélia, em delegações distritais e provinciais, o espírito e a obra de solidariedade que presidiu à sua fundação. A Acção Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Cruz de Malta de Luanda é a expressão actual mais significativa da prospecção nacional de tão benemérita instituição.

73. Palmeiras Lisboa Clube

Um grupo de rapazes amigos, praticantes de futebol e que já haviam ganho algumas taças a vários clubes amadores, fundou em 1 de Fevereiro de 1957 o Palmeiras Lisboa Clube.

Instalados primeiramente no n.º 43, r/c da Rua das Palmeiras, passaram para o n.º 6 da Travessa de S. Sebastião fixando a sua sede, em Dezembro de 1967, no 1.º andar do n.º 19 da Rua Eduardo Coelho.

O clube dedica-se a futebol e à arte dramática (teatro amador), dispondo de uma biblioteca para utilização dos seus associados com leitura domiciliária.

Zacarias da Silva

Erro na Datação do OLISIPO

Muitos dos exemplares do n.º 135 do nosso boletim traziam um erro muito inconveniente na capa, felizmente não repetido no rosto: Julho-Dezembro de 1973.

Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores, que decerto rapidamente se aperceberam do erro: 1973 em vez de 1972.

ACTIVIDADE CULTURAL

1.º Semestre de 1973

ENTRE as actividades do 1.º semestre do ano corrente destacam-se as visitas de estudo feitas, em Abril, à igreja de S. Jorge de Arroios, templo de arrojado plano architectónico e no qual os visitantes foram elucidados pelo Rev.º Padre José de Freitas, quanto à contextura desse grande edifício e à vasta obra assistencial, ali em realização: centro cultural, creche, escolas nocturnas para adultos, refeitório para pobres, catequese, assistência à juventude, etc. No mesmo mês, elevado número de associados visitou as novas e magníficas instalações do Ginásio Clube Português, onde foi recebido pelo director Sr. Crisóstomo Teixeira, que muito amavelmente acompanhou os visitantes, esclarecendo-os minuciosamente quanto aos fins e vantagens da antiga instituição de Utilidade Pública.

A exposição particular de material didáctico do Centro de Profilaxia foi visitada em Maio e gentilmente guiada pelo seu director Dr. Paulo Cantos. No mesmo mês, a 27, foi visitado o Grupo Desportivo da Mouraria, actualmente instalado no antigo Palácio dos Távoras, tendo o seu director, Sr. António Henrique de Almeida, feito pormenorizada descrição da história e finalidade dessa prestigiosa e antiga associação de «Bem-Fazer». Foram percorridas as magníficas instalações, totalmente aproveitadas na sua traça antiga e muito apreciados os belos e valiosos azulejos dos séculos XVII e XVIII. Pela direcção do Grupo visitado foi concedido aos «Amigos de Lisboa» um diploma de honra, que muito os sensibilizou, tendo-se os visitantes retirado muito favoravelmente impressionados com a obra assistencial do antigo Grupo Desportivo da Mouraria. Após esta visita, os «Amigos de Lisboa» dirigiram-se para a Capela de Nossa Senhora da Saúde, onde foram recebidos pelo Vice-Presidente da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e S. Sebastião, Sr. Coronel João Lídio Ferreira, que a todos prestou claras e eruditas informações quanto à his-

tória do velho templo. Foram também patentes aos visitantes os velhos livros de assentos, os antigos e ricos mantos e as valiosas coroas da venerada imagem de Nossa Senhora da Saúde.

Em Junho, a 24, numerosos sócios deslocaram-se à Merceana, em visita aos seus principais monumentos. Na igreja matriz, foram recebidos pelo Presidente e Adjuntos da Confraria de Nossa Senhora da Piedade, que muito amavelmente guiaram a visita, mostrando aos associados um magnífico conjunto de riquezas artísticas e históricas, muito cuidadosamente conservadas. Em seguida dirigiram-se à antiga vila de Aldeia Galega da Merceana, que então celebrava a sua festa anual e ali ouviram interessantes explicações sobre a história da vila, gentilmente prestadas pelo Sr. Dr. Manuel da Silva. Após o almoço, num restaurante local, realizado num ambiente de alegre confraternização, os visitantes dirigiram-se à Serra de Montejunto, onde foram atenciosamente recebidos pelo senhor comandante da Esquadra Aérea, ali instalada, tendo também visitado as antigas instalações para produção e armazenamento de gelo. Por fim, observaram de perto as instalações do Radar e as capelas de S. João e de N.^a S.^a das Neves, assim como as ruínas dos conventos que ali existiram. Os visitantes regressaram a Lisboa com as melhores impressões de um dia bem passado.

Em Março, a 30, realizou-se na sede, com numerosa assistência, uma conferência pelo jornalista e produtor radiofónico, Sr. Ápio Garcia, subordinada ao tema «Alfredo Marceneiro — Uma Voz de Lisboa». O principal objectivo desta realização foi prestar homenagem ao «Patriarca do Fado», na altura em que ele comemorava o 82.^o aniversário natalício, tendo à entrada da sede dos «Amigos de Lisboa» sido feita uma parada de honra ao homenageado, por «marialvas» e «severas». O Presidente da Assembleia Geral do Grupo «Amigos de Lisboa», Sr. Dr. Braga Paixão, deu a palavra ao conferente, que fluentemente descreveu os primeiros tempos da actividade de Alfredo Marceneiro e alguns episódios inéditos da sua vida artística. A palestra foi ilustrada com projecções de várias fotografias e transmissão de trechos de algumas das suas melhores criações. A assistência de pé aplaudiu vivamente o conferencista e o homenageado, tendo este agradecido muito emocionado a todos os presentes.

A 14 de Abril foi inaugurada na sede uma exposição de guachos do nosso consócio pintor António Cristino, composta de quadros de motivos decorativos e aspectos de Alfama, que foi muito concorrida.



*Palavras de homenagem a
Alfredo Marceneiro*



*A mesa na homenagem a
Alfredo Marceneiro*



*Alfredo Marceneiro
— uma voz de Lisboa*



*Um aspecto da assistência
na homenagem a Alfredo
Marceneiro*

2.º Semestre de 1973

EM Julho, a 5, na sede, realizou-se uma palestra, feita pelo Sr. Dr. Leonel Ribeiro, intitulada «Lisboa em escritores franceses». No dia 8, do mesmo mês, mais uma vez a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa ofereceu cem entradas para o habitual passeio no Tejo que, como os anteriores, decorreu num ambiente do maior agrado.

A 15, mais de uma centena de associados, acompanhados do Vice-Presidente do Grupo, Dr. Paulo Caratão Soromenho, visitaram a 1.^a Aldeia de Crianças S.O.S. em Portugal, situada em Bicesse, obra particular de assistência, digna dos maiores encómios e auxílio. Foram os visitantes recebidos pelo Chefe da Aldeia, Padre Martins, por uma assistente social e também por uma das suas Vice-Presidentes. Após esta interessante visita, seguiram para as grutas artificiais eneolíticas de Alapraia, onde foram recebidos pelo Sr. Eng.º D. António Castelo Branco, director dos Serviços Geológicos de Cascais, e fluentemente elucidados quanto às mesmas pelo Sr. Dr. Caratão Soromenho que, igualmente, no Museu de Castro Guimarães, em Cascais, dirigiu uma visita pormenorizada à sala do espólio das grutas.

Em 25 de Outubro, o Sr. Vice-Presidente da Junta Directiva, Dr. Paulo Caratão Soromenho, proferiu, como membro do Grupo e em sua representação, uma palestra no Rotary Clube de Lisboa-Oeste, sob o título de «A Tomada de Lisboa», em sessão realizada no restaurante O Peixe, em Belém. Estavam presentes dezenas de sócios, e o Boletim do Clube referiu-se largamente a este facto. O convite ao Grupo e ao seu representante foi feito por intermédio do ilustre médico Sr. Dr. Ramiro da Fonseca. A sessão foi presidida pelo Senhor Arq.º Martinez Santos.

Em Novembro, a 11, numeroso grupo de sócios e pessoas de sua família, acompanhados pelo Director Secretário-Geral do Grupo, Dr. José Cassiano Neves e mais membros da Junta Directiva, visitaram o Lar das Velhinhas de Carnide, actualmente ao cuidado da Confraria de S. Vicente de Paulo, instalado no antigo Mosteiro de Santa Teresa, de Carnide, onde foram recebidos pela irmã Superiora e pelo Director Sr. Hermann Leça da Veiga e demais pessoal daquela modelar instituição. O Sr. Professor Francisco d'Assis de Oliveira Martins fez a



Dois aspectos da visita às Aldeias S. O. S.



história do vetusto convento, a que está intimamente ligada a memória da muita piedosa Infanta Dona Maria, filha de D. João IV, que dotou o convento de magníficas preciosidades e também da igreja de Santa Teresa. No fim da notável exposição do Sr. Professor Oliveira Martins, fez-se a visita pormenorizada às magníficas instalações, que envolvem o Lar das Velhinhas e o ensino infantil e primário, tendo-se os visitantes retirado encantados com a forma primorosa como tudo se apresentava.

No dia 15, realizou-se uma visita de estudo ao Instituto Alemão, situado no Campo de Santa Ana, onde anteriormente funcionou a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, e embora a fachada do antigo Palácio tenha conservado a sua traça anterior, interiormente foi grandemente modificado em ordem às novas funções que passou a desempenhar. Em estilo moderno, agradável e funcional, deixou nos visitantes as melhores impressões. Esta interessante visita foi amavelmente guiada pelo Sr. Dr. K. P. Hardow, Professor do Instituto.

No domingo, 25, com extraordinária concorrência de associados, efectuou-se uma visita de estudo à Fundação Calouste Gulbenkian, onde foram recebidos da forma mais amável, pelo seu Presidente Dr. Azevedo Perdigão, que em notável palestra elucidou os visitantes quanto à história da instalação no nosso País da valiosa e benemérita Fundação. Foram em seguida visitadas as magníficas instalações, tendo a Conservadora do museu D. Maria Teresa Gomes Ferreira, o Sr. Eng.º Lucas e mais funcionários prestado interessantes esclarecimentos aos visitantes.

No dia 10 de Dezembro, o Sr. Dr. Fernando Castelo-Branco proferiu, no salão de conferências do Grupo, uma erudita conferência intitulada «Lisboa e o Ensino em Portugal», tendo a assistência apreciado muito a brilhante palestra.

A 17 do mesmo mês, numerosos associados deslocaram-se em visita cultural às igrejas de Santo António da Sé e da Conceição Velha, nas quais o Sr. Dr. Paulo Caratão Soromenho prestou aos visitantes vários e valiosos informes sobre a história dos dois templos. No Museu Antoniano o Sr. Eng.º Júlio Eduardo dos Santos elucidou os presentes quanto às peças expostas. O Dr. Caratão Soromenho acompanhou os sócios ainda num pequeno passeio pelo sítio da Sé, mostrando algumas das curiosidades locais: lápides, azulejos, velhos edifícios, trechos da muralha moura, recantos curiosos.

RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA

referente ao ano de 1972 e ao triénio de 1970/2

Ex.^{mos} Consócios:

Em harmonia com o preceituado no Art.º 33.º dos Estatutos, cumpre-nos submeter à apreciação de V. Ex.^{as} o presente relatório, concernente ao supramencionado período de actividade do Grupo.

Iniciamo-lo pelo *movimento de sócios* em 1972:

Existiam em 31-12-971 Efectivos	850	
Honorários	2	852
	—	—
Existiam em 31-12-971: Efectivos	850	
Foram demitidos	42	70
	—	—
Admitidos em 1972	29	
Readmitido	1	30
	—	—
Ficam existindo	812	

No mesmo ano, faleceram os seguintes sócios:

- 95 — Prof. Doutor Fernando Freitas Simões
- 125 — Eng.º João dos Santos Simões
- 198 — Marquês de Rio Maior
- 801 — Dr. Joaquim da Silva Pinto
- 1211 — Pedro Correia Marques
- 1284 — Júlio J. Gomes Ferreira
- 1575 — D. Magdalena Sotto-Mayor Pinto Basto
- 1637 — Raul Lopes d'Oliveira
- 1924 — António Santos Silva

- 2055 — Dr. António de Azevedo Meyrelles do Souto
- 2085 — Eng.º Francisco de Melo Ferreira D'Aguiar
- 2536 — D. Margueritte Müller
- 2571 — Manuel da Câmara
- 2722 — Dr. João Ortigão Ramos
- 2732 — Dr. Manuel Freire de Andrade
- 2895 — Manuel da Costa
- 3107 — Alexandre Ascensão Cardoso
- 3166 — Eng.º Arnaldo da Silva Dias
- 3232 — Coronel Emygdio Duarte Cadima
- 3257 — Eng.º Francisco Jacques Santa Clara da Cunha
- 3266 — José A. M. Costa
- 3386 — Eng.º Sebastião Garcia Ramirez
- 3392 — Dr. Aníbal Cardoso e Cunha
- 3458 — Coronel Francisco Pereira Lacerda Machado
- 3467 — D. Edith Bensaúde
- 3539 — José Leal Dias
- 3553 — José Luiz Nobre e Mendonça
- 3574 — D. Fernanda Mouzinho de Albuquerque

À memória de todos prestamos comovida homenagem, propondo que, na acta da sessão da Assembleia Geral, em que for presente este relatório, seja exarado um voto de pesar pela perda de tão dedicados amigos desta agremiação, alguns dos quais a ela pertenceram largos anos e mesmo exerceram eficientemente funções nos seus Corpos Directivos: seja-nos permitido, por isso, fazer menção de vários desses prestimosos elementos.

Em primeiro lugar, citamos o Doutor Fernando Freitas Simões, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, Presidente da Junta Directiva em alguns triénios sucessivos, que bem serviu a causa do Grupo, dedicando-lhe constante entusiasmo, ainda nos mais difíceis períodos da vida associativa; o Marquês de Rio Maior (Brigadeiro D. João António Saldanha de Oliveira e Sousa), que desempenhou as funções de Presidente da Assembleia Geral; e o Coronel Francisco Pereira Lacerda Machado, Presidente da Comissão de Contas. Citamos ainda o Engenheiro João dos Santos Simões, grande autoridade no estudo da azulejaria nacional, autor de vasta obra da especialidade, que em conferências ou participação em visitas ou sessões de estudo cooperou com brilho em iniciativas do Grupo; Pedro Correia Marques, categorizado jornalista, que, nessa função, acolheu com entusiasmo muitas das realizações dos «Amigos de Lisboa», como algumas

das suas mais importantes exposições e conferências; o Brigadeiro Dr. António de Azevedo Meyrelles do Souto, que honrou frequentemente o nosso Boletim através de colaboração de História e de Arte; e ainda outros, que indirectamente contribuíram para o prestígio do Grupo pela sua actuação na vida social portuguesa, actividade cultural olisiponense ou valor de suas produções científicas ou profissionais, como entre outros, o Engenheiro Sebastião Garcia Ramires, Dr. João Ortigão Ramos e Engenheiro Francisco Jacques Santa Clara da Cunha.

*
* *
*

Seguem algumas notas relativas às principais manifestações associativas no triénio em referência.

Resumo das actividades associativas em 1970

A primeira manifestação mais relevante foi a sessão consagrada ao primeiro centenário do nascimento do grande olisipógrafo e nosso primeiro Presidente, Engenheiro Coronel Augusto Vieira da Silva, efectuada na sede, sob a presidência do Sr. Doutor Eduardo Neves, que proferiu o elogio dos insigne investigador.

Continuou, em Janeiro, a exposição inaugurada no final de 1969, de obras oratórias de autores lisboetas dos séculos XVII e XVIII e de bibliografia antoniana de erudição (então recente), da colecção do nosso consócio Eng.º Júlio Eduardo dos Santos.

Em Fevereiro, realizaram-se visitas de estudo à Igreja Paroquial da Pena, cujo imóvel e valioso órgão tinham sido recentemente beneficiados, e às instalações das Oficinas de S. José e novo templo anexo; e efectuou-se uma sessão da série *Colóquios Olisiponenses*, orientada pelo Sr. Doutor Eduardo Neves.

Em Março, registou-se interessante visita de estudo às instalações dos Inválidos do Comércio, ao Lumiar; o almoço comemorativo do 34.º aniversário do Grupo, no Restaurante Tavares; e uma conferência, na sede, do Sr. Dr. Octávio da Veiga Ferreira — em ambiente largamente concorrido — sobre «Estudo do Campaniforme na Península de Lisboa».

O Grupo, que se associou às manifestações prestadas ao Ex.^{mo} General António Vitorino França Borges por ocasião de terem cessado as suas funções de Presidente do Município, recebeu a visita de Sua Excelência, que é nosso dedicado consócio.

Em Abril, também se dignou visitar a sede, a fim de retribuir as saudações do Grupo por ocasião da sua posse como novo Presidente da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, o Sr. Engenheiro Fernando Santos e Castro.

Em Maio, além da 66.^a sessão de *Colóquios Olisiponenses*, numerosos sócios visitaram o Mosteiro de Alcobaça e a cidade das Caldas da Rainha; a nova igreja do Coração de Jesus, em Lisboa; e ainda as instalações da Biblioteca Nacional, no Campo Grande.

Em Junho, grande número de associados esteve nas instalações do novo edifício da *Philips*, na Avenida Duarte Pacheco, em Lisboa, onde assistiu à projecção de um filme. *O Teatro do Ginásio* constituiu tema de interessante conferência realizada na sede, pelo Sr. Dr. Luís de Oliveira Guimarães.

Em Junho, grande número de associados esteve nas instalações aos mais característicos números das Festas dos Tabuleiros, em Tomar; efectuou-se a 67.^a sessão dos *Colóquios Olisiponenses* (comunicações do Dr. Paulo Caratão Soromenho e Eng.^o Júlio Eduardo dos Santos, respectivamente, acerca de «Doces Lembranças do Convento de Odivelas» e «Breve Evocação do Lisboeta Monterroio Mascarenhas, criador do jornalismo português de ampla informação»; visita ao Museu Nacional dos Coches; e, já em Agosto, participação num passeio no Tejo, por convite da Ex.^{ma} Câmara Municipal.

Em Outubro, outros convites também do Município, para vários actos oficiais, entre os quais, no dia 25, inauguração do medalhão em homenagem a Silvestre Pinheiro Ferreira, na Estrada de Benfica, e da estátua de S. Vicente, do escultor Raul Xavier — em que o Grupo foi representado pelo Presidente da Junta Directiva Doutor Eduardo Neves e pelo antigo director Eng.^o Júlio Eduardo dos Santos.

Em Novembro, visitas ao Palácio da Justiça, na Rua Marquês de Fronteira, e à Fábrica de Cervejas, em Vialonga; e almoço de confraternização no Hotel Mundial, em Lisboa.

Em Dezembro, visita de estudo à escola Profissional de Pesca Dr. Gonçalves de Proença, em Pedrouços.

Resumo das actividades associativas em 1971

Em Fevereiro realizou-se uma exposição de litografias, gravuras, etc. de trajos nacionais, da colecção da Directora Dr.^a Anna-Maria Pereira da Gama, certame que obteve grande êxito; e também a projecção de 200 diapositivos, gentilmente cedidos pelo Comissariado Geral Belga de Turismo, sobre «A Bélgica Folclórica, Artística e Monumental: suas praias e paisagem»; tendo proferido no final desse mês uma conferência o Sr. Dr. Leandro Tocantins, adido cultural da Embaixada do Brasil: «Brasil e Brasileiros», trabalho do mais alto interesse.

Em Março: visita ao Museu de Arte Popular, em Belém; exposição de paisagens e retratos, do consócio Sr. Fausto Beleza, à qual largamente se referiu a Imprensa; e uma notável conferência sobre «Ebo-rensens em Lisboa», pelo Dr. Manuel de Carvalho Moniz.

Em Maio: conferência do Coronel Francisco Pereira Lacerda Machado e exibição de diapositivos da Dr.^a D. Anna-Maria Pereira da Gama, a propósito da visita do Grupo à Festa dos Tabuleiros, Tomar, no ano anterior. A conferência foi largamente documentada com quadros, loiças, livros, etc., referentes ao assunto. Ainda neste mês numerosos associados estiveram na Nazaré, em passeio que em todos deixou as mais gratas recordações.

Particular significado assumiu, ainda em Maio, o convite recebido da Associação Lisbonense de Proprietários, para visita de estudo à sede desta importante colectividade. Compareceram o Presidente da Junta Directiva, o Presidente da Comissão de Contas e vários Directores.

Em Junho, o Grupo deslocou-se à Estação Fruteira de Castanheira do Ribatejo, localidade em que também visitou a vetusta igreja de S. Bartolomeu, e depois a Vila Franca de Xira, onde o Sr. Dr. Leonel Ribeiro preleccionou sobre a primeira localização da vila; e ainda à igreja de Santa Cruz do Castelo e respectiva freguesia. Despertou grande interesse o tesouro da Irmandade, que inclui curiosas e preciosas pratas e grande parte dos paramentos que serviam no cortejo de S. Jorge, que se efectuava no dia da procissão do Corpo de Deus.

Em Julho: um dos já habituais passeios, para os quais a Ex.^{ma} Câmara Municipal tem convidado os «Amigos de Lisboa»; um passeio cultural à Península de Tróia, com visita, na parte arqueológica, orien-

tada pelo nosso ilustre consócio Dr. Leonel Ribeiro, da Associação dos Arqueólogos Portugueses; transporte em autocarros no trajecto Grândola-Adoxe e, finalmente, visita à Torralta e suas modernas instalações da praia. Compareceram cerca de trezentas pessoas.

Ainda no mês em referência proferiu, na sede do Grupo, o Sr. Dr. Leonel Ribeiro notável conferência, acerca de «Lisboa e a Base Românica da Linha do Tejo», que foi publicada na íntegra em *Olisipo*.

Em Dezembro, foram visitar as instalações técnicas dos Transportes Aéreos Portugueses — TAP; no dia 12, no Hotel Embaixador, de Lisboa, reuniu-se importante núcleo de sócios em almoço de confraternização, pelo 35.º aniversário do Grupo; e, a 16, efectuou-se a 68.ª sessão dos Colóquios Olisiponenses, à qual presidiu o Sr. Doutor Eduardo Neves, Presidente da Junta Directiva, e de que foi orientador o antigo Director Eng.º Júlio Eduardo dos Santos. Foram os assuntos apresentados nesta reunião: a) apreciação de alguns problemas de estética citadina, motivados por remodelações operadas em zonas da antiga área de Lisboa; b) alvitre para participação do Grupo nas grandes manifestações nacionais, comemorativas do IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*. Os dois temas propostos foram largamente apreciados, o que levou o Presidente da Junta Directiva a declarar que, em virtude de tão entusiástico apoio, seriam constituídas duas comissões de estudo, a fim de organizarem os programas dos respectivos trabalhos. Foi ainda deliberado que se celebrasse o cinquentenário da gloriosa primeira travessia aérea do Atlântico Sul, levada a efeito por dois insignes portugueses, um dos quais, o Almirante Gago Coutinho, filho de Lisboa. Lembrou o Sr. Presidente da Junta Directiva que poderia considerar-se, ainda que em outro plano, o sesquicentenário de uma tradição de freguesia próxima da capital, que sempre lhe dedicou especial carinho: o do início do culto de Nossa Senhora da Rocha, de Carnaxide.

Resumo das actividades associativas de 1972

Entre as actividades do Grupo durante o ano de 1972 distinguimos as conferências dos Srs. Professor Abílio Mendes do Amaral, Dr. Leonel Ribeiro, Capitão-de-Mar-e-Guerra Manuel Afonso Dias, Dr. Paulo Caratão Soromenho e Professor Francisco de Assis de Oliveira Martins, respectivamente intituladas: «A Fonte Santa»; «O *Sim* e o

Não da Alma Portuguesa»; «Gago Coutinho Geógrafo», esta incluída nas comemorações do 50.º aniversário da Travessia Aérea do Atlântico Sul; «Arte Rupestre Tagana» na qual, além do conferente dissertaram dois arqueólogos do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português, que ilustraram as suas explicações com projecções; e «Lisboa no Tricentenário de Camões — 1880», sendo esta conferência integrada nas comemorações a assinalar o IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*.

Também se realizaram duas interessantes exposições, sendo uma de Óculos Antigos (exemplares, bibliografia, etc.) da colecção dos Srs. Doutor Eduardo Neves, José Pizani Burnay e Marcial Pereira Mendes, e a outra de desenhos sobre motivos madeirenses e lisboetas, apresentada pelo consócio Luís Trindade, ambas muito visitadas e referenciadas na Imprensa.

Ao acto inaugural desta última exposição dignaram-se comparecer a esposa e a filha do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Coronel Silva Sebastião.

Em Junho, a 10, cerca de uma centena de sócios da Associação Cultural Amigos do Porto, acompanhados pelo seu Presidente, Dr. Bonifácio da Costa e pelo Secretário-Geral Sr. Osório de Almeida Marçal e ainda por outros Directores, deslocou-se à capital para prestar homenagem a Luís de Camões, em comemoração do IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*. Foram aguardados pelo representante da Câmara Municipal de Lisboa, D. Segismundo Saldanha, Vice-Presidente do Município, e pela Direcção dos «Amigos de Lisboa», tendo-se em seguida dirigido ao monumento a Camões, no qual foram depostos dois artísticos ramos, usando, em seguida, da palavra o Secretário-Geral dos «Amigos do Porto», o Secretário-Geral dos «Amigos de Lisboa», Dr. José Cassiano Neves, e D. Segismundo Saldanha a agradecer. Após esta cerimónia foi visitada a sede dos «Amigos de Lisboa» e à sua Direcção foi oferecido pelo Grupo visitante um medalhão dourado com o brasão da cidade do Porto. Em alegre confraternização os visitantes, aos quais foram oferecidas publicações de carácter lisiponense (edições do Grupo e de alguns associados), conviveram com a Direcção dos «Amigos de Lisboa» e com alguns dos seus sócios, até ao fim da tarde.

Em 10 de Novembro, pelas 15 horas, a convite da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, foram visitadas as Termas Romanas de Lisboa,

situadas no cruzamento da Rua da Prata com a Rua da Conceição, pelos membros da Junta Directiva Srs. Dr. José Cassiano Neves, Dr. Paulo Caratão Soromenho, Dr.^a Anna-Maria Pereira da Gama, Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos e Inocêncio Castelhana.

De igual forma, procurou-se corresponder à amabilidade de outros organismos oficiais ou agremiações, na sequência da fraterna cooperação cultural pelos «Amigos de Lisboa», sempre aceite com muito apreço desde a sua fundação.

Em Dezembro realizou-se uma visita ao antigo e prestigioso estabelecimento de ensino Ateneu Comercial de Lisboa, dirigida pelo membro da Junta Directiva do Grupo e professor do Ateneu, Sr. Dr. Paulo Caratão Soromenho, tendo sido os visitantes, em grande número, recebidos pelo Presidente da Direcção e por alguns membros dos seus Corpos Directivos.

Como nos anteriores anos e por amável cedência de lugares pela Ex.^{ma} Câmara Municipal, realizou-se em Julho mais um passeio no Tejo. Também, como habitualmente, a Ex.^{ma} Câmara, para as suas realizações culturais, enviou convites à Direcção, que gostosamente sempre se fez representar.

Dos mapas e elementos estatísticos, compreendidos neste Relatório, podem depreender-se a natureza e eficiência de muitas iniciativas, que apenas são esboçadas no relato, que acaba de ler-se.

Temos a honra de propor os seguintes votos, em conclusão deste Relatório:

- a) Um voto de sentimento pelos sócios falecidos, acima mencionados no presente Relatório;
- b) Que seja reafirmada a gratidão do Grupo — oportunamente feita pela Direcção — pelo apoio recebido da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa, quanto aos subsídios concedidos nos anos de 1970, 1971 e 1972, quando ocupavam a presidência do Município os antigos Presidentes General António Vitorino França Borges (1970) e Eng. Fernando Santos e Castro (1971 e 1972);

- c) Um voto de agradecimento à Imprensa, à Rádio e à Televisão, pelo apoio que concederam à vida associativa durante o triénio em referência;
- d) Que se manifeste o apreço em que foi tida a cooperação dada pelo pessoal aos serviços por este desempenhados, destacando-se o justo esforço com que os componentes da secretaria sempre procuraram e conseguiram cumpri-los.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1972.

A JUNTA DIRECTIVA

O PRESIDENTE

Doct. Med. Eduardo Augusto da Silva Neves

O VICE-PRESIDENTE

Dr. Álvaro do Amaral Barata

O SECRETÁRIO-GERAL

Dr. José Cassiano Neves

O SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho

O TESOUREIRO

Inocêncio Castelhana

OS VOGAIS DA JUNTA DIRECTIVA

Dr. Paulo Caratão Soromenho

P.^e Francisco dos Santos Costa

Dr.^a D. Anna-Maria Pereira da Gama

BALANÇO

CONTAS	ACTIVO	PASSIVO
Biblioteca	13.329\$22	
Móveis e Utensílios	401\$50	
Devedores e Credores c/ Consignação	6.142\$50	84.226\$18
«Olisipo»	20.127\$00	
Caixa	7.081\$20	
Consignações de c/ Alheia	83.425\$60	
Valores à Cobrança	1.036\$70	
Edições	3.316\$17	
Subsídios da C. M. L.		146.712\$00
Fundo Variável		30.304\$42
Devedores e Credores	132.702\$00	21.247\$24
Consignações de c/ Própria		6.149\$50
Emblemas.	40\$00	
Resultado do Exercício	21.037\$45	
	288.639\$34	288.639\$34

Conta dos Resultados do Exercício de 1972

CONTAS	DÉBITO	CRÉDITO
Jóias		795\$00
Cartões de Identidade		75\$00
«Olisipo»	13.700\$30	
Consignações de c/ Alheia		11.669\$50
Gastos Gerais	119.379\$50	
Realizações Culturais	4.003\$00	
Cotas		102.032\$00
Receitas Diversas		1.424\$90
Edições		26\$45
Emblemas.		22\$50
Resultado do Exercício		21.037\$45
	137.082\$80	137.082\$80

PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS

referente ao exercício de 1972

Ex.^{mos} Consócios:

Tendo apreciado o relatório e as contas da Junta Directiva, referentes ao ano de 1972, a Comissão de Contas continua a ver com apreensões a situação do Grupo, tanto mais que houve uma situação deficitária, no final da gerência, do montante de 21.037\$45.

O número de sócios continua a diminuir duma maneira alarmante. A diminuição durante o exercício foi de 40, fixando-se os existentes em 812.

Há que assinalar o importante subsídio de 100.000\$00, com que a Ex.^{ma} Câmara Municipal se dignou contribuir para a manutenção do Grupo.

Nestes termos, tendo verificado a exactidão das contas, temos a honra de propor que aproveis o seguinte:

- a) Relatório e contas do exercício, incluindo os votos consignados no mesmo;
- b) Um voto de louvor à Junta Directiva, pelo zelo com que geriu os actos administrativos.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1973.

PELA COMISSÃO DE CONTAS

O RELATOR

Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos

BALANÇO

CORPOS GERENTES

Em Janeiro de 1973 foram eleitos os seguintes sócios do Grupo Amigos de Lisboa:

PARA OS CORPOS DIRECTIVOS

ASSEMBLEIA GERAL

- Presidente* — Dr. V. M. Braga Paixão
Vice-Presidente — Dr. Álvaro do Amaral Barata
1.º Secretário — Joaquim Pascoal Rodrigues
2.º Secretário — Joaquim Paço d'Arcos

JUNTA DIRECTIVA

EFFECTIVOS

- Presidente* — Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves
Vice-Presidente — Dr. Paulo Caratão Soromenho
Secretário-Geral — Dr. José Cassiano Neves
Secretário-Geral Adjunto — Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho
Tesoureiro — Inocêncio Castelhamo
Vogais — Dr.^a D. Anna-Maria Pereira da Gama
Padre Francisco dos Santos Costa
Professor Francisco de Assis de Oliveira
Martins
Dr. Leonel Ribeiro

SUBSTITUTOS

- Presidente* — Prof. Doutor João Cândido de Oliveira
Vice-Presidente — Prof. Doutor Cândido Nunes da Silva
Secretário-Geral — José Pires Cardoso de Oliveira
Secretário-Geral Adjunto — Arq.º António Maria Veloso Reis Camelo
Tesoureiro — Dr. Artur Gouveia de Carvalho
Vogais — Acúrcio Pereira
Eng.º José de Araújo Correia
Dr. José Garrido Mendes da Cruz
Dr. Artur Rebelo de Almeida

COMISSÃO DE CONTAS

EFFECTIVOS

- Presidente* — Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos
Secretário — Eng.º Júlio Eduardo dos Santos
Relator — Carlos de Barros Queiroz

SUBSTITUTOS

- Presidente* — Luciano Mendes Moreira
Secretário — Eng.º Diogo Sobral
Relator — Dr. Vasco Tomás do Rio Penha Coutinho

SECÇÃO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E DEFESA DO PATRIMÓNIO OLISIPONENSE

- Dr.ª D. Anna-Maria Pereira da Gama*
Dr. José Cassiano Neves
Dr. Durval Pires de Lima
D. Julieta Ferrão
Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho
Dr. Leonel Ribeiro

SECÇÃO DE ESTUDOS ECONÓMICOS E SOCIAIS

Dr. Jaime Lopes Dias
Eng.º José de Araújo Correia
Prof. Doutor José Pires Cardoso
Doutor José Henrique de Azeredo Perdigão
Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos
Carlos Augusto Marques

SECÇÃO DE ESTUDOS DE ESTÉTICA E URBANIZAÇÃO

Professor Armando de Lucena
Eng.º Diogo Sobral
Eng.º Júlio Eduardo dos Santos
Dr. Paulo Caratão Soromenho
D. Julieta Ferrão
Arq.º António Maria Veloso Reis Camelo

SECÇÃO DE MOVIMENTO CULTURAL E PROPAGANDA

Dr. José Pedro Machado
Padre José Correia da Cunha
D. Julieta Ferrão
Fernando Dias Pereira
Dr. José Garrido Mendes da Cruz
Adolfo Simões Müller

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.º livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo, 70 - 74 .

Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

LISBOA-2



**Banco
Borges & Irmão**

**um amigo
em todo o País**

